Ir. Edwiges Caleffi

VIDA DE MADRE OLIVA MARIA DE JESUS

Monja Concepcionista de Santa Beatriz, OIC

Fé e suavidade sob o olhar da Virgem Imaculada

Irmã Edwiges Caleffi
(Madre Maria Beatriz do Espírito Santo)

A VIDA DE MADRE OLIVA MARIA DE JESUS

Monja Concepcionista de Santa Beatriz, OIC

Fé e suavidade sob o olhar da Virgem Imaculada

Irmã Edwiges Caleffi
(*Madre Maria Beatriz do Espírito Santo*)

A Vida de Madre Oliva Maria de Jesus

Monja Concepcionista de Santa Beatriz, OIC

Fé e suavidade sob o olhar da Virgem Imaculada

Reformadora e primeira Abadessa do
Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz
em São Paulo, SP,

Reformadora do
Mosteiro da Imaculada Conceição e Santa Clara
em Sorocaba, SP

e

Fundadora do
Mosteiro da Imaculada Conceição
em Guaratinguetá, SP
Brasil

3ª Edição
Ampliada e revisada sob supervisão da Autora
São Paulo, SP

2012

Associação Madre Oliva Maria de Jesus

Caleffi, Irmã Edwiges

A Vida de Madre Oliva Maria de Jesus, Monja Concepcionista de Santa Beatriz, OIC - Fé e suavidade sob o olhar da Virgem Imaculada / Caleffi, Irmã Edwiges. – Ponta Grossa, PR, Mosteiro Portaceli.

ISBN: 978-85-65801-00-3

200. Religião

Coordenação: Claudio Luiz Mariotto
Revisão: Irmã Edwiges Caleffi
Revisão ortográfica: Maria José Labriola Campos Negreiros
Imagens: As fotos da 1ª edição, várias delas aqui reproduzidas, assim como algumas estampas religiosas cedidas pela Autora, são de autoria desconhecida,. As fotos recentes são de Braulio Baptista, Maria Helena Cervenka Bueno de Assis, Flora Maria Labriola de Campos Negreiros Gemignani, José Roberto Valentini, Claudio Luiz Mariotto e Foto Tanaka.
Concepção da capa: Irmã Edwiges Caleffi
Arte da capa: Carlos Clarindo

A Autora deseja que os resultados desta 3ª edição revertam para as obras da
CONGREGAÇÃO DOS HUMILDES SERVOS DA RAINHA DO AMOR
Unidade I – "CASA DE MARIA"
Rua Desembargador Rodrigues Sette, 93 (Jardim Peri)
CEP 02634-070 - São Paulo, SP
Telefone: 0 – xx - 11 - 2501-2786
www.servosdarainhadoamor.org.br
CNPJ 00.000.351/0001-00

1ª Edição – São Paulo, 1949
2ª Edição – São Paulo, 2001
3ª Edição – São Paulo, 2012

ASSOCIAÇÃO MADRE OLIVA MARIA DE JESUS
www.madreoliva.org.br

Esclarecimento

Embora o texto seja essencialmente o mesmo da 1ª edição, recorre-se nesta 3ª edição a um Prólogo e a um Apêndice para fazer menção a importantes acontecimentos posteriores ao falecimento de Madre Oliva Maria de Jesus em 1949.

As modificações eventualmente introduzidas no texto original são principalmente de caráter ortográfico ou formal e visam apenas a facilitar a leitura e, em pouquíssimos casos, a adaptá-lo a uma linguagem mais contemporânea. Assim, por exemplo, omitiram-se alguns títulos e expressões de tratamento formal referentes a pessoas mencionadas, mas os diálogos foram mantidos em sua forma original.

Além disso, incluíram-se notas de rodapé com a finalidade de esclarecer fatos e expressões que poderiam não ser familiares a todos os leitores.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas participaram ativamente dos trabalhos desta edição e o fizeram de forma desinteressada. Mas não podemos deixar de mencionar:

- o MOSTEIRO DA LUZ, de São Paulo, em particular de MADRE ELIANA CRISTINA, à época sua ABADESSA, que permitiu a consulta a alguns arquivos e a tomada de fotos de objetos mencionados no texto, e MADRE JOANA ANGÉLICA DE JESUS (*in memoriam*) que concordou em transmitir à equipe encarregada desta edição um pouco do que foi sua convivência com Madre Oliva Maria de Jesus.
- o MOSTEIRO PORTACELI, de Ponta Grossa, na pessoa de sua abadessa MADRE MARIA LEONI pela permissão para que MADRE MARIA BEATRIZ DO ESPÍRITO SANTO realizasse a providencial revisão final do texto e redigisse a *INTRODUÇÃO À 3ª EDIÇÃO*.
- o MOSTEIRO DE PIRACICABA, na pessoa de IRMÃ MARIA ANTONIA, por preciosas informações constantes do Apêndice.

ASSOCIAÇÃO MADRE OLIVA MARIA DE JESUS

Declaração

Em conformidade com os Decretos de Urbano VIII e os posteriores da Sagrada Congregação dos Ritos e Direito Canônico, declaramos que os fatos narrados neste livro e os termos de veneração nele empregados, devem ser aceitos somente com a fé que merecem os verdadeiros testemunhos humanos, e de modo algum queremos nos opor ao juízo da Santa Sé Apostólica, da qual somos obedientíssimas filhas.

Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz

Dezembro de 1949

Sumário

N. SENHORA DA LUZ

APRESENTAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO

A primeira edição deste livro data de 1949, ocasião em que a autora, Madre Maria Beatriz do Espírito Santo [cujo nome civil é Irmã Edwiges Caleffi], preferiu ficar no anonimato. Neste precioso livro ela compartilha conosco a extraordinária experiência de ter convivido, durante vários anos, com uma figura das mais expressivas dos meios religiosos de São Paulo.

Trata-se da Madre Oliva, como era conhecida pelas religiosas, pelos seus parentes e pelas demais pessoas que a procuravam para contar-lhe seus problemas e dela receber orientação, apoio e orações.

Madre Oliva esteve por mais de cinquenta anos no Mosteiro da Luz. Foi durante muitos anos prelada e abadessa; renovou a prática da vida religiosa da comunidade e nela introduziu a observância da Regra Concepcionista. Para igual melhoramento, a pedido dos superiores, concorreu enviando ao Convento de Sorocaba duas Irmãs da Luz. Promoveu a fundação de novo Mosteiro em Guaratinguetá, terra do nascimento de São Frei Galvão.

Esse convento, que hoje compartilha parte de seu espaço com o Museu de Arte Sacra de São Paulo, além de ser um marco da arquitetura colonial de São Paulo, foi, também, um centro ativo de prática e renovação religiosas.

Seu cofundador, Frei Antonio de Sant'Anna Galvão, construiu, no século XVIII, o Recolhimento (hoje Mosteiro) da Luz e orientou a formação do núcleo de religiosas contemplativas que nele passaram a viver.

Com o tempo, as práticas religiosas sofreram um desgaste e coube à iniciativa de Madre Oliva realizar um ingente trabalho de renovação, concluído com sucesso.

Assumiu ainda, Madre Oliva, a iniciativa de tornar conhecidas a vida e as obras de Frei Galvão por meio de uma biografia assinada sob o pseudônimo de *Sór Myrian*.

O livro revela o panorama da vida de Madre Oliva visto de dentro do Convento; mostra o fervor, a devoção e a admiração de uma pessoa que com ela conviveu.

Entretanto, os que cultuam a memória de Madre Oliva não se situam somente no âmbito interno de uma instituição, mas se estendem além da clausura, abrangendo um número elevado de admiradores, parentes, amigos, pessoas ligadas à administração pública e até secretários e governadores do Estado. Buscavam orientação não só espiritual, mas também ajuda para a solução dos seus mais variados problemas.

Permanece, assim, Madre Oliva na memória e no coração dos que a conheceram e também no dos que dela tiveram notícia após a sua morte e que agora se ligam à sua lembrança, na comunhão da mesma fé e na prática da vida cristã.

ALFREDO LABRIOLA (1930 – 2010)
Sobrinho de Madre Oliva Maria de Jesus

Introdução à 3ª Edição

Madre Oliva Maria de Jesus, no século Oliva Maria Grespan, nasceu a 6 de abril de 1879 em San Martino, Treviso na Itália. Aos 8 anos de idade chega ao Brasil com seus pais e irmãos, e fica residindo em Piracicaba, São Paulo. Aos 15 anos de idade, ingressa no convento de N. Sra. da Luz, cuja primeira denominação era Recolhimento de Nossa Senhora da Luz e da Divina Providência, atualmente chamado Mosteiro da Luz ou da Imaculada Conceição da Luz.

Neste cenóbio, viveu até sua morte a 8 de setembro de 1949.

Dos setenta anos de sua existência, passou cinquenta e cinco na vida religiosa. Destes cinquenta e cinco, preencheu trinta e três na direção da comunidade das Irmãs do Mosteiro. Conforme as épocas, esse cargo recebeu diferentes títulos: o mais antigo o de Madre Regente; anos depois o de Prelada que é o feminino de "prelado" dado aos bispos; o último o de Abadessa usado desde que o Recolhimento foi elevado à categoria oficial de Mosteiro pertencente à Ordem Monástica da Imaculada Conceição, OIC.

É bom saber que até o Concílio Vaticano II a

Ordem usava seu título original de "Ordem da Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria", com a sigla OCBMV. Por praticidade, daí em diante, começou-se a usar o abreviado "Ordem da Imaculada Conceição" com a sigla OIC.

O cargo de superiora, como até hoje, era conferido de três em três anos, pela escolha livre e votos secretos das Irmãs, sem nenhuma imposição interna ou externa. A insistência na escolha da Irmã Oliva Maria para superiora foi prova da ilimitada confiança que a comunidade depositava em suas virtudes e capacidades. Até parecia ter nascido para Madre. Realmente ela recebera de Deus a graça especial, que hoje chamamos carisma, da autoridade para governar um grupo de pessoas consagradas a Deus.

Tarefa nada fácil: guiar, instruir, formar para a vivência contemplativa de oração e clausura, vinte, trinta ou mais pessoas, todas diferentes: física, espiritualmente, dotadas de caracteres pessoais com inclinações recebidas pelo nascimento, pela educação, pelos ambientes familiares e sociais etc.

Havia, porém, uma disposição igual em todas: a graça da vocação, a aspiração ao amor exclusivo a Deus, que coloca toda a pessoa chamada em permanente esforço para seguir mais de perto a Cristo e à sua Mãe Santíssima; o compromisso de lhes imitar a vida que passaram neste mundo para nos ensinar e ajudar na busca da santidade. "Sede perfeitos como vosso Pai celeste é perfeito" ordenou Jesus.

Em 1942, ingressou no Mosteiro da Luz uma jovem de São Paulo com 20 anos idade, enquanto Madre Oliva contava 63. A diferença etária não foi impedimento para se criar entre ambas um convívio

religioso bastante frequente. Contribuiu para tanto o trabalho confiado à jovem Irmã: o cuidado da correspondência epistolar do Mosteiro, muito vasta, motivada pela devoção popular a seu cofundador Frei Galvão. Chegavam cartas, como até em nossos dias, de todos os pontos de nosso País e, às vezes, até de países estrangeiros, solicitando as famosas "pílulas" agradecendo graças, pedindo orações da comunidade etc. Cumpria responder a todas.

Nos momentos necessários para o exercício de seu trabalho, Madre Oliva, com simplicidade, narrava à improvisada secretária, passagens de sua vida. A Irmã ouvia com atenção, mas não pensava que num futuro próximo iria precisar escrevê-las.

O agradável e santo convívio durou sete anos e terminou em 8 de setembro de 1949, pelo falecimento da virtuosa Abadessa.

A jovem Irmã de 27 anos passou a tomar nota escrita de quanto ouvira pessoalmente da própria Madre Oliva.

Encorajada pela nova Abadessa, também grande admiradora da venerada falecida, e pela qual muito se dedicara, a jovem Irmã pensou em dar às suas notas a forma de modesto livro biográfico de Madre Oliva. Além de suas notas pessoais procurou no arquivo do Mosteiro notícias, fatos e datas que completariam a biografia. Aproveitou ainda as lembranças das Irmãs mais antigas que conviveram com madre Oliva desde sua entrada no Mosteiro.

1ª Biografia

Esta biografia foi a primeira impressa, 1949. Sua finalidade era apresentar a pessoa de Madre Oliva e

torná-la melhor conhecida entre seus familiares, amigos, benfeitores e quantos viessem a desejar conhecer suas virtudes e atividades no desenvolvimento do convento de Frei Galvão.

Os livros eram distribuídos graciosamente entre esses leitores e, esgotada sua edição, não foram planejadas novas edições.

Dezessete anos após a morte de Madre Oliva, sua improvisada secretária transferiu-se para a cidade de Ponta Grossa no Paraná, para trabalhar na fundação de nova casa de sua Ordem, o Mosteiro de Portaceli, onde a autora reside até o presente.

2ª Edição

Por esses anos ela recebe carta de São Paulo pedindo autorização para reimpressão da primeira Edição de Madre Oliva. Com satisfação a autora concede a permissão para a segunda edição.

Com a passagem dos anos esgotou-se também esta segunda edição.

3ª Edição

Deus, porém, declarou que a memória dos justos será perpétua. Providenciou que outros fiéis e em particular seus familiares, assumissem a reimpressão da sua biografia sempre muito apreciada pelos leitores.

Os santos não morrem. Apesar do seu desaparecimento corporal, suas virtudes cristãs continuam a exercer benéfica influência em seus pósteros.

Assim aconteceu na família de Madre Oliva, atualmente com cerca de duzentas pessoas contadas até seus sobrinhos e sobrinhas netas, filhos de seus irmãos e

irmãs.

Com as facilidades de nossos atuais meios de cultura e comunicações, uniram-se todos no mesmo propósito de formar uma associação beneficente de cunho religioso católico, que está em funcionamento desde janeiro de 1993 e agora adquire personalidade jurídica sob o nome de "ASSOCIAÇÃO MADRE OLIVA MARIA DE JESUS". Magnífico testemunho de unidade e amor familiar.

Entre seus trabalhos, era muito consentâneo proceder à 3ª edição da biografia de sua piedosa ascendente e titular Madre Oliva.

Em 2011, à autora foi pedida autorização para uma 3ª edição o que lhes foi concedido com muita satisfação.

A autora é uma das poucas Irmãs sobreviventes que conviveram pessoalmente no Mosteiro da Luz com Madre Oliva.

Madre Oliva continua viva por suas virtudes e exemplos, e na glória junto de Deus prossegue fazendo o bem espiritual por todos os que a invocam. Assim vai realizando o ideal de toda sua existência na terra: que todos os filhos de Deus O conheçam, O amem, obedeçam a Suas leis, e alcancem alto grau de vida cristã até a santidade.

A nova edição estava sendo preparada. Os interessados pediam à autora, que havia passado sete anos com a biografada, outras lembranças que poderiam ser acrescentadas a essa 3ª edição.

Ela, porém, informa que, na distância de tantos anos, nada de novo pode recordar sobre sua sempre querida e lembrada Madre.

Essa falha, porém, não diminui o valor da presente terceira edição. Seus redatores atuais, em particular o Sr. Claudio Mariotto, filho de uma sobrinha de Madre Oliva, redigiram e lhe acrescentaram notáveis notícias, através de numerosas notas, e de um excelente prólogo no qual relata a exumação dos restos mortais de Madre Oliva, cujo corpo foi encontrado sem indícios de decomposição.

Além deste fato, que o pai do redator presenciou como testemunha, anotou também outros documentos: Atestado Médico, Doutrina da Igreja sobre corpos conservados após a morte e outras referências.

Foi muito aumentada a iconografia do livro com novas fotos e gravuras. No término do livro, foi colocado índice muito prático indicador das principais datas e passagens da vida de Madre Oliva.

Relíquias e Relicários

A respeito do corpo conservado da falecida foi notado singular pormenor: enquanto todo o corpo achava-se escuro e enrijecido, só o dedo polegar da mão direita mostrava-se em perfeito estado de conservação, aparentando ser mais vivo do que morto.

Deduziram as Irmãs que seria um sinal por ter sido o membro que por trinta e três anos todos os dias pela manhã e antes do repouso da noite, a bondosa Madre abençoava as Irmãs fazendo-lhes uma cruz na testa com o polegar, conforme o costume tradicional nas Ordens religiosas.

Semelhante sentido religioso foi atribuído à conservação do braço direito de São Francisco Xavier, o patrono das missões, por haver batizado com esse braço milhares de pagãos fazendo-os cristãos.

O mesmo se diga a respeito da língua de Santo Antonio de Pádua, pelo ardor com que ele pregou e defendeu a verdade católica contra as heresias de seu tempo.

Em Assunção do Paraguai encontra-se o coração do grande missionário jesuíta Roque Gonzalez[1]. Paraguaio de nascimento, trabalhou muito entre os índios de nossas fronteiras. Foi martirizado pelos índios por dois golpes de clava de pedra na cabeça. Quando os selvagens foram queimar seu corpo ouviram uma voz a lhes dizer: "Matastes a quem tanto vos amava. Matastes meu corpo, mas, minha alma está no céu".

Aterrorizados por reconhecer a voz do Missionário, suspeitaram de que ele ainda estaria vivo. Para certificar-se de sua morte arrancaram-lhe o coração e o transpassaram.

São Roque Gonzalez no céu poderia dizer a Jesus: "Senhor, que glória para mim, ter o coração transpassado pelos irmãos índios como o vosso na cruz pela salvação da inteira humanidade de todos os tempos, desde Adão e Eva até a última criatura existente no fim do mundo". Jesus poderia ter respondido: "Agora estás vendo e sentindo como é preciosa aos olhos do Senhor a morte de seus santos" (*Sl 115,15*).

O coração de Roque, apesar de ter sido lançado ao fogo, conserva-se milagrosamente intacto no colégio dos Jesuítas em Assunção do Paraguai. Estes são exemplos de famosas relíquias.

Essas pequenas partes separadas depois da morte dos corpos que em vida abrigaram almas de grande

---

[1]() São Roque Gonzales – "O Santo do Dia" – Dom Servilio Conti – 3ª edição – Vozes, 1986.

santidade, dignos templos de Deus, são as chamadas Relíquias de Santos. Por esse motivo os cristãos consideram-nas dignas de veneração e respeito, sinais concretos da heroica santidade dos Santos a que pertenceram.

Estes sinais concretos impressionam as profundezas da fé mais do que um retrato impresso ou pintado em tela, ou representado no mármore de uma escultura.

Guardadas cuidadosamente em relicários, as relíquias gozam de sobrevivência secular.

Que dizer do polegar de Madre Oliva com o qual abençoava as Irmãs?

Não seria apenas um gesto humano convencional herdado de antigos e superados costumes da vida conventual?

Se a bênção pertencesse à pessoa humana que a confere, teria pouco ou quase nenhum sentido religioso. Quando, porém, é dada e recebida em nome de Deus com fé, amor e respeito, ela adquire um valor sagrado imperecível.

É o que São Pedro escreveu em sua primeira carta aos primitivos fiéis (*1 Pd 3, 8-9*): "Sede todos unânimes, compassivos, fraternos e humildes. Não pagueis o mal com o mal, nem ofensa com ofensa. Ao contrário, abençoai porque para isto fostes chamados: para serdes herdeiros da bênção".

Quem abençoa será o primeiro abençoado. Ao acender uma luz será o primeiro por ela iluminado.

Abençoar é uma ação sagrada que dá a vida da qual o Pai é a fonte (*Catecismo da Igreja Católica n° 1078*).

Seria muito belo, agradável a Deus e proveitoso para as criaturas, restaurar a prática de abençoar em nome de Deus. A começar pelos pais a seus filhos, não só as crianças como aos adultos. Cada benção é um presente de Deus nosso Pai.

Os sacramentais (Catecismo da Igreja Católica n° 1668)

A santa mãe Igreja instituiu os sacramentais. São sinais sagrados imitações dos sacramentos. Não conferem a graça do Espírito Santo como eles, mas pela oração da Igreja preparam os fiéis para receberem a graça e os dispõem a cooperarem com ela (*Catecismo da Igreja Católica n° 1670*).

Entre os sacramentais encontram-se as bênçãos e a água-benta, ambos muito familiares aos fiéis da Igreja Católica.

As bênçãos

As bênçãos são sacramentais de uso muito vasto para pessoas, objetos e lugares religiosos, e quase não há uso honesto de coisas materiais que não possa ser dirigido à finalidade de santificar o homem e louvar o Criador (*Catecismo da Igreja Católica n° 1670*).

Bênçãos litúrgicas

Bênçãos litúrgicas podem ser dadas só por sacerdotes ou bispos, mas em todas elas sempre há: uma oração, o Sinal da Cruz ou aspersão de água-benta. A graça que santifica e é transmitida por todas as bênçãos flui do mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo Senhor nosso.

Água-benta

A água-benta é um sacramental muito conhecido e usado pelos fiéis. É feita pelo Sacerdote com as orações determinadas pela Igreja, com água pura natural, na qual é colocada pequena porção de sal exorcizado pelo mesmo Sacerdote.

Pode ser distribuída aos fiéis que desejarem levá-la para casa. Aí tudo pode ser abençoado com algumas gotas da água-benta acompanhada de alguma oração em ação de graças ao Pai do céu: pela sua glória e bem do próximo; para pedir a Deus proteção contra acidentes, tentações e ataques dos espíritos malignos; para pedir saúde e outras graças que se necessitar.

As Irmãs fizeram um cálculo do número aproximado das bênçãos de Madre Oliva. O resultado foi que em toda sua vida religiosa a bondosa Madre distribuiu 481.800 bênçãos [(2)]. Um bom número para o polegar pretender a condecoração de não sofrer a decomposição da sepultura... e de ter sido um instrumento e sinal da santidade de sua possuidora.

Chegando ao fim desta introdução, a autora agradece e pede desculpas por não a ter escrito com mais eficiência, aos que cooperaram para a 3ª edição desta biografia e a todos os leitores pelos quais será lida.

Para todos, ela invoca pela intercessão da Imaculada Virgem Maria, de Santa Beatriz e de todos os Santos, a divina bênção do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

---

[2] Querendo tirar a prova: 2 bênçãos para cada uma das 20 Irmãs nos 365 dias de cada um dos 33 anos nos quais foi superiora: 2 x 20 x 365 x 33 = 481.800

Amém.

Madre Maria Beatriz do Espírito Santo, oic

Madre Maria Beatriz do Espírito Santo, oic

Irmã Edwiges Caleffi
Mosteiro Portaceli, outubro de 2011
em Ponta Grossa, Paraná, Brasil

Madre Oliva Maria de Jesus
(Pintura de C. Malagola, 1950)

NIHIL OBSTAT
São Paulo, 16 de dezembro de 1949
Cônego Francisco Cipullo

IMPRIMATUR
Sancti Pauli, die 16 dec. 1949
† Antônio Maria
Episc. Auxil.

PREFÁCIO

O lançamento da terceira edição desta preciosa e comovente obra sobre Madre Oliva Maria de Jesus coincide com a comemoração dos 500 anos da aprovação, pelo papa Júlio II, da Regra da Ordem da Imaculada Conceição (monjas concepcionistas), à qual ela pertenceu. Faço com alegria o prefácio desta biografia, uma vez que Madre Oliva e o Mosteiro da Luz representam parte preciosa da história de São Paulo.

A primeira edição foi dada a público ainda em 1949, logo após o falecimento de Madre Oliva, em setembro daquele ano. Essa presteza na publicação, numa época em que a impressão de um livro passava por etapas bem mais laboriosas que hoje, só se explica pela veneração que lhe tinham suas companheiras de claustro e filhas espirituais. E o rápido esgotamento da primeira edição confirma que não eram poucos os que, do lado de fora do Mosteiro da Luz e sem a conhecerem pessoalmente, nutriam por Madre Oliva grande respeito e admiração.

A história da vida e da obra desta mulher extraordinária, chamada, desde pequenina, a uma vida

inteiramente dedicada à contemplação dos mistérios de nosso Salvador e Redentor e da Imaculada Conceição de Maria, pode ainda estimular a muitos a buscarem uma vida verdadeiramente cristã.

A autora conviveu com Madre Oliva no Mosteiro da Luz, em São Paulo, por cerca de sete anos. Assim, o relato sobre os últimos anos dessa biografada tem muito de testemunho pessoal. Para todo o resto, ela recorreu aos testemunhos de irmãs mais antigas, a documentos e registros do Mosteiro e a anotações tomadas de conversas informais com a própria Madre Oliva. O resultado é uma história singela, mas apaixonante e comovente.

Mesmo se a causa de sua beatificação ainda não foi aberta, Madre Oliva tinha, já em vida, fama de santidade; ela seguiu o espírito e a letra da Regra e dos ensinamentos de Santa Beatriz, a quem a Regra é atribuída. Para esta Santa fundadora, era importante que suas seguidoras vivessem ocultas do mundo e fossem "santas ocultas", não "santas de altar".

De qualquer modo, o seu zelo pela obra de Deus a fez transpor, e muito, os muros do antigo "Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz da Divina Providência". Após completar o trabalho de Frei Galvão, transformando o "Recolhimento" em Mosteiro, ela ainda teve ânimo, ardor e inspiração para fazer o mesmo com o Recolhimento da Imaculada Conceição e Santa Clara, de Sorocaba, e para fundar um novo Mosteiro da Imaculada Conceição, em Guaratinguetá, cidade natal de Frei Galvão.

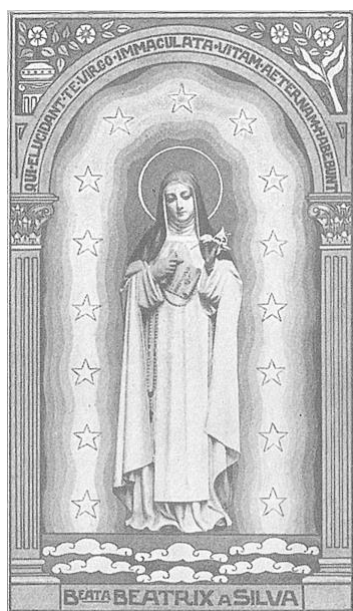
A vida dos santos e dos cristãos exímios é patrimônio precioso da Igreja e tem enorme valor evangelizador; conhecendo os santos e seu testemunho

de fidelidade a Deus e à Igreja, os cristãos apreendem sempre melhor os caminhos do Evangelho de Cristo, que são vias de santidade. Faço votos que Madre Oliva, na glória dos eleitos, continue a inspirar a muitos e muitas a viverem como ela viveu.

São Paulo, na Solenidade de Todos os Santos, 6 de novembro de 2011.

Cardeal Odilo Pedro Scherer

Arcebispo de São Paulo

QUI·ELUCIDANT·TE·VIRGO·IMMACULATA·VITAM·AETERNAM·HABEBUNT
BEATA BEATRIX A SILVA

PRÓLOGO

O frio ainda era intenso, mas a manhã luminosa em nada lembrava a espessa garoa da noite anterior. Como em qualquer outro dia da semana, os três milhões de habitantes da cidade de quatrocentos e dois anos já se agitavam naquela quinta-feira. Aquela não era uma área particularmente barulhenta da cidade. De fato, exceto por alguns toques de corneta e pela eventual passagem de um destacamento de cavalaria pela Rua Jorge Miranda, o exterior do quartel da Força Pública quase não denunciava sua atividade interna. Bem em frente, a velha e lúgubre Casa de Detenção mostrava tão pouca atividade que parecia abandonada. Ao lado desta, as imensas árvores da "Pracinha" – assim os moradores do bairro chamavam a Praça Coronel Fernando Prestes – não ofereciam apenas sombra mas abafavam ruído, no que eram auxiliadas pela arborização do canteiro central da Avenida Tiradentes. Dez minutos antes de cada hora inteira, soava a campainha rouca do intervalo de aulas na Escola Politécnica e, imediatamente, o vozerio dos estudantes enchia a "Pracinha" e se extinguia

repentinamente momentos antes do toque de reinício das aulas.

O movimento comercial naquela parte do bairro praticamente resumia-se a duas padarias e um barbeiro – junto às esquinas com as ruas Rodrigo de Barros e Bandeirantes –, a uma importadora de máquinas bem em frente ao Jardim da Luz e, quase ao lado desta, uma casa de artigos religiosos. Mas o tráfego de veículos entre o centro da cidade e a zona norte era sempre intenso. Os pneus dos caminhões, ônibus e automóveis rodando sobre o calçamento de paralelepípedos da Avenida Tiradentes produziam um ruído de fundo quase contínuo. Os bondes, seguindo para Santana ou voltando para o Largo São Bento contribuíam com o troar das rodas contra os trilhos, o guinchar das freadas e os *déin-déin* com que os motorneiros sinalizavam cada partida dos pontos de parada junto ao Mosteiro da Luz, de um lado, e em frente à Escola Politécnica, do outro.

No entanto, do outro lado dos muros do mosteiro, naquele jardim perfumado, esses sons chegavam tão amortecidos que passavam praticamente despercebidos; o silêncio parecia ser quebrado apenas pelo pipilar dos pardais... e pelo ruído abafado de pás escavando a terra úmida. Dois operários vestindo macacões cáqui cavavam havia quase uma hora.

A uma certa distância e com evidente respeito, quatro homens – dois deles já beirando os oitenta – observavam o trabalho de exumação. Um dos mais idosos vestia batina preta com borla e botões roxos: um Cônego. Os demais, ternos escuros. Apesar do frio, mantinham os chapéus nas mãos. O pouco que conversavam era em voz baixa, quase sussurrando. Em outras circunstâncias, em outro local, a conversa

fatalmente derivaria para o recém-empossado Presidente da República e a anunciada construção da nova capital do País, ou para as medidas de restrição de despesas do governador do Estado, o curioso "homem da vassoura". Ali, no entanto, falavam de uma religiosa falecida havia sete anos.

De repente deram-se conta das vozes dos operários: o ruído de escavação cessara.

– Levantem um pouco mais. Apoiem aqui. – disse um homem de jaleco azul que estava em pé junto à cova aberta e apontava para uma espécie de padiola colocada na borda.

Os dois, que, de dentro do buraco, levantavam com dificuldade um caixão apodrecido, quase se desfazendo, resfolegavam e gemiam de cansaço.

– Um pouco mais... Não pode estar tão pesado, são apenas ossos... Força!... Isso! Assim está bom.

Com um último empurrão apoiaram finalmente o caixão no local que lhes era indicado e, ajudando-se mutuamente, saíram da cova. Os três pegaram o caixão, usando a padiola como suporte, – o de jaleco azul, que estava descansado, numa extremidade e os outros dois na outra – e o depositaram sobre dois cavaletes dispostos numa área calçada do jardim. Sobre uma mesinha próxima havia uma urna de madeira onde, evidentemente, seriam colocados os ossos.

Em alguns pontos a tampa apodrecida do caixão havia cedido sob o peso da terra. Dos parafusos que a prendiam ao caixão propriamente dito restava apenas um pouco de ferrugem. O homem de jaleco calçou umas luvas de borracha e, sem dificuldade, levantou uma das extremidades. Olhou e... , num repelão de susto,

empurrou a tampa para longe de si, quase caindo para trás. A tampa caiu no chão com estardalhaço.

– Meu Deus, – disse, afinal, para ninguém em particular – isso não pode... Nunca vi nada assim em todos os meus anos de serviço...

Nesse instante ouviu-se uma voz feminina vinda do alto e, logo em seguida, várias outras vozes femininas. Lá de baixo não era possível discernir claramente o que diziam, mas a palavra "mãezinha" dita mais de uma vez soou clara.

As vozes eram da Madre Abadessa e de outras religiosas, que acompanhavam o procedimento através da treliça de uma janela do piso superior com ótima visão do local em que estavam os cavaletes, invisíveis para aqueles que estavam lá embaixo.

Logo em seguida as religiosas começaram uma oração, cantada em estilo gregoriano.

Enquanto isso, intrigados com o comportamento do homem de jaleco e sem conseguir distinguir tudo o que diziam as vozes femininas, os quatro homens, que haviam se mantido a alguma distância, aproximaram-se antecipando uma visão desagradável. O Cônego, que era o Capelão do convento, não precisou chegar muito perto para perceber que as monjas cantavam: "*Te Deum laudamus, Te Dominum confitemur...*".

– Nada mais apropriado, pensou o Cônego, traduzindo mentalmente o cântico latino: *Nós Te louvamos, ó Deus, nós Te bendizemos, Senhor. Toda a terra Te adora, Pai eterno. Os Anjos, os Céus e todas as Potestades do universo, os Querubins e os Serafins Te proclamam sem cessar: Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do Universo. O céu e a terra estão cheios da majestade da tua glória...*

Dos outros três, dois eram irmãos da religiosa cujos restos mortais estavam sendo exumados e o quarto era um seu sobrinho – na verdade, marido de uma sobrinha. Ali estavam para testemunhar o translado, para o ossuário da capela recentemente construída, dos restos mortais daquela que, mesmo enclausurada – ou, talvez, precisamente por causa disso – havia, durante cinquenta e cinco anos, inspirado e influenciado cada um deles, assim como inúmeras outras pessoas.

Olharam para o caixão e entenderam a reação do homem de jaleco. Mas, ao invés de se assustarem, ficaram maravilhados! A última visão que cada um deles tinha tido de Madre Oliva Maria de Jesus em 1949 reproduzia-se agora diante de seus olhos. As flores haviam desaparecido, o hábito de lã estava um tanto descorado, mas o semblante luminoso... o sorriso... as mãos... estavam exatamente como os tinham visto naquela triste tarde de setembro, sete anos antes! O contato com a madeira apodrecida da tampa que cedera produzira uma pequena mancha em sua testa, como a proclamar que a corrupção, que não tinha poupado matéria mais durável, nada pudera contra aquele corpo!

Um prodígio! Um milagre! Um sinal de Deus! Pela mente de nenhuma das pessoas ali presentes passou a mais tênue sombra de dúvida de que, ao preservar aquele corpo durante quase sete anos, Deus emitia um portentoso sinal! Um sinal mais visível e óbvio que um farol ofuscante no cimo de uma torre muito alta.

Uma luz como aquela não era, certamente, destinada apenas às poucas pessoas que ali estavam, não poderia ser escondida.

Nenhuma daquelas pessoas – com exceção dos que lá estavam por razões profissionais – precisaria daquele sinal para se convencer da santidade de Madre Oliva Maria de Jesus. Assim, não lhe vieram à mente questionamentos sobre o *como* um portento daqueles se realizava nem o *porquê*, mas, por raciocínios diferentes, as questões que naturalmente ocorreram a cada uma delas eram outras. Como Davi, eles perguntavam "Quem sou eu, Senhor Deus... para que me tenhas trazido aqui?" E, depois, como Saulo no caminho de Damasco: "Senhor, que queres que eu faça?"

Perdidos em pensamentos e em orações, demoraram algum tempo para se dar conta de que aquele fato miraculoso pedia providências. Passados alguns instantes a fisionomia do Cônego Capelão abriu-se num sorriso e ele murmurou:

– Que delicadeza de Jesus para com a Madre! – Mais tarde ele explicaria que Madre Oliva referira-se, uma vez, a um evidente prodígio com que fora favorecida por Deus como uma "delicadeza" de Jesus.

Depois, como que despertando, o padre Capelão começou por instruir os trabalhadores a absterem-se de tocar em qualquer coisa. Em seguida conferenciou com os três parentes de Madre Oliva que ali estavam.

Ele mesmo e a Abadessa se encarregariam de avisar o Cardeal Motta e pedir sua orientação quanto aos próximos passos. Como tratar o corpo? A capela-cemitério estaria à altura daquele sinal divino?

Os parentes da Madre ficaram ali guardando o corpo enquanto o Capelão entrou no mosteiro à procura da Abadessa para, com ela, avisar a autoridade eclesiástica. Mas voltou instantes mais tarde e disse que

o corpo devia ser levado para uma sala no interior do mosteiro. E foi na frente, indicando o caminho, enquanto os demais – os três profissionais e mais os três parentes – carregavam a padiola com o caixão contendo o corpo. Uma vez depositada a padiola sobre duas mesas justapostas na sala escolhida, o Capelão solicitou a todos que se retirassem. Aos três parentes da Madre pediu que encomendassem um novo caixão. Branco, naturalmente. Além disso, toda a extensa parentela de Madre Oliva devia ser avisada.

Cerca de trinta anos mais tarde, já preso a uma cadeira de rodas, referindo-se a Madre Oliva e a esse dia, aquele sobrinho escreveria em suas memórias que "... *anos depois de sua morte, sua sepultura foi aberta e o corpo encontrado intacto, incorrupto; depois de permanecer no Mosteiro e ser visitado por autoridades eclesiásticas, foi dado novamente à sepultura em tosco altarzinho de cimento, que se encontra no cemitério das irmãs, à direita de quem entra*".

A não ser pelos relatos verbais feitos aos demais parentes pelos irmãos e pelo sobrinho da Madre, o conhecimento do fato parece ter ficado restrito à memória das freiras do Mosteiro da Luz. É possível que isso tenha sido uma determinação da autoridade eclesiástica. Nem uma única fotografia. O único documento referente ao fato parece ser um atestado do Dr. Santiago, com firma reconhecida, que se encontra no interior de um dos volumes da "*Notícia Histórica do Convento de Nª Srª da Conceição da Luz da Divina Providência, de São*

Paulo". O atestado, manuscrito em papel de receituário, diz o seguinte:

...foi dado novamente à sepultura em tosco altarzinho de cimento...

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Santiago
MÉDICO
Consultório e Resid.: Rua Monte Alegre, 1.302
Fone 63-4173

Atesto que durante os 40 annos que fui médico do Mosteiro da Luz, do qual me afastei por motivo de doença, cuidei da Rev. Abadessa Madre Oliva Maria de Jesus, a qual sofreu longos annos de arterio esclerose e diabete. Depois de cruciantes sofrimentos e longa agonia, faleceu no dia 8 de Setembro de 1949. Em 19 de Julho de 1956 foi seu corpo exhumado, verificando-se que o mesmo estava intacto sem signaes de decomposição. A razão de ser exhumado foi para ser removido para a nova Capella. Chamado pela Rev. Abadessa Madre Maria Lucia da Purificação constatei a veracidade desse extraordinário acontecimento.

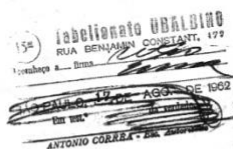
São Paulo, 3 de Julho de 1962

Dr. Alberto de Oliveira Santiago

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Santiago
MÉDICO
Consultório e Resid.: Rua Monte Alegre, 1302 - Fone 62-4173

Atesto que durante os 40 annos que fui medico do Mosteiro da Luz, do qual me afastei por motivo de doença, cuidei da Rev. Abadessa Madre Oliva Maria de Jesus, a qual soffreu longos annos de arterio sclerose e diabete. Depois de cruciantes soffrimentos e longa agonia, falleceu em 8 de setembro de 1949. Em 19 de Julho de 1956 foi seu corpo exhumado, verificando-se que o mesmo estava intacto sem signaes de decomposição. A razão de ser exhumado foi para ser removido para nova capella, chamado pela Rev. Abadessa Madre Maria Lucia da Purificação [illegible] a veracidade desse extraordinario acontecimento.

São Paulo, 3 de Julho de 1962
Dr. Alberto de Oliveira Santiago

Frente

Verso

Os cientistas nos ensinam que a preservação de um corpo sepultado pode decorrer de condições naturais que impeçam a ação das enzimas e bactérias responsáveis pela putrefação, como ausência de água ou ausência de ar, baixa temperatura, caixão selado ou estanque e, até mesmo, os medicamentos que o falecido tomava em vida. Há muitos anos o Vaticano deixou de considerar a preservação do corpo após a morte como um dos milagres exigidos nos processos de beatificação ou canonização. A Igreja não só não opõe objeções aos argumentos científicos propostos para explicar casos semelhantes ao de Madre Oliva, como busca, ela própria, investigar cientificamente os mesmos, ainda que a maioria dos casos relatados refira-se a pessoas que em vida tinham fama de santidade.

De fato, certos locais de sepultamento poderiam favorecer a preservação, por serem ou sempre secos, ou sempre frios, ou impermeáveis, ou uma conjunção destes e de outros fatores, que poderiam, ainda, ser combinados com tratamentos especiais como os que têm sido aplicados, em tempos recentes, aos corpos de papas falecidos, para que suportem as longas cerimônias que precedem o sepultamento (tais cerimônias podem durar até cinco dias; no entanto, o corpo do Papa João XXIII ainda hoje pode ser visto, inteiramente preservado, em seu esquife de vidro; não é isso que o torna santo e, por outro lado, ele não é menos santo porque seu corpo foi tratado artificialmente).

Mas a infindável lista dos santos cujos corpos permaneceram incorruptos durante décadas ou séculos certamente desafia qualquer argumentação científica.

Atestado do Dr. Alberto de Oliveira Santiago, conservado no arquivo do Mosteiro da Luz

Teriam os salesianos acesso à tecnologia necessária para a preservação do corpo de São João Bosco falecido em 1888? E Santa Bernardette de Lourdes, falecida em 1879? E São Francisco de Paula, falecido em 1507, para mencionar apenas alguns poucos?

Madre Oliva viveu, morreu e foi sepultada num convento paupérrimo, em São Paulo, bem no trópico de Capricórnio. Foi sepultada às pressas, no mesmo dia de sua morte, porque o bispo auxiliar Dom Paulo Rolim Loureiro teria que viajar no dia seguinte e não queria estar ausente nas exéquias da religiosa que ele tanto admirava. Assim, nenhuma das possíveis causas, naturais ou artificiais, para uma mumificação se aplicaria neste caso: as irmãs concepcionistas não

dispunham de conhecimentos ou de recursos e, se os tivessem, não dispuseram de tempo para tratar o corpo; o caixão comum foi coberto diretamente com terra, num local em que se alternam períodos bastante quentes e bastante frios, muito sol e muita chuva...

As pessoas que a conheceram bem não tinham dúvidas de que Madre Oliva Maria de Jesus vivera como santa e souberam, de imediato, que a preservação de seu corpo foi um eloquente sinal de Deus e não um mero, embora raríssimo, acidente bioquímico. [3]

Este livro procura contar a vida dessa extraordinária religiosa, para que o seu exemplo possa alcançar outras pessoas e não apenas aquelas que tiveram a felicidade de conhecê-la ou que ouviram destas a sua história. O emocionante texto original foi escrito há cerca de sessenta anos por uma de suas filhas espirituais que, na época, optou pelo anonimato. Hoje sabemos tratar-se de Madre Maria Beatriz do Espírito Santo (cujo nome civil é Irmã Edwiges Caleffi).

CLAUDIO LUIZ MARIOTTO
Sobrinho-neto de Madre Oliva

---

[3] Cinco anos após a descoberta do corpo incorrupto de Madre Oliva Maria de Jesus, o corpo de uma de suas coadjutoras na reforma do convento de Sorocaba, Madre Maria Virgínia do Nascimento, falecida em 1951, foi exumado no Cemitério Municipal de Uberaba, cidade em que, dois anos antes, fundara um novo mosteiro concepcionista. Segundo atestado do Dr. Mozart Furtado, o corpo foi encontrado, "em estado de mumificação".

O Mosteiro da Luz nos dias atuais
A harmonia da arquitetura não é nem um pouco quebrada pelo acréscimo, à esquerda, construído na época em que foi Síndico o Conde de Prates, sendo abadessa Madre Oliva

Doces Lembranças

Helena Labriola de Campos Negreiros
Sobrinha de Madre Oliva

Nas minhas doces lembranças
Que um dia escrevi
Do tempo da minha infância
Tia Oliva eu conheci.

Com saudades me lembro
Da Tia Oliva querida
Que era monja no Convento
Lá na grande avenida.

De bonde mamãe nos levava
Para a esperada visita
Pois esse dia nos dava
Uma alegria infinita.

As visitas eram feitas
Uma vez em cada mês.
Seu rosto sempre coberto
Com imenso preto véu.

Quando, depois de anos,
O véu foi abolido,
O rosto da querida Tia
Foi por nós conhecido.
Gosto muito de lembrar
O quanto Titia era bela
Seu meigo e bondoso olhar
Falava mais do que ela.

Tanto orgulho e veneração
Por essa bondosa Tia
Que belos exemplos deixou
No correr dos seus dias.

Do claustro por todos orava
Lá no Mosteiro da Luz
E aos sobrinhos falava
Do amor por Maria e Jesus.

Sua vida a Deus dedicada
Logo um livro mereceu.
E foi Madre Beatriz
Quem esse presente nos deu.

Hoje, nos meus quase noventa,
Vejo com muita emoção,
A decisão da família,
De fundar uma Associação,

Que tem por maior vocação
Unir, consagrar a família
Em torno do coração
De Madre Oliva Maria.

Difundir a obra de Madre Oliva
É sua honrosa missão
E unindo toda a família
Apresenta esta nova edição.

Nascimento, infância, sua vida no século até a entrada no Convento

1

"Hosana ao filho de David, bendito o que vem em nome do Senhor; não temas ó Filha de Sião; eis que a ti vem o teu Rei, cheio de mansidão, montado em um jumentinho, como está escrito: Hosana nas alturas!"

Assim canta a Santa Igreja em sua liturgia no Domingo de Ramos, celebrando a entrada triunfal de Jesus na cidade de Jerusalém.

Ao som deste cântico de glorificação ao Senhor, num domingo de Ramos, 6 de abril de 1879, entrava também neste mundo a pequenina Oliva Maria.

A ela também poder-se-iam aplicar as palavras – *"bendita a que vem em nome do Senhor, cheia de mansidão"* – pois pelas suas virtudes e santidade, seria um cântico de glória e louvor a Deus.

Nasceu em São Martinho, Treviso [4], na Itália.

---

[4] Trata-se, provavelmente, da localidade hoje conhecida como San Martino di Colle Umberto, na região do Vêneto.

Como Oliva Maria nasceu em um local da província de Treviso chamado San Martino e foi batizada no dia seguinte ao de seu nascimento numa igreja dedicada a San Martino, deduz-se que essa era a igreja local. Na província de Treviso só encontramos uma igreja paroquial de San Martino em localidade de mesmo nome. É esta: fica em San Martino di Colle Umberto.

Foi a segunda filha dos oito que Nosso Senhor concedeu a Giovanni Grespan e Fiorenza Visentin [5], cristãos exemplaríssimos.

Pouco tempo esteve sua bela alminha nas trevas da culpa, pois no dia seguinte ao de seu nascimento, 7 de abril, recebeu o Batismo na igreja paroquial de sua cidade natal, pelas mãos de um piedoso Sacerdote, cuja santidade ela sempre tinha gosto em recordar.

Estas duas graças, a de ter pais exemplares e de ter recebido o batismo no dia seguinte ao de seu nascimento, Madre Oliva considerou sempre como grandes favores da bondade divina, e até o fim de sua vida os agradecia a Deus com ternura.

---

[5] No Brasil, passaram a ser chamados João e Florinda.

Deixou escrito entre suas notas: *"Agradeço-vos meu Deus a imensa graça da vocação religiosa, de me terdes feito nascer filha da Santa Igreja Católica Apostólica Romana, de pais cristãos exemplares, (aqui tenho que gemer e me humilhar, Vós sabeis que eu não soube me aproveitar desse grande benefício) de ter, pela piedade de minha mãe, recebido o santo batismo no dia seguinte ao do meu nascimento. Vós sabeis meu Deus, quanto vos sou grata por esta graça, e também à minha mãe que, peço, recompenseis no céu"*.

Há poucos anos, em 1946, escrevia no dia de seu batismo: *"Dia que Jesus me recebeu em sua santa graça na pia batismal! Que imenso benefício, mas quão pouco eu o soube apreciar; fui muito má e assim mesmo Jesus se dignou a baixar suas divinas e puríssimas vistas sobre mim, sobre este lamaçal, e trazer-me à casa de sua puríssima Mãe, para estar ao abrigo de tantos males nos quais minha alma tão fraca sucumbiria sem remédio!"*

Estas palavras que sua profunda humildade lhe ditava, estão muito longe de significar que nossa santa Madre ofendeu gravemente a Nosso Senhor. Podemos afirmar com certeza, que ela conservou a inocência batismal até a morte. Prova isto o seguinte fato.

Certo dia estando uma religiosa a falar com ela sobre a misericórdia de Nosso Senhor a respeito dos pecadores, falou a religiosa:

– Feliz de Vossa Reverência que nunca ofendeu a Nosso Senhor!

– Vossa Caridade é que pensa isso, – respondeu ela com sua costumada humildade, – eu tenho cometido muitos pecados.

– Bem, faltas leves, disso não podemos fugir, mas pecados graves? – insistiu a religiosa.

– Ah! isso, que eu me lembre, não – respondeu.

Considerava o dia de seu batismo como o de seu verdadeiro nascimento e por isso nele festejávamos o seu aniversário. Gostava de dizer:

– Eu fui pagã um dia só e, se dependesse de mim, nem uma hora o teria sido.

O nome que recebeu na pia batismal parece lhe ter sido imposto por uma singular providência do céu, porquanto ele foi a expressão de sua santa vida, o sinônimo de suas virtudes.

Oliva Maria ficou se chamando a pequenina filha do casal Grespan. **Maria** foi-lhe dado pela singular devoção da família à "*Madonna*", mas **Oliva** por quê?

– Que leve o nome que trouxe – disse sua mãe, referindo-se à festividade do dia, em cujas cerimônias se benzem ramos de oliveira.

Também não faltam Olivas entre as santas da Igreja; há uma Santa Oliva Mártir da primitiva Igreja de Roma, e uma Santa Oliva religiosa de um convento de Agnani, ambas Virgens.

Não faltaram, portanto, motivos santos e devotos para que a pequenina recebesse o nome de Oliva, nome que ela soube viver, porquanto, como o óleo de oliva aquece, ilumina, cura e alimenta, ela também foi uma alma abrasada no amor de Deus, a aquecer e iluminar as almas que se aproximavam; foi a mãe carinhosa que se desvelou em curar as enfermidades espirituais de suas filhas e em alimentá-las com a graça que se derramava de seu coração a transbordar Nosso Senhor.

"O vosso nome, Senhor, é um óleo derramado"

(Cântico dos Cânticos 1,2) exclamava a sagrada esposa dos "Cânticos" em seus louvores ao divino Esposo. O mesmo poderíamos dizer de nossa querida Madre Oliva Maria – O vosso nome, oh! Mãe querida, foi para nós um óleo vivificante a se derramar continuamente sobre nossas almas pela vossa inesgotável caridade, a nos iluminar dia e noite com vossos exemplos heroicos de virtude!

"Como a oliveira frutífera plantada na casa do Senhor, eu esperarei em sua misericórdia", diz o salmo *(Sl 51,10)*, revelando o segredo da santidade de nossa querida Madre. Ela sempre esperou no Senhor e nunca em si; foi cheia de humildade, tanto que às vezes nos parecia além dos limites e, por isso, frutificou com extraordinária fecundidade de virtudes.

Ela apreciava seu nome e costumava dizer:

– Em si ele não é bonito, mas em sua significação o é muito.

Acontecia que por ser "Oliva" nome pouco conhecido e "Olivia" muito comum, trocassem aquele por este, principalmente nas cartas que lhe escreviam. Quando o lia falava muito mansamente:

– Padre Chico não queria que eu consentisse que me chamassem de "Olivia" porque dizia que este nome não tem significação alguma, mas que fazer, não acreditam que eu me chamo Oliva...

O saudoso Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, o inesquecível e querido Padre Chico [6] de

[6] Padre Chico foi o apelido carinhoso que os paulistanos deram a Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues. Nascido em 3 de Julho de 1847 e morto em 21 de Junho de 1915, foi Cônego da catedral de São Paulo (1874), arcediago (1878)

todos os paulistas, era grande admirador de nossa Madre. Foi Capelão do Convento de 1908 a 1915 e lhe dedicou santa amizade, que ela correspondia, conhecendo também as grandes virtudes daquela alma de eleição.

A primeira vez que entrou no Convento, pois que ainda não era clausura papal, viu Irmã Oliva na cozinha desempenhando os trabalhos que lhe confiara a santa obediência. Perguntou para a Madre Regente que o acompanhava:

– Como é o nome daquela Irmã?

– Oliva Maria – respondeu a Regente.

– Oliva? – disse agradavelmente surpreendido – esse nome quer dizer mansidão.

– Pois o nome orna para ela – ponderou a Regente.

De fato, a mansidão, entre todas as suas virtudes, foi muito saliente. Não se pode negar ter sido uma qualidade natural de sua alma, mas veremos também, pelas provas a que foi submetida, que a sua mansidão foi uma grande virtude, se não adquirida, pelo menos conservada, aumentada e aperfeiçoada por seu trabalho espiritual.

Voltemos à sua infância. A pequena Oliva Maria cresceu sob os cuidados de sua carinhosa e virtuosa mãe; dos lábios maternos aprendeu as primeiras orações, os doces nomes de Jesus e Maria. Quando a mãe comungava levava sua filhinha, aconchegando-a a si como para lhe comunicar os influxos da Hóstia sagrada

---

e depois vigário geral da diocese, que governou interinamente após a morte do Bispo Dom José de Camargo Barros no naufrágio do navio "Sírio" em 1906.

através de seu coração materno.

Maria, nossa Mãe celeste, e Jesus Hóstia foram as duas devoções que cresceram com aquele coração inocente, devoções que ela uniu tão intimamente à sua alma que pareciam ser o alento de sua vida.

Desde muito pequena teve forte pendor para a oração.

Quando se recolhiam à noite, em vez de se deitar com os demais irmãozinhos, a pequena Oliva ajoelhava-se junto ao leito e lá ficava a rezar. Acontecia o sono vencer sua devoção e adormecia assim de joelhos. Sua boa mãe levantava-se para acordá-la e fazê-la deitar. Isto acontecia muito frequentemente, e mesmo no convento quando era nova, pelo que nós lhe perguntamos:

– Mas Vossa Reverência então desobedecia sua mãe?

– Não – respondeu – é que eu não tinha juízo e pensava que não adormeceria antes de acabar minhas rezas.

Tinha ela oito anos de idade quando um industrial do Brasil convidou o seu pai, que era perito tecelão, para vir exercer seu ofício em suas indústrias.

Giovanni aceitou o convite e veio com a família. Nossa Madre contou-nos que essa mudança custou-lhe grande sacrifício. Não compreendia por que, tinha uma impressão desagradável e até de medo ao pensar nessa terra desconhecida e tão longínqua. Quando foi com sua mãe se despedir de uma tia que era

religiosa, abraçou-se à tia, e com verdadeiro desespero dizia que não a deixaria, que desejava ser freira e não queria vir para o Brasil.

Numa época em que vários países europeus passavam por grandes dificuldades, tanto o Brasil como a Argentina procuravam atrair mão de obra europeia oferecendo transporte e terras.

Naturalmente a tia acalmou-a dizendo-lhe que era ainda muito pequena para entrar no convento e que aqui no Brasil também poderia ser religiosa.

Vemos por aqui que desde muito pequena já desejava consagrar-se a Nosso Senhor pela vida monástica.

Uma vez chegados à nossa terra, falharam os planos de Giovanni Grespan [7] e, não encontrando o que

[7] O ano era 1887. A jovem e pobre Itália, incapaz de enfrentar o problema da miséria no país, estimulava a emigração. Às vésperas da Abolição da

lhe fora prometido, teve que procurar em outro lugar a subsistência de sua família. Foi primeiro a Mogi Mirim e depois se estabeleceu em Piracicaba, no Estado de São Paulo, onde permaneceu por longos anos.

Nessa cidade passou a menina Oliva Maria a sua adolescência até a entrada no Convento. De sua mãe aprendia aquele espírito de retidão e amor ao dever que sempre a caracterizaram. Era a sua filha predileta, por sua meiguice e doçura, e até a poupava muito nos trabalhos de casa, pelo que o pai chamava a atenção da esposa:

– Você acostuma mal esta menina.

– Mas ela quer ser freira... – dizia a mãe.

– Pois então pensa que as freiras não trabalham? – objetava o pai.

Deste, a menina herdou o amor ao silêncio, uma calma cheia de gravidade e nobreza. Era ele o seu professor de catecismo, e nossa Madre diz que era muito vaidosa neste ponto querendo sempre saber mais do que os outros, pelo que não dava sossego ao pai, aproveitando

---

Escravatura, o Brasil recrutava imigrantes europeus para substituir a mão de obra escrava, oferecendo transporte e prometendo outras vantagens (embora nem sempre cumprisse tais promessas). A família Grespan chegou no dia 11 de outubro à Hospedaria dos Imigrantes, proveniente de Santos, onde havia desembarcado do vapor "Provence". Segundo os registros da Hospedaria, acompanhavam Giovanni e Fiorenza - então respectivamente com 36 e 34 anos - e seus filhos Luigi (Luiz), Oliva, Cleminda, Raffaele (Rafael) e Edoardo (Eduardo), respectivamente com 11, 8, 6, 3 e 1 ano. No registro de entrada dos Grespan na Hospedaria dos Imigrantes, como "fazendeiro" que deveria receber a família, figura o nome de um certo Antonio Carlos Cunha Canto. Ora, um senhor com este nome faleceu no ano seguinte em Mogi Mirim, o que pode ter sido a razão de terem falhado os planos de Giovanni.

todos os momentos que o via desocupado para pedir que lhe ensinasse a doutrina cristã.

– À tarde – contava ela – ele costumava dar uma volta pela cidade. Eu então fechava o portão e escondia a chave para obrigá-lo a ficar em casa para me ensinar catecismo. Ele descia as escadas, encontrava o portão fechado e voltava sem a menor contrariedade, nem perguntava por que ou quem tinha fechado. Que manso era meu pai! – terminava ela.

Aos 10 anos fez a primeira comunhão. A mãe um tanto rigorosa achava-a pouco preparada e manifestou seu receio ao Vigário que lhe disse:

– Mas se a Oliva não está preparada então quem o estará?

Muito retraída e piedosa, a menina saía de casa somente para ir à Igreja, visitar Jesus Sacramentado e fazer a *Via Crucis*. Mesmo nela não ficava plenamente à vontade e quando percebia que o sacristão entrava por uma porta ela saía por outra e ia para outra igreja.

Aos 14 anos sua mãe quis que fosse à casa de uma senhora aprender costura; ia e voltava acompanhada pelo seu irmãozinho Eduardo.

Jamais se apartava da companhia de sua mãe, e uma vez que isso aconteceu, não conseguiu ficar longe dela por mais de um dia, e voltou para casa debulhada em lágrimas.

– Eu amava a minha mãe com verdadeira paixão – contava nossa Madre – não havia criatura no mundo mais bela para mim do que ela.

No entanto, veremos quão grande era o trabalho da graça em seu amoroso coração, pois aos 15 anos deixou

sua mãe que tanto amava para encerrar-se no mosteiro. O amor de Deus foi mais forte, e mesmo o amor de sua Mãe do céu estava acima do amor de sua mãe da terra.

Contou-nos que ao sair de casa sua mãe lhe perguntou se não sentia separar-se dela.

– Sinto muito, mamãe – e continuou com santa franqueza – mas sinto mais deixar Nossa Senhora.

Era uma imagem da Virgem Santíssima que tinha no oratório da família. Desta vez parece que a mãe sentiu um pouco, embora fosse profundo o seu espírito religioso. Disse:

– Mas, minha filha, lá no convento há de encontrar tantas imagens de Nossa Senhora...

– É, mas dessa eu gosto muito... muito...

Era diante desta imagem que a menina passava longo tempo cantando louvores a Maria. Pensando mais em sua Mãe do céu do que na melodia que cantava, perdia o tom da música e assim continuava. Sua mãe então vinha-lhe chamar a atenção:

– Minha filha, que desentoo!

– Então, mamãe não quer que eu cante para a Mãe do Céu?

– Quero sim, mas cante direito.

Aos 15 anos, manifestou aos pais desejo de se retirar para a casa de Nosso Senhor.

Era seu confessor o Padre Félix, frade capuchinho de grande virtude que, conhecendo sua inclinação e vontade expressa para a vida claustral, indicou-lhe o nosso Mosteiro, naquela época ainda

simples Recolhimento.

Sua mãe, atendendo ao amor que lhe dedicava, disse-lhe:

Nesta foto da família Grespan faltam Oliva Maria, que já estava no Convento, e Cleminda, que já estava casada com Angelo Ieno. Entre Fiorenza e Giovanni está o caçula Gelindo. Em pé, a partir da esquerda: Luiz, que pousa uma das mãos no ombro de sua esposa Virginia e outra no de seu filho José; Rafael, Eduardo e Rosa, que se casaria com Pedro Tonet; a menina sentada à direita é Maria, que viria a se casar com Carmelo Labriola.

– Pois minha filha, se você deseja ser religiosa, porque não fica aqui com as boas Irmãs de São José? Assim poderei visitá-la e nos encontraremos muitas vezes.

– Por isso mesmo que não quero, – disse ingenuamente a generosa menina. Não quero ser freira que sai na rua. Quero ficar sempre fechada só com Nosso Senhor.

Ficou, portanto, resolvida sua vinda. Obtidas as licenças e consentimentos necessários, marcou-se o dia

de sua partida de casa e entrada no convento.

A véspera foi um domingo. Frei Félix, no sermão que fez aos fiéis durante a missa, na qual Oliva Maria se encontrava presente, disse que Nosso Senhor lhe concedera uma grande alegria, pois no dia seguinte viria a São Paulo trazer uma jovem para se consagrar a Jesus no Recolhimento de Nossa Senhora da Luz; e aproveitando o ensejo fez um belo elogio da vida religiosa.

Contava-nos nossa Madre que todo o povo ficou curioso para saber quem seria a felizarda, porém ninguém descobria, pois o belo segredo ficara só entre Nosso Senhor e sua família.

Depois de sua partida é que souberam, mas o mundo sempre foi mundo... Uns gabavam sua felicidade, outros mal empregavam sua santa resolução e diziam:

– Que ela não tivesse juízo, isso é natural, pois é uma criança, mas o Frade é que devia ter visto isso...

– Pobres juízos humanos – dizia nossa Madre – louco de quem lhes dá ouvidos; como se eu não tivera pais para cuidarem de mim.

No dia seguinte, nove de abril de 1894, despediu-se de seus pais e queridos irmãozinhos e, em companhia de Frei Félix e de um engenheiro da cidade que também vinha trazer seu filho para o Seminário, partiu para São Paulo.

Lá ficou sua bela Piracicaba, tristonha pelo tesouro que perdera. Sua espumante cachoeira terá gemido com saudade enquanto se despenhava entre as pedras do rio.

Anos virão em que ela cantará de alegria por ter hospedado essa querida filha da Virgem Santíssima.

Numa tarde risonha de abril
vinha para o nosso Mosteiro
uma jovem de rosto gentil
consagrar-se ao divino Cordeiro

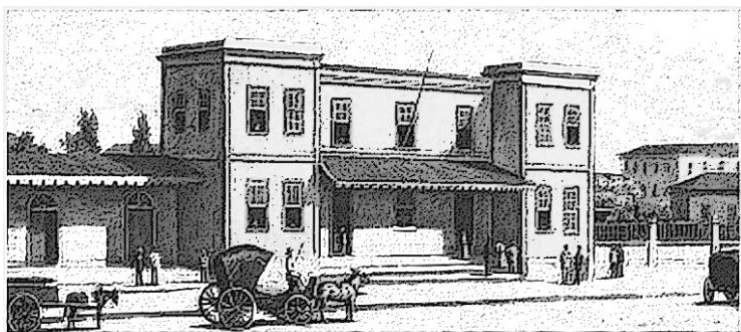
Era ela a nossa Mãezinha
a esposa de seu puro amor
a mais bela de todas as flores
que floriu no jardim do Senhor.

SANTA BEATRIZ
ELA ESTAVA ATENTA EM PENETRAR NOS SEGREDOS DE DEUS NO SILÊNCIO E COM UM CORAÇÃO SEMPRE VIGILANTE

Entrada no Convento, primeiros anos de vida religiosa 1894-1908

2

Depois de algumas horas de viagem por estrada de ferro, chegam os viajantes à Pauliceia e se dirigem para o Recolhimento de Nossa Senhora da Luz.

Frei Félix entrega sua cara filha espiritual à Comunidade, dizendo:

Da acanhada Estação da Luz de 1894, (a estação atual só seria construída alguns anos mais tarde) Frei Félix e a menina Oliva Maria caminharam cerca de um quilômetro até ...

... o Recolhimento da Luz que tinha esta aparência na época em que a menina Oliva Maria entrou para a vida religiosa.

– Vim trazer a Menina, e voltando-se para ela:

– Quando vier aqui e perguntar – como vai a Menina? – quero obter só esta resposta: – Vai bem, ela é muito obediente.

Ajoelhada nos degraus do altar-mor da Igreja do Convento, enquanto as Irmãs cantam no Coro o *Tota Pulchra*, Oliva Maria olha para a imagem da Imaculada. Acha-a linda, como de fato é, mas o que mais a arrebata é o seu olhar materno que pousa sobre ela com todo o carinho e amor.

Dias depois tendo voltado à Igreja corre a olhar a Mãe Imaculada, mas... que surpresa, a Virgem tem os olhos baixos e não a olha. Que seria? Pergunta às outras Irmãs se a imagem sempre teve os olhos baixos como agora.

– Naturalmente! – foi a resposta – Sempre foi assim, ela não olha para ninguém.

Compreendeu então, a feliz filha, que aquele olhar fora uma graça extraordinária somente para ela. Que sentimentos de gratidão e amor não teria provocado em seu coração aquele testemunho do amor de sua Mãe celeste!

Aspecto atual do altar-mor da igreja do Mosteiro da Luz. A imagem de Nossa Senhora que olhou para Oliva Maria é a que está no alto. A de Santa Beatriz, com manto azul, é um acréscimo posterior e a de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão é bem recente.

Uma vez na casa de Nosso Senhor, Oliva Maria se entregou ao seu serviço com toda a generosidade.

Como já dissemos, em sua casa era muito poupada pela sua mãe, pelo que acostumou-se a um pachorrento sossego para todas as coisas.

Ao chegar, porém, no Convento, e vendo as Irmãs trabalharem tanto e com tanta diligência, pôs o seu coração “à larga”, conforme nos dizia, e tratou de se espertar o mais que pôde, chegando a ser de uma diligência que as outras admiravam. Acabava suas obrigações antes que todas e corria ao coro para ficar com Nosso Senhor.

Na primeira visita que lhe fez sua mãe no Convento, convidou-a muito para voltar para casa, não que desejasse isso, mas para provar se sua vocação era

verdadeira e se estava de livre e espontânea vontade no Convento.

A todos os seus convites, Irmã Oliva respondia que daí não sairia e que estava muito contente. Afinal, satisfeita com o seu exame, disse-lhe a mãe:

– Minha filha, agora você é a mais nova e a última de todas; tempos virão em que você estará entre as mais antigas, no entanto quero que você continue a ser a última de todas.

Exortação digna de uma acabada religiosa, que faz o mais belo elogio de D. Florinda. Irmã Oliva por sua vez recebeu-a e praticou-a ao pé da letra.

Assim, a obediência recomendada por Frei Félix e a humildade aconselhada por sua mãe, foram as duas normas de sua vida religiosa.

Tomou o hábito da Imaculada a 5 de junho de 1895 e professou a 29 de junho de 1896.

Chegados ao ponto de começar a descrever a vida de nossa santa Madre no Convento, preciso é que se faça uma breve descrição do estado material e espiritual em que se encontrava o mesmo naquela época, a fim de que se justifiquem muitas passagens de sua vida que, de outro modo, não seriam bem compreendidas.

O Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição Luz, da cidade de São Paulo, foi fundado a pedido de Nosso Senhor, que se revelou a uma santa religiosa do Recolhimento de Carmelitas, já existente na mesma cidade, Madre Helena Maria do Espírito Santo. Auxiliou-a nesta empresa o Servo de Deus, Frei Antonio

de Sant'Anna Galvão [8].

Da canonização de Frei Galvão que, com justiça, é considerado também fundador deste Mosteiro, trata-se atualmente com grande entusiasmo[9]. Essa fundação foi levada a efeito no dia 2 de fevereiro de 1774.

Visão de madre Helena Maria do Espírito Santo (pintura não assinada colocada sobre a porta do refeitório do Mosteiro da Luz)

Morrendo a fundadora um ano depois, ficou Frei Galvão na direção da Comunidade. Durante 48 anos, até sua santa morte, velou pelas religiosas, construindo material e espiritualmente o grande Convento, que até hoje é considerado como uma jóia das tradições religiosas no Brasil e está contado entre os monumentos históricos nacionais.

Pelo seu maior bem, fez o Servo de Deus tudo quanto pôde e quanto lhe permitia a situação da época, em que reinava a perseguição religiosa.

---

[8] O falecimento da fundadora Madre Helena Maria do Espírito Santo um ano depois do nascimento de sua Obra, foi deixando o seu nome e qualidade de fundadora na sombra do esquecimento. Enquanto ao de Frei Galvão, pela sua ação visível e generosa por 48 anos na continuidade da construção material e espiritual do convento, ia-lhe conferindo o título de "fundador" do mesmo. Em rigor histórico e por justiça, seu título poderia ser "Construtor" ou "Cofundador" para deixar o legítimo de "Fundadora" à Madre Helena Maria do Espírito Santo. (N da A)

[9] Frei Antonio de Sant'Anna Galvão foi beatificado em Roma no dia 25 de outubro de 1998 pelo Papa João Paulo II e canonizado em São Paulo a 11 maio de 2007 pelo Papa Bento XVI. Sua festa é celebrada no dia 25 de outubro.

Frei Antonio de Sant'Anna Galvão

A Comunidade foi adaptada à Ordem das Concepcionistas aprovada pelo Papa Júlio II, porém pelos empecilhos da época não foi possível ao Servo de Deus agregá-la à Ordem por Breve Pontifício, nem as Recolhidas puderam emitir os votos religiosos.

Faziam um compromisso à guisa de votos, comprometendo-se a observar os estatutos enquanto permanecessem no recolhimento; nos estatutos encontravam a matéria do cumprimento dos votos e assim, embora sem profissão, eram verdadeiras religiosas. Nele viveram almas de grande perfeição e santidade, cuja fama corria muito longe, e que valeu ao recolhimento o apelativo de "viveiro de santas".

Porém, passados 120 anos, pouco restava do fervor que ali deixara seu santo Fundador; as Irmãs viviam uma vida piedosa, mas sem a perfeição que exige o estado religioso.

Mitigações concedidas na clausura, na observância dos antigos estatutos, que substituíram por outros novos, o esquecimento dos antigos costumes, tiraram ao Convento o que ele tinha de mais belo: a sua austeridade e recolhimento.

A obra de Frei Galvão necessitava de uma séria

reconstrução espiritual, e Nosso Senhor, que velava pelo seu convento, escolheu nossa santa Madre Oliva para instrumento dessa grande empresa que ocupou quase toda a sua vida. Por aqui se compreende que a Irmãzinha Oliva Maria não encontrou no convento tanta perfeição como desejava, mas nem por isso teve a tentação de deixar a casa de Nosso Senhor.

Perguntamos isso muitas vezes a ela que nos respondia:

– Eu não pensava senão em Deus, e não sendo responsável por coisa alguma, cuidava em mim sem me incomodar com os outros.

No entanto, grandes foram os sacrifícios destes seus primeiros anos de vida religiosa.

Mantendo-se humildemente sempre como a última, faltava-lhe muitas vezes até a alimentação necessária; o seu espírito de mortificação levava ainda mais longe seus jejuns, vigílias e penitências, e daí sua saúde se ressentiu muito, enfraquecendo-se consideravelmente.

Mas nem por isso enfraqueceu-se a alma; a sua energia de espírito contrastava com sua grande doçura e amabilidade, que poderiam fazer pensar ser efeito de um espírito débil e infantil.

Numa idade em que o coração se inclina facilmente para as afeições humanas, ela renunciou a qualquer amizade terrena, e consagrou todo o seu amor, tanto natural como sobrenatural, a Jesus, a quem unicamente desejava amar.

Achávamos muita graça no que nos contava com frequência, e por onde se vê a prova do que

acabamos de dizer.

– À noite, – dizia ela – sentada na cama, à luz de um candeeiro, lia a vida de Santa Gertrudes [10], mas quando chegava na descrição de suas visões nas quais recebia tantos carinhos de Jesus, enchia-me de ciúmes e atirava o livro para longe; o trabalho era meu, porque depois precisava levantar-me para ir buscá-lo. De Santa Margarida Maria Alacoque [11], também não tinha menores ciúmes; tinha na cela um quadro representando a santa contemplando o Sagrado Coração de Jesus. Um dia cansei-me dela, e tomando de uma toalha cobri a parte do quadro em que ela estava, e só deixei descoberto o Sagrado Coração. – Ela se ria e dizia: – Mas que bobinha que eu era!

Ouvindo-a também achávamos graça, mas dizíamos cá dentro de nós:

– Que santinha já era nossa Madre!

Dizia-lhe uma religiosa que se admirava de que com tão pouca idade, se mantivesse com tanto fervor.

---

[10] Santa Gertrudes de Helfta, dita a Grande, nascida em Eisleben, Alemanha (1256) e falecida no Convento de Helfta, na Saxônia (1302), foi uma religiosa cistercense. Aos 26 anos é chamada pelo Senhor ou, como ela mesma define, recebe "a iluminação" e decide consagrar-se a Deus. Essa decisão é acompanhada de êxtases, visões e fenômenos sobrenaturais, aos quais se juntam doenças físicas. Sua fama atrai multidões de fiéis ao convento. Foi uma incansável propagadora do culto ao Sagrado Coração de Jesus. Sua festa é celebrada no dia 17 de novembro.

[11] Marguerite Marie Alacoque, monja e mística francesa, nasceu em Lautecourt (1647) e morreu em Paray-le-Monial (1690). Pouco depois de entrar para o Convento da Visitação, Jesus lhe aparece e lhe pede para divulgar a devoção ao seu Sagrado Coração. As aparições continuam por 17 anos, até sua morte. Sofre com o descrédito de seus superiores e de suas companheiras freiras, mas recebe o apoio de seu diretor espiritual, o jesuíta Claude La Colombière. Foi canonizada pelo papa Bento XV em 1920. Sua festa é celebrada facultativamente a 16 ou 17 de outubro.

– Quando se quer agradar só a Nosso Senhor, – respondia – Ele dá a graça necessária.

Sim, esta graça nossa querida Madre recebeu-a em medida não só ordinária como também extraordinária, bem o reconhecemos. No entanto, isso não diminui seu merecimento, porque soube correspondê-la com tanta fidelidade que, por assim dizer, mereceu-a com justiça.

Ajudaram-na muito, nestes anos, a direção dos Frades Capuchinhos que serviam de confessores na casa, e a leitura de livros piedosos, pelos quais se apaixonara, lendo-os em grande quantidade.

De inteligência acima do comum, nossa querida Madre, sem ter quase preparo intelectual, pois apenas sabia ler um pouco, acumulou um grande cabedal de conhecimentos espirituais que lhe vão ser de grande utilidade para si mesma e para os outros.

Sozinha, a custa de fazer repetidas cópias, aprendeu a escrever; e anos mais tarde

escreverá livros, como veremos mais adiante.

Amante profunda do Ofício Divino, pedia a Jesus que lhe ensinasse a tradução do latim, e pondo de sua parte o próprio esforço, chegou a compreender grande parte do Breviário, de modo que nós admirávamos vê-la dar explicação de qualquer parte do Ofício que lhe perguntássemos.

Irmã Oliva Maria de Jesus jovem, ainda com hábito todo branco da fase de noviciado.

Certa vez, uma das Irmãs mais instruídas queria saber a tradução de um responsório do Ofício Divino, que não conseguia compreender. Irmã Oliva com muita simplicidade lhe diz:

– Pois isso é tão fácil!

E traduz todo o responsório, o que causou grande admiração naquela Irmã que nunca cogitara sequer, que a Irmãzinha Oliva pudesse compreender o latim.

Era empregada nos trabalhos mais humildes da casa porque, não tendo boa voz para os Ofícios do Coro, dele a dispensavam com frequência. Trabalhava muito na cozinha e como ajudante de enfermeira em servir as doentes. Disso nunca se ressentiu, pelo contrário, sempre costumava nos dizer que foram aqueles os tempos mais felizes de sua vida, em que sem responsabilidade alguma, ocupava-se somente de Deus.

Quando estava na cozinha encontrava muitos momentos livres para passá-los diante de Jesus Sacramentado. Deixava as panelas a ferver e corria para o comungatório, que em nosso Convento fica junto à Igreja, no andar térreo. As Irmãs, para gracejar, chegavam à porta e lhe cochichavam:

– Irmã Oliva, o feijão está queimando e os bolinhos estão feito carvão.

Ela, porém, nem se movia e continuava a sua oração até quando achava que devia voltar para a cozinha muito sossegada. Quando lá chegava nada havia acontecido. As panelas muito bem comportadas, e os bolinhos bailando na gordura, rosadinhos de todos os lados.

– Oh! que tempo feliz! – exclamava ela – mas depois que me puseram nas costas esta cruz – referia-se ao seu cargo de Superiora – acabou-se o que era doce.

Sobre seus sofrimentos muito teríamos que falar, mas muitos deles não se podem referir por amor à caridade.

Diremos somente os físicos, que foram muitos, principalmente terríveis dores de dente que lhe tiravam o sono por longos meses seguidos [12]. O cansaço do trabalho pesado, aumentado por sua debilidade, e outros muitos achaques, de modo que não passava nunca sem sofrer alguma coisa. Aliás, ela tinha se oferecido desde o princípio a Nosso Senhor como vítima de seu amor e, aceitando sua heroica oferta, Jesus a transformou numa hostiazinha de amor e sofrimento. Deste ela nunca se queixava.

– Nada pedia, nada procurava para seu alívio, – dizem as Irmãs antigas – as Irmãs mais caridosas é que a socorriam.

Em seus escritos continuamente pede a Nosso

[12] No final do século XIX e começo do XX ainda não havia a facilidade de tratamento dentário como gozamos atualmente. Acresce ainda a clausura observada pelas Irmãs. (N da A)

Senhor o amor do sofrimento, porque conformidade já a tinha em alto grau; queria chegar a sofrer com alegria, graça que alcançou do seu Esposo Crucificado.

Este é um resumo dos primeiros 15 anos de sua vida religiosa. Passaremos agora para uma nova fase de sua existência.

Muitos anos se passaram
dias e noites se escoaram
no serviço do Senhor;
desde o dia em que a clausura
recebeu a jovem futura
esposa de seu amor.

Semeou os seus caminhos
de flores e espinhos
de dor e alegria,
mas a cruz que era seu sonho,
não tornou-lhe mais tristonho
de sua vida um só dia.

Madre Oliva, Prelada pela primeira vez 1908 - 1911

3

Em 1908, não tendo ainda 30 anos completos de idade, Irmã Oliva Maria de Jesus foi eleita Madre Regente pela Comunidade.

Recordando esse acontecimento ela nos dizia com sua humildade:

– Eu era uma criança, talvez me escolheram por ver mesmo que não servia para nada.

Nós, porém, cremos que não. As Irmãs a estimavam e apesar de tudo não deixavam de reconhecer sua santidade que entrava pelos olhos. Tanto assim que uma Irmã muito velhinha, ao saber de sua eleição, pôs-se a saltar de contente.

O mesmo não aconteceu, com a nossa humilde Mãezinha.

Essa prova de distinção por parte da Comunidade lhe foi um verdadeiro suplício, tanto mais por pensar nas dificuldades que iria encontrar para cumprir exatamente seu dever, diante do qual não recuava ainda que isso custasse sua própria vida. Diante desta visão tão desconsoladora, prostrou-se diante de uma imagem da Imaculada, que hoje se encontra no altar de nosso Coro, pedindo socorro à sua Mãe Celeste. Sentiu-se muito confortada pela Virgem que lhe fez entender que a ajudaria no sacrifício. E diz uma de nossas Irmãs antigas:

– E ajudou mesmo! Para fazer o que ela fez...!

O Arcebispo Dom Duarte [13] também ficou um tanto receoso vendo sua pouca idade, e como ainda não a conhecia, consultou seu confessor, nesse tempo, o Frei Bernardino de Lavalle, capuchinho de grande virtude, manifestando seu temor, ao que este respondeu:

– Na verdade é muito moça, porém dotada de excelente espírito.

Sua virtuosíssima mãe que também teve o mesmo receio, pois vindo visitá-la por esse tempo, e sabendo de sua eleição, longe de desvanecer com a honra que era feita a sua filha ainda tão jovem, disse-lhe:

– Tenho medo que você não seja capaz de cumprir seus deveres como deve, pois na verdade é um cargo muito difícil.

Madre Oliva Maria não o achou menos. Tinha grande dificuldade em dar uma ordem, pelo que

---

[13] Dom Duarte Leopoldo e Silva, nascido em Taubaté em 1867 e falecido em São Paulo em 1938, foi ordenado sacerdote em 1892 na Capela do Seminário Episcopal de São Paulo. Foi o segundo bispo de Curitiba, o décimo terceiro bispo de São Paulo e seu primeiro arcebispo.

encarregava-se de quanto trabalho lhe fosse possível.

Chamar a atenção de alguém era-lhe tal martírio que, dizia ela:

– Se as admoestações produzissem um efeito igual à dificuldade com que são feitas, as nossas deveriam ser maravilhosas em seus resultados.

Esta dificuldade ela não perdeu até o fim de sua vida, quem o diria! Às vezes vendo que uma sua advertência não era muito bem recebida, dizia com grande sentimento:

– Se soubessem quanto me custa chamar a atenção, só de compaixão nunca me dariam ocasião para isso; como me custa, como me custa... Não fosse pelo puro amor de Deus e de suas almas, nunca diria nada...

Aproveitou-se da liberdade que tinha como Prelada para dar desafogo à sua sede de sofrimento. Levou suas austeridades tão longe que só se pode denominá-las como loucuras do amor divino. Além disso, acreditando que as outras Irmãs tinham mais direito que ela ao descanso, fazia duas e três horas de *Laus Perene* [14] à noite, como se costuma em nosso convento desde a sua fundação.

Com tudo isso, acabou de perder a pouca saúde que lhe reservava. Imprudência? Pensamos que não. Nosso Senhor a queria uma hóstia de sacrifício, e somente mudou o gênero de cilício. Em vez de instrumentos materiais de penitência, deu-lhe as enfermidades, que além de não serem escolhidas pela própria vontade, a conservariam ao abrigo de alguma vaidade ou presunção. Além disso, tudo ela sancionava

---

[14] Laus Perene: adoração ao Santíssimo Sacramento. (N da A)

pela obediência aos confessores, por onde se vê claramente a vontade de Deus.

Quanto ao seu trabalho na Comunidade, começou logo, com prudência, humildade, caridade, mas também com muita firmeza, a estabelecer modificações absolutamente necessárias para a perfeição religiosa. Sobretudo dois pontos visava em seu grande zelo de alma apaixonada por uma vida de recolhimento e de oração, de abstração e afastamento o mais completo possível do mundo: o santo silêncio e a perfeita clausura.

Foi herdeira do espírito de nosso santo Fundador, que desejava que suas filhas espirituais vivessem inteiramente desconhecidas e afastadas do século, ocultas na solidão do claustro, para junto de Jesus Sacramentado permanecer em perpétua adoração e prece pela igreja, pelos seus Sacerdotes, benfeitores e pobres pecadores. Graças ao seu zelo, trabalho, oração e exemplos, a Comunidade foi se aperfeiçoando na prática das virtudes religiosas.

O que mais nos admira em nossa Santa Madre é a sua paciência e longanimidade, a sua mansidão e paciência imperturbáveis. Outros quereriam fazer tudo em alguns meses e, não o conseguindo, desistiriam. Ela, porém, levou nada menos do que doze anos para acabar a reforma do seu convento, mas no fim pôde, dizer como Jesus: "Senhor, não perdi nenhum dos que me confiastes."

Pouco a pouco todas se renderam à sua bondade, e aquelas que já partiram para o céu, abençoaram a nossa santa Madre, que as preparara tão bem para a partida deste mundo. As que ainda se encontram junto de nós e lhe sobreviveram não lhe regateiam elogios e

agradecimentos.

Era de uma de suas máximas prediletas: *"ln patientia vestra, possidebitis animas vestras"* [15]. E mais ninguém do que ela a praticou e a podia recomendar. Dom Duarte, tão cheio de zelo pelo aperfeiçoamento da Comunidade, notava com prazer o progresso espiritual do Convento da Luz, sob a regência de Madre Oliva Maria, e conhecendo agora suas virtudes e capacidade, nela punha grandes esperanças.

Por isso, foi com grande pesar que a viu deixar o cargo em 1911 pela eleição de uma nova Regente. Conformou-se, entretanto, dizendo:

– Ainda é muito moça. Para o futuro poderá trabalhar muito.

Quanto a ela nada lhe foi mais agradável do que poder voltar ao seu lugar de súdita, aliviada daquele pesado fardo, e o fez com tanta naturalidade e humildade que admirou a todas. O Padre Chico, Monsenhor Francisco de Paula, que era Capelão do Convento, disse:

– Fiquei muito edificado com sua santa indiferença.

Voltava em sua obscuridade, humilde e obediente, jamais se lembrando de sua antiga dignidade, e continuava em seus trabalhos e afazeres como a última das irmãs.

Nunca, Jesus, eu busquei
bens por servir a Ti,

---

[15] É o versículo 19, capítulo 21, do Evangelho de São Lucas: "Por vossa paciência salvareis vossas almas". (N da A)

como tua esposa vivi
e mais não te amei
porque mais amor não houve em mim.

Em Ti esperei, e sempre te buscara
ainda que a vida transitória
somente me tocara
sofrer por Ti foi minha glória
e isto somente me bastara.

Zótico Royo [16]

[16] Zótico Royo Campos é o nome de um frade espanhol, autor de diversos livros. A partir de 1956, ele foi abade da Abadia do Sacromonte, em Granada, Espanha, célebre por ter sido construída sobre o local em que, no final do século XVI (1595), foram encontradas as relíquias do apóstolo São Tiago, assim como documentos árabes, gravados em placas de chumbo, relatando os martírios dos Santos Cecílio, Tesifón e Hisicio.

4

Segunda Regência de Madre Oliva Maria de Jesus 1916-1922

Pelo ano de 1916, houve eleições e, conforme era costume, o seu resultado era comunicado alguns dias depois pelo Bispo.

No dia 2 de abril desse ano, veio o Monsenhor Benedito de Souza, delegado do Arcebispo, trazer o resultado.

Foi recebido no locutório pela antiga Regente e, depois de se ter entendido com ela, mandou chamar Irmã Oliva Maria.

Esta se encontrava no coro fazendo a *Via-Crucis*, pedindo a Nosso Senhor que mandasse uma superiora que desse a ela ocasião de muito sofrer por seu amor; Nosso Senhor atendeu-a perfeitamente e além de seus desejos, mas de modo que ela nem sequer desconfiava, pois a nova Regente era ela mesma.

Chega a Madre e lhe comunica o chamado de Monsenhor.

Irmã Oliva olha para seu pobre hábito, para as alparcatas rotas e não se acha decente para se apresentar ao digno visitante.

Pensa em ir se trocar, mas a Madre apressa-a dizendo:

– Ele está esperando.

– Mas, e o manto? – insiste timidamente.

– Toma lá o meu – diz a Madre – e atira-o aos seus ombros.

Ora, a Regente de então era de estatura muito menor que nossa Madre, de maneira que o manto não lhe ficou nada elegante. Nossa Madre ria-se quando nos contava isso e dizia:

– Eu estava mesmo bonita naquele traje de rigor...

Chegada à presença de Monsenhor Benedito, este lhe comunica sua eleição para Regente, e da parte do Arcebispo confia-lhe a reforma da Comunidade, dizendo-lhe as mesmas palavras que disse Nosso Senhor a um de seus Profetas: *(Jeremias 1, 10)*

– Sua Excelência lhe dá autoridade para “destruir e edificar, plantar e extirpar”, como achar necessário.

Esta notícia causou à nossa querida Madre um choque tremendo. Quase desmaiou e com profunda humildade, rogou e suplicou que por piedade a eximissem de uma cruz tão pesada, que por sua incapacidade e pouca saúde, seria acima de suas forças.

Monsenhor conservou-se inflexível, e vendo que ela continuava a pedir a revogação do mandato, disse-lhe afinal com energia:

– Vossa Caridade está resistindo ao Espírito Santo!

– A estas palavras, – contava nossa santa Madre – abaixei a cabeça, não havia remédio.

Nesse mesmo dia foi apresentado à Comunidade seu novo Capelão, o Padre Francisco Cipullo, que veio substituir o inolvidável Padre Chico há pouco falecido.

Um mês e pouco depois de sua eleição, teve nossa querida Madre a grande dor de perder seu amado pai. Faleceu no dia 11 de maio de 1916, tendo morte muito edificante.

Estando ela um dia chorando muito, disse-lhe um Sacerdote:

– Está chorando por causa de seu pai? Se todos fossem como ele...

Estas palavras a consolaram muito, pois de fato se a vida de seu pai sempre fora de um cristão perfeito, nos últimos tempos se devotara inteiramente a Nosso Senhor, trabalhando como Sacristão num convento de Capuchinhos. Morria assim no serviço de Jesus, preparado com suas divinas graças e Sacramentos. Na verdade, felizes se todos fossem como ele!

Voltando ao exercício do cargo de Prelada, com as bênçãos da santa obediência, e o sacrifício imenso de sua humildade, começa então para a Comunidade uma verdadeira transformação. Forte e firme, era bondosa e mansa, e pouco a pouco foi triunfando diante das dificuldades imensas. A santidade de sua vida impunha-

se. A sua bondade abrandava, e a sua humildade vencia.

Apenas duas Irmãs pediram para se retirar. A primeira recebeu muitos conselhos para desistir de seu intento, pois já era de muita idade; assim mesmo não quis continuar. A segunda não tinha mesmo coragem de abraçar a vida de sacrifício que exige uma maior perfeição, como é a da vida religiosa. E depois, conforme as palavras de Afonso Rodrigues, o mesmo fogo que toma maleável a cera branda para todas as formas que se lhe quiser dar, endurece o barro que se petrifica.

Lutou e sofreu nossa querida Madre, e não fosse tão grande sua paciência e longanimidade, jamais teria conseguido o que conseguiu.

Ela poderia dizer, estabelecendo a vida de perfeição na comunidade: "Não exijo o que não faço". Mais tarde dirá a uma Mestra de Noviças, que "nunca devemos chamar a atenção de outrem sobre uma falta, antes de ver se a temos e dela nos corrigirmos".

No dia 15 de abril de 1917 abriu-se o noviciado que estivera fechado por algum tempo. Cinco Irmãs desejaram voltar a ele para seu maior aperfeiçoamento. O Arcebispo a isso anuiu de maior boa vontade, abençoando, comovido, a generosidade das cinco néo-professas, que davam voluntariamente às demais um belo exemplo de humildade e estímulo para a reforma.

Um pouco mais tarde seis professas pediram admissão ao noviciado, estimuladas pelo fervor e observância que notavam nas que lá já se encontravam, e pelo desejo de se colocarem sob a sábia direção de Madre Oliva. Duas mocinhas que trabalhavam no Convento pediram para serem admitidas e foram as primeiras Irmãs leigas.

Pelo fim desse ano, 1917, entraram duas postulantes e no ano seguinte mais duas. Ao todo 15 noviças e duas postulantes.

A Madre era incansável em seu devotamento pela comunidade e pelo Noviciado que era toda sua esperança. Não media sacrifícios. Por este tempo ficou muito doente, sendo preciso ser operada. Ela não queria de modo algum e preferia morrer, de modo que foi preciso uma ordem expressa do Arcebispo que velava por sua preciosa existência, para que ela se submetesse à cirurgia.

Mesmo assim, todos esperavam que ela morresse na operação.

Nesta perplexidade, o virtuoso Padre Luiz Rossi[17], que viera substituir, na direção da Comunidade, Monsenhor Benedito que fora nomeado Bispo no estado do Espírito Santo, celebrou uma Missa com a especial intenção de saber a vontade de Nosso Senhor a esse respeito. Pois se for para ela morrer, pensava ele, para que obrigá-la a um sacrifício tão grande. Nosso Senhor dignou-se dar-lhe a compreender que ela devia ser operada e que restabelecendo-se viveria ainda muitos anos.

Nosso Senhor já estaria com desejos de possuí-la no céu, mas viu-se obrigado a atender as ardentes preces que dia e noite eram feitas por ela. Foram precisos longos

---

[17] Em 1895 o padre jesuíta Luiz Maria Rossi foi encarregado pelo bispo Dom José de Camargo Barros de preparar as jovens Amábile Visintainer e suas amigas Virgínia e Teresa Maule para os votos religiosos, em seguida à aprovação diocesana para a fundação da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição. Amábile Visintainer, depois conhecida como Madre Paulina, foi canonizada em 2002, sendo sua festa litúrgica celebrada no dia 9 de julho.

meses para se restabelecer, e mesmo assim, nunca mais ficou sem algum sofrimento físico. Estava bem quando outros males não vinham se juntar aos que já sofria. Várias vezes esteve às portas da morte, e nós acreditamos que sua vida era sustentada por orações. Mesmo o nosso distinto médico declarou que por suas moléstias e pela operação a que se submeteu, ela deveria ter vivido quando muito até 50 anos de idade, e que os 20 que viveu além deles, foi uma graça que Nosso Senhor concedeu à Comunidade, a fim de gozar da companhia de sua querida Madre, e aproveitar de seus incomparáveis exemplos.

Reconhecidas nós rendemos graças a Deus e só temos um temor, é de não correspondermos ao grande favor que nos foi feito.

Voltando do hospital, retomou o governo da casa e a direção do Noviciado, que como dizia era toda sua esperança e consolação. As Irmãs depositavam nela grande confiança e com muita docilidade, mesmo as mais antigas, que para ele tinham voltado, deixavam-se formar pela querida Madre Mestra. Todo o tempo que lhe ficava livre de seus deveres de Superiora empregava em favor do noviciado. À noite lá estava a atender a todas e a cada uma em particular, sacrificando o repouso de que tanto necessitava.

Quando se lhe dizia que não devia se sacrificar tanto, respondia:

– As almas em primeiro lugar.

Era sempre pelas 23 ou 24 horas que se encontrava deitada, para passar uma noite quase sempre de mais sofrimento do que descanso.

Como as Irmãs sentiam-se bem, e como era belo

vê-la tão calma, tão bondosa e paciente entre aquelas 17 filhas espirituais que atenciosamente ouviam suas virtuosas exortações e maternais repreensões! Estas nem mereciam tal nome, pois era com uma caridade imensa e grande delicadeza, que procurava mostrar que nisto ou naquilo havia falta ou imperfeição. Podemos dizer que assim como seu mandar era um humilde pedir, o seu repreender era um doce advertir.

Assim ganhava as almas e logo notava-se o salutar progresso espiritual da Comunidade.

Os superiores estavam satisfeitíssimos, e louvavam a Nosso Senhor por lhes ter dado nossa santa Madre conforme as palavras do Arcebispo ditas a uma religiosa:

– Eu agradeço a Nosso Senhor por nos ter dado a Madre Oliva.

Entre seus trabalhos, logo quis introduzir a observância da Santa Regra Concepcionista, mas por enquanto não foi possível. Esperando pacientemente pela hora de Nosso Senhor, refundiu então os primitivos estatutos de Frei Galvão tão sabiamente escritos, adaptando-os às Constituições de nossa Ordem e acrescentando alguns pontos indispensáveis à perfeição da vida monástica.

Desde este tempo o título de Regente foi mudado para Abadessa, conforme ordenam as Constituições.

A sua atividade infatigável tudo abrangia. Não deixou de escrever uma biografia do estimado Padre Chico, que se encontra arquivada na Cúria Metropolitana de São Paulo, e começou a interessar o Arcebispo por Frei Antonio de Sant'Anna Galvão, o santo fundador deste Convento. Nisto era tão insistente

que Dom Duarte lhe disse um dia:

– Para que tanta pressa... a primeira santa brasileira canonizada será uma Abadessa.

Nossa querida Madre contando-nos isto, dizia muito ingenuamente:

– Vamos ver se a profecia se realiza.

Decerto nunca lhe passou pela ideia que o Arcebispo referia-se a ela mesma.

O cuidado material do convento não a interessava menos.

Fez muitos reparos e modificações para melhor observância da clausura, e para o bem da saúde das Irmãs.

Nesta parte material não queremos passar em silêncio a memória do Conde de Prates que durante 18 anos exerceu o cargo de Síndico do convento, de 1905 a 1923, e foi um de seus maiores benfeitores. Que Nosso Senhor lhe tenha recompensado largamente sua caridade, é o que nossa gratidão deseja para sua boa alma.

Era tão grande o tino de nossa santa Madre para estes trabalhos de construção, que nós dizíamos, gracejando:

– Nossa Madre, Vossa Reverência errou a vocação; em vez de ser freira devia ser engenheira.

– Posso ser as duas coisas – respondia sorrindo.

num supremo holocausto se imola
de Maria no manto abrigada
essa Mãe Santa que sempre a consola

Filha da Imaculada
Pastorinha dedicada
todos os dias a velar.
Pelas suas ovelhinhas
se pudesse a própria vida
ela lhes quisera dar.

Repouso ativo no Carmelo. Morte de D. Florinda 1922-1925

5

Depois de ter governado a Comunidade por dois triênios seguidos, quis Nosso Senhor dar-lhe três anos de repouso, isentando-a da Prelazia, pela eleição de uma nova Abadessa.

Dispondo de um pouco mais de tempo, a nova Abadessa encarregou-a de escrever a biografia de Frei Antonio de Sant'Anna Galvão, pelo qual tanto se interessava. Obedeceu nossa santa Madre, com aquela submissão perfeita com que honrava os seus Superiores.

Pôs-se a estudar e colecionar tudo o que havia sobre Frei Galvão, e conseguiu fazer um bom trabalho, mas que só foi publicado em 1928. Foi a primeira edição, que em pouco tempo se esgotou. Em 1936 publicou a segunda edição, muito mais extensa e ampliada, e nesta

se ocultou sob o pseudônimo de *Sór Myrian*.

Foi a primeira biografia completa do Servo de Deus e que muito tem contribuído para torná-lo mais conhecido e venerado.

Anunciação
(Madre Oliva Maria de Jesus)

Em abono da verdade devemos dizer que nesse trabalho nossa Madre foi auxiliada por algumas Irmãs, mas estas cingiam-se a revisar a ortografia e a datilografar as cópias. Tudo o mais, porém, é exclusivamente de nossa Madre Oliva.

Era também, nossa Madre, de gênio artístico, de apurado gosto; nunca estudou desenho nem pintura e, no entanto, fez quadros belíssimos que até hoje consideramos como suas preciosas lembranças. Pintou um grande quadro da Anunciação de Nossa Senhora para oferecê-lo de presente na festa da Abadessa, cujo onomástico festejavam no dia da Anunciação. Fez outros muitos trabalhos de pintura que por brevidade deixamos de enumerar. A escultura não a apaixonava menos; fazia imagens para os oratórios do convento, consertava aquelas que tinham defeitos notáveis, como uma imagem antiga de Nossa Senhora dos Prazeres, que depois de ter passado por suas mãos, ficou tão bela como é raro se encontrar semelhante. Construiu dois nichos no coro, e um no vestíbulo de uma escada. Não havia o

que nossa Madre não fosse capaz de fazer. As Irmãs ficavam admiradas com sua atividade, tanto mais que vivia continuamente adoentada, e assim continuou até o fim de sua vida.

No ano de 1944, quando estava organizando a fundação de Guaratinguetá, fez uma bela imagem da Imaculada Franciscana, que assim se chama por trazer nos braços o Menino Jesus, que crava uma lança na serpente aos pés de sua Mãe Santíssima. A imagem tem mais de um metro de altura e hoje se encontra na Igreja do Mosteiro Concepcionista daquela cidade. O trabalho pode ter imperfeições, mas a expressão da Virgem encanta e arrebata a todos que a veem. Uma pessoa entendida em escultura, e não sabendo ainda quem havia

Flagelação
(Madre Oliva Maria de Jesus)

A Imaculada Conceição Franciscana esculpida por Madre Oliva Maria de Jesus

feito essa imagem, disse admirada:

– Quem fez essa imagem deve ter uma bondade de coração sem igual, pois a sua expressão ficou impressa em seu trabalho.

Esta imagem tem mais uma particularidade muito interessante. Quando a estavam fazendo, a Irmã que ajudava nossa Madre nesse trabalho disse-lhe:

– Agora vamos terminar o corpo de nossa Mãezinha, mas ela vai ficar sem coração?

Nossa Madre ouviu e, sem responder, saiu e daí um pouco voltou com dois corações de cera, ex-votos oferecidos pelos devotos de Frei Galvão.

Alegre perguntou a Irmã:

– Mas dois corações?

– Pois um é da Mãe e o outro da filha – respondeu nossa Madre. Fique aí arranjando um meio de colocá-los que eu já volto.

Retirou-se novamente, e quando voltou trazia na mão uma folha de papel escrita; deu-a para a Irmã ler; era a consagração de nossa Madre e do futuro convento

à Virgem Imaculada. Retomando o papel dobrou-o, beijou-o e introduziu-o num dos corações. Havia ali perto, cera derretida e muito quente. Molhou nela os dois corações, unido-os tão bem, que pareciam um só. Assim unidos colocaram-no na Imagem.

Que terna ideia a de nossa Madre; é um artifício ingênuo e inocente, mas que mostra quão grande era o seu amor filial pela Mãe do céu.

Contamos esse segredo com um pouco de receio... Não vá alguém se sentir tentado de extrair os corações da Imaculada.

Disse-lhe certa vez uma religiosa:

– Sendo preciso eu faço qualquer trabalho, mas do que gosto mais é de escrever e desenhar. E Vossa Reverência do que mais gosta?

Pensou um pouco e depois respondeu:

– Eu gosto de tudo, não há o que me custe fazer.

Essa resposta era verdadeiramente sincera.

Nós a víamos sempre satisfeita em qualquer ocupação que fosse. Tanto na cozinha como no escritório, tanto a capinar como a desenhar, tanto a varrer como a pintar; sempre diligente ao mesmo tempo que calma, fazendo tudo com muito capricho e perfeição. E não pensemos que para escrever, ou fazer outra qualquer coisa, refugiava-se no sossego de sua cela e aí ficasse só no silêncio, entregue à sua ocupação. As Irmãs nunca a deixavam; procuravam-na para pedir todas as licenças, resolver todas as dúvidas, pedir isto ou aquilo que precisassem, e quando não bastasse uma só para atrapalhar; às vezes eram duas ou três juntas, porque a Comunidade sempre foi numerosa.

Interrompia ela o seu trabalho, sempre com a mesma mansidão, sem jamais se contrariar; respondia ao que lhe perguntavam e muitas vezes se levantava para procurar o que desejavam. Isso era o dia inteiro e continuou sempre, sem jamais ela ter perdido a paciência. Quem a perdia eram as Irmãs que a ajudavam mais de perto e lhe diziam:

– Nossa Madre, assim é impossível se fazer qualquer coisa. Porque Vossa Reverência não faz como os escritórios da cidade? Audiência das 10 às 11 e das 15 às 17 horas.

Ela sorria e falava:

– Nossa Santa Regra diz que a Madre deve ser serva das súditas – e repetia a sua querida máxima, como uma doce repreensão à impaciente: – *"In patientia vestra possidebitis animas vestras"*.

Também falava pouquíssimo; respondia por monossílabos, e mais por olhares que por palavras.

Achávamos interessante observar, quando às vezes íamos procurá-la, mas lá já se encontrava outra Irmã. Esperávamos que esta saísse ficando próximo à porta de sua cela. Escutava-se a voz da Irmã que falava; de vez em quando parava para receber alguma resposta, e então ouvíamos a mansa voz de nossa querida Mãe, dizer um "sim" ou "não"; logo mais um "talvez" ou "quem sabe" e com isso resolvia tudo. Muito raramente falava algum tempo em seguida. Mesmo para dar alguma ordem, começava por manifestar seu desejo de que isto ou aquilo fosse feito e parava no meio; a Irmã então terminava com perguntas, e afinal oferecia-se para o que ela desejava. Esse era o meio que ela usava para nos dar o merecimento de uma obediência mais perfeita, que

obedece antes mesmo de ser mandada, oferecendo-se espontaneamente.

Suas palavras eram tão cheias de unção, que uma só às vezes bastava para dar a paz às nossas almas. Cinco minutos passados ao seu lado valia por um retiro espiritual, e cobrava-se forças para muito tempo. A sua só presença inspirava veneração e respeito; tudo nela respirava santidade e, confessam muitas Irmãs, que achando-se assaltadas por tentações, bastava aproximarem-se de nossa Mãe para a paz voltar aos seus corações perturbados. A sua influência sobre a Comunidade era, ao mesmo tempo, tão forte e tão doce, que nós gostávamos de dizer, que nossa santa Madre era como a presença de Deus, que sempre se impõe mesmo sem ser visto. De outro modo não se poderia explicar a boa ordem da comunidade e da observância que nela reinava, apesar de nossa Madre estar quase sempre acamada, principalmente nesses últimos anos nos quais quase não pôde seguir os atos comuns. Isso às vezes a preocupava, mas nós a sossegávamos dizendo:

– Nossa Madre, se Nosso Senhor põe Vossa Reverência aí na cama, há de supri-la na sua Comunidade.

– Sim – respondia – eu espero que ele use desta misericórdia conosco.

Mesmo fora do Convento percebiam esta unção sobrenatural que se desprendia de sua pessoa, e era frequentemente procurada por almas aflitas e necessitadas que vinham buscar o conforto de suas palavras e conselhos.

E apesar de todas essas ocupações que para outros seriam fontes de distração, nossa santa Madre

Oliva Maria tinha um raro espírito de oração e recolhimento.

Quem teria o atrevimento de tentar penetrar naquela alma tão profunda, naquele coração inteiramente ocupado por Deus? Seria preciso ter um coração semelhante ao seu para compreendê-lo e tentar descrevê-la. Nós, que dela tão longe estamos, só podemos dizer alguma coisinha do que transparecia. Fazia cem comunhões espirituais todos os dias; rezava o rosário, a coroa franciscana e outras devoções como a Via-Sacra que nunca deixou, mesmo quando acamada, fazendo-a em um crucifixo indulgenciado para esse fim. Do Ofício Divino que diremos? Era toda sua preocupação que fosse rezado com a máxima reverência e perfeição, nada omitindo de todas as cerimônias que lhe estão prescritas. Era a primeira a dar o exemplo, pois apesar de todas as dores que continuamente sofria, não deixava jamais de fazer as inclinações, vênias e prostrações.

Havia formulado uma intenção para cada letra do alfabeto, tantas vezes quantas fossem pronunciadas no Ofício Divino. Parece-nos tão encantadora e original essa santa indústria imaginada por nossa querida Mãezinha, que apesar de estarmos querendo ser breves neste resumo biográfico, vamos deixar de lado um pouco a nossa pressa, para copiar na íntegra o seu piedoso abecedário de intenções.

"...

A - *Tenho intenção, ó meu Deus, de fazer no Ofício Divino tantos* ***atos de amor*** *para convosco, para com o Verbo encarnado e para com o Divino Espírito Santo, todas as vezes que pronunciar a letra "A" nos Salmos sagrados,*

nos versículos, lições e responsórios, nas palavras que digo, nas leituras que faço.

B - ***Bendizer-vos*** *pelos vossos benefícios, todas as vezes que pronunciar a letra "B", concedidos a mim e a todas as demais criaturas, particularmente o benefício da Redenção e da vocação religiosa.*

C - *Todas as vezes que pronunciar a letra "C", tenho intenção de oferecer meu pobre coração para morada do* ***Coração adorável de Jesus****. Que esse divino Coração seja meu único amor, minha vida, o centro de todos os meus afetos, o fim de todos os meus desejos. Desejaria que esse dulcíssimo Coração encontrasse no meu, um pouco de lenitivo para o compensar da ingratidão de tantos cristãos que nestes tempos infelizes o lançam fora de seus corações.*

D - *Desejo todas as vezes que pronunciar a letra "D", oferecer a Jesus outros tantos atos de desejos de O amar e de O ver amado por todas as criaturas. De amá-Lo o quanto Ele merece, infinitamente se disso fosse capaz uma pobre criatura. Desejo de lhe dar muita glória, de lhe dar muitas almas. Se possível fosse quisera vos dar todas, meu Jesus, pois não quisera ver nenhuma seguir o demônio, pois ele não morreu por elas, e Vós sim, destes todo o vosso Sangue para as salvar.*

E - ***Esperança*** *- Todas as vezes que pronunciar a letra "E", tenho intenção de fazer outros tantos atos de confiança em vossa infinita bondade e misericórdia, ó meu Jesus, e pedir-vos que aumenteis cada vez mais, para vossa maior glória essa virtude em minha pobre alma.*

F - *A* ***Fé*** *- Ó Santa Fé do Meu Jesus! Quem me dera, ó meu Jesus, que eu tivesse uma fé tão viva que para a confessar merecesse derramar todo o meu sangue. Desejo ter essa*

intenção cada vez que no Ofício pronunciar a letra "F", e ao mesmo tempo, meu Jesus, pedir-vos que aumenteis em mim a fé, e que convertais os infiéis e façais todas as almas participantes de tão imenso benefício.

G - ***Gratidão*** *- Meu Jesus, tenho intenção de vos agradecer os inúmeros benefícios concedidos a mim e a todas as criaturas, todas as vezes que pronunciar a letra "G". Pretendo agradecer especialmente o imenso benefício da Encarnação e o da minha vocação religiosa.*

H - ***Hóstia*** *- Como ordena a santa Regra devo ser uma hóstia viva, portanto meu Jesus, tenho intenção de todas as vezes que pronunciar a letra "H", oferecer-me juntamente convosco, Divina Hóstia dos nossos altares, ao vosso Divino Pai, para sua maior honra e glória e salvação das almas. Para trabalhar e sofrer tudo o que for de sua SSma. vontade.*

I - ***Ilimitada confiança****, Jesus meu, quero ter em vosso dulcíssimo Coração, em renovar essa confiança todas as vezes que pronunciar a letra "I".*

J - ***Jesus****, nome sagrado, nome dulcíssimo, meu único amor. Tenho intenção de te pronunciar com infinito amor e carinho, todas as vezes que meus olhos depararem com a primeira letra que te compõe, para te pedir misericórdia, perdão, amor, para mim e para todas as criaturas racionais que deveríamos todas viver abrasadas em teu divino amor.*

L - ***Louvor*** *- meu Deus, uma das maiores obrigações das criaturas às quais destes o ser, é vos louvar, amar e bendizer por todas as vossas infinitas perfeições, e pelas graças, amor e benefício, que sem conta, vossa imensa bondade nos dispensa, porque somos de coração muito duro e ingrato, não sabemos vos louvar e agradecer,*

julgando que tudo nos é devido. Desejo, pois, ó meu Jesus, unir-me aos louvores que tributais ao vosso divino Pai no Sacramento do vosso amor, e renovar esse oferecimento todas as vezes que pronunciar a letra "L".

M - ***Maria****, minha Mãe, dulcíssima, cada vez que pronunciar a letra "M", faço intenção de vos chamar em meu socorro para bem rezar o Divino Ofício, para me ajudardes a louvar e bendizer a SSma. Trindade e para que durante a reza estejais ao meu lado para suprir minha insuficiência e tibieza nos louvores de Deus. Sereis Vós, ó minha Mãe, que cantareis em meu lugar hinos e salmos ao Deus três vezes Santo, que só Vós entre todas as criaturas perfeitamente conheceis e amais suas infinitas perfeições.*

N - *Quero meu Jesus, protestar contra minhas infidelidades todas as vezes que pronunciar a letra "N".* ***Não****, não quero mais ofender, não, não quero mais contristar vosso amantíssimo Coração com minhas infidelidades e negligências em vosso santo serviço.*

O - ***Oferecimento*** *- Faço intenção, ó meu Jesus, de me oferecer juntamente convosco, para a glória de vosso divino Pai e salvação das almas, todas as vezes que pronunciar a letra "O" no divino Ofício. Oferecer meus pequenos sofrimentos, meus pequenos sacrifícios para associar-me à vossa obra redentora, e imolar-me juntamente convosco.*

P - ***Petição*** *- Todas as vezes que pronunciar a letra "P", tenho intenção de pedir pela santa Igreja, pela conversão dos pecadores, pedir pela extensão do reinado do vosso Sagrado Coração e aumento de vossa glória. Pedir a salvação de minha pobre alma, a salvação dos meus parentes e de todos por quem estou obrigada a pedir. Pedir-vos pelas santas almas do purgatório, e especialmente pela conversão dos indignos sacerdotes,*

perseverança dos irrepreensíveis e aumento de seu zelo pela glória de Deus.

Q - *Querer fazer sempre a santa vontade de Deus. Querer só a glória de Deus. Querer amar só a Deus. Querer trabalhar só para Deus. Querer que Deus seja de todos amado, agradecido, adorado como merece sua infinita bondade e amor, como merecem suas infinitas perfeições. Quero pedir-lhe a salvação das almas, a conversão dos pecadores, a conversão dos sacerdotes infiéis ao seu sagrado ministério, dos perseguidores da santa religião. Quero pedir a perseverança, fortaleza e coragem para os bons, e o eterno descanso para as santas almas do purgatório. Tudo isso quero vos pedir, ó meu Deus, quando pronunciar a letra "Q", unindo minhas intenções às vossas, meu Jesus, para que sejam atendidas.*

R - ***Renúncia do eu*** *- Quando pronunciar a letra "R" desejaria não só ter a intenção mas poder na verdade destruir o meu eu com a mais completa renúncia da minha vontade à vontade sempre santa de Deus, e que Ele pudesse fazer de mim sempre tudo que entendesse sem nunca encontrar resistência alguma. Isto quisera pedir, ó meu Deus, todas as vezes que pronunciar a letra "R", esperando ser atendida para vossa maior glória.*

S - ***Silêncio, santidade, sede. Sede*** *de vos amar, ó meu Jesus, sede de vos ver de todos amado, sede de vos dar almas, sede de viver de vós, de vossa vida, sede de bem depressa vos ver e contemplar lá no céu.* ***Santidade*** *- Trabalhar e desejar de um dia vir a ser santa, porque é a vossa vontade, porque é o que vos dá mais honra, mais glória acidental e mais consolação ao vosso divino Coração.*

Silêncio, *desejo guardá-lo sempre com as criaturas e falar só convosco, (ainda que isto não me seja possível), vos ofereço o desejo, e vos peço que o aceiteis como a única coisa digna de vossa divina Majestade, todas as vezes que pronunciar a letra "S", pois só Vós mereceis ser acatado, adorado, reverenciado e atendido; portanto, tudo o mais deveria emudecer em vossa presença.*

T - ***Tudo*** *por vosso amor, meu Jesus. Tenho intenção de tudo fazer por vosso amor, meu doce Jesus, não só quando estou no coro para entoar os vossos louvores, mas em toda a parte, e sempre em tudo o que fizer, pensar e dizer que tudo seja pela vossa maior honra e glória e extensão do vosso reinado sobre a terra. Todas as vezes que pronunciar a letra "T", tenho intenção, pois, de renovar todos os pedidos que vos faço nestes escritos e tudo o mais que vós mesmos desejais que vos peça para vossa glória e bem de nossas almas.*

U - ***Humildade*** - *(aqui a nossa Madre tomou o som inicial e não a letra, porque já falou no "H"). Tenciono humilhar-me em vossa presença reconhecendo minha miséria e meu nada, ó meu dulcíssimo Jesus, todas as vezes que pronunciar a letra "U" e confessar assim que só Vós sois digno de toda a honra, de todo o louvor, de toda a glória, e assim quero vo-la desejar e se me fora possível, vo-la adquirir à custa de meu próprio sangue, e renovar esse desejo milhares e milhões de vezes, como também quero humilhar-me e aniquilar-me em vossa presença até o profundo abismo do meu nada.*

V - ***Vontade de Deus*** - *Meu Jesus, quando pronunciar o "V", peço-vos que vos digneis aceitar como um testemunho do constante desejo do meu coração de fazer sempre e em tudo a vossa santíssima vontade.*

Z - ***Zelo da glória de Deus*** - *Meu Jesus, a letra "Z" é muito pouco pronunciada no latim, entretanto, é preciso que vossas esposas tenham grande zelo pela vossa glória e salvação das almas, pois foi por esses motivos que Vós descestes à terra. Peço-vos, pois, meu Jesus, a salvação de três mil almas cada vez que encontrar a letra "Z" nos ofícios divinos; mil em honra ao Padre, nosso princípio que nos criou, ·mil em vossa honra, meu Jesus, que nos remistes com tantos sofrimentos e nos comprastes com o vosso precioso Sangue, e mil em honra do Divino Espírito Santo que é nosso santificador. Mais que nunca desejo unir-me com toda a Igreja, meu Jesus, quando pronunciar essa letra, para que seus méritos de todos os vossos santos sacerdotes e religiosos, unidos aos méritos infinitos do vosso ardentíssimo zelo, possamos conseguir a salvação de muitas almas.*

Ofereço-vos, meu Jesus, todos esses desejos, atos e intenções que aqui neste papel deixei expressos, pelas mãos virginais de vossa divina Mãe, para que Ela tudo purifique, santifique e tome agradável a vossos divinos olhos.

Dignai-vos, doce Jesus, receber esta minha intenção, sempre permanente, e firme ainda quando por minha miséria me esquecer de renová-la."

A oração era a vida de sua alma, o refúgio em todas as ocasiões difíceis, o gozo em todas as suas alegrias, a preparação de todos os seus trabalhos, a companheira inseparável do dia e da noite.

Certo dia aconteceu de se alterar o horário da Comunidade e ficarem muitos atos do coro um em seguida ao outro, pelo que lhe disse uma noviça que ainda não se acostumara bem com tanta oração:

– Credo, hoje foi só rezar, já estou cansada.

– Pois rezar é a coisa melhor que se pode fazer neste mundo, – respondeu nossa Madre com a sua mansidão ordinária.

A sua última palavra nesta terra foi "rezem", como que resumindo a ocupação contínua de sua alma durante toda sua vida. Sua união com Nosso Senhor não se interrompia em tempo algum; o único escopo de seus desejos, o único fim de tudo o que fazia era agradar a Nosso Senhor. Estava inteiramente desapegada de si mesma, das criaturas e de sua estima. Era frequentemente distinguida com manifestações de apreço, não só de suas filhas como ainda de pessoas de alta dignidade; recebia tudo com afabilidade, agradecia por atenção de quem o fazia, mas estas honras nem de leve chegavam a lhe tocar o coração; continuava indiferente a tudo como se jamais tivesse sido alvo dessas homenagens. Um dia lendo-se uma carta em que se lhe faziam grandes elogios, as Irmãs faziam manifestações de admiração. Ela ouvia tudo como se não fora para ela, e depois disse com a máxima indiferença:

– O papel aceita tudo...

Isso nos fez rir de gosto.

Durante algum tempo, contrariou-se quando, por ocasião de suas festas, nos expandíamos em lhe manifestar nossa afeição filial, enfeitando os seus lugares, preparando-lhe surpresas, etc., mas depois não mais se agastou com tudo isso e um dia revelou a uma Irmã o que pensava para proceder assim. Disse:

– Nesses dias, desde o despertar ofereço a Jesus tudo quanto me fizerem e, portanto, nada recebo para mim; assim fico em paz e deixo as Irmãs se recrearem um pouco.

Nestas festinhas lhe cantávamos versos que fazíamos, encaixando-os em alguma música conhecida. Com religiosa simplicidade vamos transcrever aqui um deles, pedindo aos entendidos de poesia que não reparem nos agravos feitos à sua arte. Não tínhamos em vista fazer obra de arte, mas somente manifestar de um modo mais festivo o nosso amor pela querida Madre Oliva Maria. Estes versinhos foram cantados em seu aniversário natalício no ano de 1945.

Perguntei um dia às flores
quantas graças e favores
receberam do Senhor;
e elas me responderam:
– Com beleza, aroma e cores
nos ornou o seu amor;
mas há uma flor mais bela
que todas as graças encerra
e lhe arrebata o coração,
ao seu jardim a transplantou,
sua alma desposou.
Tua Mãezinha é essa flor.

– Violetinha, porque estás assim tão triste?

– Minha humildade, tua Mãezinha me furtou.
– E tu, ó rosa, porque assim te desfolhas?
– Pois a caridade que era a minha vida
tua Mãezinha me levou.

Vi depois um lindo lírio
a dobrar-se tristemente
em seu delicado hastil.
E contou-me meigamente
sua história comovente
definhava de amor.
Pois desde que nascera
a pequena Oliva
o Senhor o esqueceu,
sua candura e pureza
perto da esposinha
toda a beleza perdeu.

– Rubro cravo, tua cor vai desmaiando...
com certeza, já não queres mais viver...
– É verdade, respondeu-me a chorar
Pois a tua Mãezinha furtou-me o amor
só me resta agora a dor.

Cabisbaixo um girassol
deu as costas para o sol,
suas pétalas dobrou.
Já não tem mais obediência,
e protesta com veemência:
– Tua Mãezinha a conquistou!
já não quero mais olhar
para o sol a dardejar
seus raios de luz,
porque ele me segreda

muito mais bela que tu
é aquela Esposa de Jesus!

– Lindas florinhas,
porque tantos, tantos ciúmes... ?
Minha Mãezinha, não vos rouba a beleza.
Sua bela alma possui, na realidade
todas as virtudes, de que vós sois a figura
em nossa bela natureza.

E assim fui consolando
a mágoa das florinhas
que se deixaram convencer,
e acabaram festejando
a nossa boa Mãezinha
junto com suas filhinhas.
Para mais perto ficar
deixaram-se colher e do jardim trazer,
e também não duvidaram
para a festa alegrar
suas vidas ofertar.

Por toda a parte, vimos suas lindas cores,
com seu perfume todo o dia a seguiram,
delicadas, graciosas, damas de honra
onde ela permanece, a cercam prontamente
sorrindo-lhe amavelmente.

Oh! quem dera às suas filhinhas,
ser como estas florinhas,

dedicadas, virtuosas,
ter do lírio a candura,
da rosa a caridade,
da violeta a humildade.
Cegamente obedientes,
ser consolo e alegria
de seu materno coração,
e assim lhe demonstrar
a sua gratidão
pelo muito que lhes faz.

E um dia no céu, onde o gozo é sem véu,
todas juntas, na Pátria da luz,
cantaremos para sempre, eternamente,
as glórias de Jesus, os louvores de Maria
em perpétua alegria!

No dia 5 de julho de 1924 explodiu a revolução em São Paulo [18].

O Convento da Luz ficou em situação deveras perigosa. Situado entre quartéis inimigos, assemelhou-se a um sanduíche de guerra, pois as balas e granadas eram atiradas por cima dele e, muitas vezes, sofria seus impactos.

As religiosas aí permaneceram sofrendo terríveis sustos e perigos dos quais saíram ilesas por

---

[18] Esta segunda revolta tenentista estourou no 2º aniversário da primeira, que ficara conhecida como a dos "18 do Forte de Copacabana". A revolta de 1924 ocupou a cidade de São Paulo por vinte e três dias, tendo ocorrido também rebeliões em várias cidades do interior do Estado de S. Paulo e motins em outros estados. Os revoltosos exigiam a renúncia do presidente Artur Bernardes. A aviação e a artilharia legalistas bombardearam a cidade, tendo como alvo principal o quartel da Força Pública, que se situa ao lado do Convento da Luz.

miraculosa proteção de Maria Santíssima pois, apesar de ser a casa alvejada continuamente por bombas e balas que entravam pelas paredes, janelas e telhado, nenhuma das 37 religiosas recebeu o mais leve ferimento.

Aí ficaram do dia 5 até o dia 11, continuamente esperando a morte, preparadas e muito unidas para recebê-la, quando o Arcebispo Dom Duarte, reconhecendo o grande perigo que corriam, transferiu-as para o convento das Carmelitas desta mesma cidade.

Nessa ocasião deu nossa santa Madre uma prova heroica de renúncia. Estava sua virtuosa mãe muito mal, esperando somente os últimos momentos de sua vida; desejava ardentemente ver pela última vez sua querida Oliva Maria e nada seria mais fácil, agora que ela está de caminho para o Carmelo, e a casa de sua mãe fica ai muito perto. Um pedido, e prontamente seu desejo seria satisfeito. Mas... os santos também são heróis. Ela se cala, e o automóvel correndo sempre, deixa para trás a morada de D. Florinda. Dias depois ela falece santamente, a 26 de julho, sem ver sua filha querida que estava refugiada no Carmelo, oferecendo a Nosso Senhor seu sacrifício imenso para a felicidade eterna de sua amada mãe.

As Carmelitas receberam as "pombinhas" da Luz com uma caridade extrema. Não sabiam mais o que inventar para lhes proporcionar uma hospedagem agradável e que lhes fizesse esquecer os grandes sofrimentos daqueles terríveis dias. Despojaram-se de suas celas, de seu refeitório, para melhor acomodá-las, arranjando-se por outros cantos do Mosteiro como puderam. Até hoje nossas Irmãs guardam desses dias e

desse carinho a mais terna lembrança. Nossa querida Madre não os esquecia nunca e sempre dizia:

– Nós devemos muita gratidão às Carmelitas.

Extremamente caridosas nossas queridas Carmelitas, mas também... muito espertas! Não demorou nada para descobrirem o tesouro oculto que era nossa Santa Madre Oliva Maria, e quiseram possuí-lo. Toda a Comunidade está de acordo em pedir a transferência de nossa Madre para a sua Ordem. E Madre Oliva? Também aceita.

– Então Vossa Reverência queria ficar lá? – perguntamos a ela.

– Para sempre não, – responde ela em sua grande humildade – mas queria ficar uns tempos· para aprender com elas a ser uma perfeita religiosa.

A Comunidade da Luz em 1924. Irmã Oliva Maria de Jesus está sentada e é a quarta da direita para a esquerda (e também no detalhe ampliado no canto de baixo à direita). A Madre Abadessa nessa ocasião está exatamente sob a imagem de Nossa Senhora. Irmã Maria Virginia do Nascimento, que viria a fundar o Mosteiro de Uberaba (v. nota iii *no Prólogo), é a segunda contando de Nossa Senhora para a esquerda.*

No entanto foi tudo inútil; os Prelados negaram terminantemente a licença e Madre Oliva volta para a casa de Maria Imaculada, onde vai ser a sua alma e sustentáculo. O Carmelo não tinha necessidade dela, mas este convento, sim, precisava muito de sua Madre Oliva Maria e, por isso, Nosso Senhor a trouxe de volta.

Esta ocorrência, que hoje serve de glória para nossa santa Madre, naquela ocasião lhe serviu de desgosto, pois houve quem interpretasse seu desejo tão santo como uma ingratidão para com sua comunidade. Bendito seja Deus, que de tudo se serve para dar

merecimentos a seus servos!

As saudades quem não sente
de uma Mãezinha ausente
tão meiga e carinhosa.
E as lágrimas suaves
correram-lhe pelas faces
numa noite silenciosa.

Mas no céu a Mãe celeste
que dos lírios se veste
e que por filha a tomou,
no seu lindo azul manto
enxugou o seu pranto

bem depressa a consolou.

6

Madre Oliva Abadessa. Os votos perpétuos. A reforma do Convento de Santa Clara, em Sorocaba 1925 - 1928

Pelas eleições de 1925 saiu eleita nossa querida Madre Oliva para Abadessa da Comunidade. Desde então ela não descansará mais, senão quando Nosso Senhor a chamar para o eterno gozo do paraíso.

Como já se disse, as Irmãs ao professarem, faziam os três votos de religião, porém com a condição de serem válidos somente enquanto permanecessem no convento. Não passavam, portanto, de votos temporários, que por si não são suficientes para constituir o estado religioso.

Com os contínuos progressos espirituais que nossa santa Madre havia introduzido entre suas filhas, acendeu-se também o desejo de se ligarem a Nosso Senhor de um modo mais perfeito pelos votos perpétuos.

Manifestado aos Prelados, estes abençoaram a boa vontade das Irmãs e comunicaram à Santa Sé uma relação das circunstâncias em que se encontrava a Comunidade, para saberem como poderia ser feita essa profissão. A Santa Sé dispensou noviciado e se contentou com um retiro preparatório de dez dias.

Assim foi feito e no dia 11 de junho de 1926, festa do Sagrado Coração de Jesus, todas as Irmãs, com grande alegria e consolação, emitiram seus votos nas mãos de Madre Oliva Maria, que então se encontrava acamada na enfermaria.

Ela já havia emitido os mesmos votos nas mãos de Dom Duarte, a 7 de abril desse mesmo ano.

A festa toda foi na enfermaria, e se alguma coisa turbou a felicidade daquele dia, foi a enfermidade de nossa Mãe que já era ternamente amada por todas.

É interessante notar pela seguinte passagem, a calma e magnanimidade de coração com que nossa Madre havia vencido todas as dificuldades. Estava ela com outra religiosa a procurar, entre os salmos, algum verso apropriado para imprimir numas estampas que serviriam de comemoração e lembrança desse abençoado dia dos votos perpétuos. Encontrou ela uma e disse sorrindo:

– Esta está ótima! – e leu: – "*Venite, et videte opera Domini, quae posuit prodigia super terram, auferens*

bella usque ad finem terrae" [19].

É certo, contudo, que não foi esta a inscrição impressa. Nesta ocasião, estando já aplanadas as dificuldades, começou-se a observar a Regra das Concepcionistas.

Nosso Senhor logo mostrou o quanto se agradou desta prova de amor de suas Esposas, levando-as para comunicar o mesmo fervor ao Convento de Santa Clara na cidade de Sorocaba.

Este convento também foi fundação de Frei Galvão e filho desta Comunidade da Luz, pois foi com religiosas daqui que foi formado. Também ele sofrera as consequências do tempo e da instabilidade sobre o qual fora fundado, não por culpa do fundador, como já explicamos ao falar deste nosso Mosteiro da Luz, mas por força das circunstâncias da época que não permitiam outra coisa.

Nossa Madre Oliva Maria de Jesus foi escolhida por Nosso Senhor para ser o complemento de seu santo Servo Frei Galvão e, assim como completou a sua obra em São Paulo, era concordante que a fosse completar também em Sorocaba.

O Bispo Dom José Carlos de Aguirre, ao tomar posse de sua Diocese de Sorocaba, logo desejou fazer no Recolhimento de Santa Clara os melhoramentos que viu serem necessários.

---

[19] "Vinde admirar as obras do Senhor, os prodígios que ele fez sobre a terra. Reprimiu as guerras em toda a extensão da terra". Salmo 45, 9,10

Encontrando naquelas boas Irmãzinhas grande boa vontade, escreveu à nossa Madre Oliva pedindo-lhe duas "mudas", para transplantar daqui para Sorocaba e lá formarem o novo jardim da Imaculada.

Com grande júbilo de seu coração abrasado de zelo pela glória de Deus e da Virgem, aceitou nossa Madre com generosidade, pois em vez de duas "mudas" levou três e com ela quatro. Saíram de São Paulo a 11 de novembro de 1926 e no mesmo dia chegaram em Sorocaba, sendo recebidas por aquelas santas Irmãs com grande alegria e carinho.

Insondáveis os desígnios de Nosso Senhor. O que aqui no Convento da Luz foi feito pelo decorrer de longos anos, lá, em poucos meses estava tudo arranjado. A 8 de dezembro, todas vestiram o branco Hábito da Imaculada, que nossa carinhosa Madre Oliva desejou ter a satisfação de ajudar a fazer. Apesar de sua saúde sempre periclitante, cortou 20 hábitos, e em poucos dias estava tudo pronto.

Organizou na casa as reformas mais necessárias para perfeita guarda da clausura, deixou a Santa Regra Concepcionista e constituições que deviam observar, e ficando as três religiosas que levara, uma como Abadessa e as outras duas como suas auxiliares, voltou para São

Paulo, depois de um mês e poucos dias, a 23 de dezembro.

Imagem de Santa Beatriz da Silva que está no altar-mor do Mosteiro da Luz.

Nossas queridas Irmãs de Sorocaba guardam de nossa Madre Oliva a mais terna e edificante lembrança. Foi entre prantos que dela se separaram, e sempre a consideraram como sua primeira Abadessa e reformadora.

A sua influência entre elas foi tão grande, que as "mudinhas" cresceram, floresceram e frutificaram, produzindo mais um Mosteiro de Concepcionistas, a fundação da cidade de Uberaba, no estado de Minas Gerais, realizada em 1949.

Depois da reforma de Sorocaba, nossa santa Madre desejava encerrar o seu trabalho na Comunidade com a chave de ouro da incorporação do Mosteiro à Ordem da Imaculada Conceição, cuja Regra já estava observando. Seria elevá-lo a Mosteiro de Direito Pontifício e votos Solenes, e com isso, protegê-lo por uma barreira intransponível, contra os inovadores que tão grandes distúrbios já haviam causado no bem-estar da Comunidade.

Desde dezembro de 1921, pela morte do Padre Luiz Rossi, dirigia a Comunidade, Monsenhor Dr.

Alberto Teixeira Pequeno [20], nomeado pelo Arcebispo Dom Duarte como seu representante em tudo que dizia respeito ao governo da Comunidade. Sacerdote de grande capacidade e zelo, desempenhou seu cargo até sua trágica morte no desastre de avião em 1943.

A ele, portanto, dirigiu-se nossa Madre Oliva manifestando seu desejo de incorporar nossa Comunidade à Ordem das Concepcionistas. Mas que decepção! Monsenhor Alberto assustou-se somente com a proposição.

– Mosteiro de Direito Pontifício? De clausura papal? Votos solenes? Ofício Divino sob pena de culpa? Impossível!

Na sua opinião era colocar sobre os ombros das Irmãs uma responsabilidade acima de suas forças; era criar-lhes uma ocasião de perigo de faltas e culpas, contra leis, para elas, muito rigorosas.

Permissão de Deus, que se comprazia com a paciência e incomparável longanimidade de nossa santa Madre.

Ela não opôs resistência e foi esperando a hora de Nosso Senhor.

Enquanto isso continuava a dedicar-se ao maior aperfeiçoamento da Comunidade, a fim de alcançar de Nosso Senhor essa graça indispensável para a

[20] Monsenhor Alberto Teixeira Pequeno foi uma importantíssima personalidade eclesiástica brasileira da primeira metade do século XX. Como Visitador Apostólico no Brasil, Monsenhor Pequeno fora encarregado pelo Papa Pio XI de vistoriar todos os seminários do Brasil e ainda criar grandes seminários centrais com currículos acadêmicos equiparados aos de Roma. Essa missão lhe dava acesso direto ao Papa Pio XI assim como a seu Secretário de Estado, o Cardeal Eugenio Pacelli, futuro Papa Pio XII.

estabilidade do que já havia sido feito.

Muito amante de nossa santa Fundadora, Santa Beatriz da Silva, para mais afeiçoar as Irmãs à sua devoção, encomendou uma linda imagem que chegou ao Convento em 1927 e ficou exposta em sua Igreja. Anos depois adquiriu outra para o coro, e ela mesma construiu dois nichos, um para nossa Santa Madre Beatriz e outro para uma imagem de Maria Menina que ela também havia feito. Era infatigável nossa querida Mãe.

De vez em quando voltava à carga com Monsenhor Alberto sobre a incorporação do convento à Ordem, mas ele nunca dava esperanças. Assim passaram dois anos. Nossa santa Madre rezava e pedia a Deus o que as criaturas lhe recusavam. Afinal teve uma inspiração. Resolveu recorrer diretamente ao Arcebispo Dom Duarte. Tomou de um papel e escreveu uma longa carta, expondo todos os motivos que a levavam a insistir sobre a incorporação do convento à Ordem a que já pertencia pela observância e, com toda confiança, expôs-lhe detalhes e minúcias pelos quais compreenderia bem a grande necessidade e importância dessa medida. Dizia

SANTA BEATRIZ DA SILVA
FUNDADORA DA ORDEM DA IMACULADA CONCEIÇÃO

Santa Beatriz foi escolhida por Nossa Senhora para fundar a Ordem de sua imaculada conceição. Beatriz nasceu de família nobre, em 1426 em Campo Maior (Portugal). Sua parenta Isabel de Avis, infanta de Portugal, que desposara D. João II de Castela e Aragão, leva-a ainda adolescente como sua dama de honra para aquela na cidade de Tordesilhas.

Na corte, a jovem lusitana continuou sua vida piedosa, com o desejo que alimentara dede a infância de fazer alguma coisa de grande em honra de Nossa Senhora. No entanto, sua grande beleza atrai imediatamente admiração e atenções, despertando o ciúme da rainha, que encerra Beatriz numa grande caixa no subterrâneo do palácio. Nossa Senhora lhe aparece em sua prisão determinando-lhe a fundação de uma Ordem religiosa em louvor de sua conceição imaculada. Salva por interferência de um tio, Beatriz parte para Toledo e hospeda-se num mosteiro de monjas, onde permanece à espera da hora para realizar o que Nossa Senhora lhe havia inspirado: a fundação de uma Ordem religiosa em honra da Imaculada Conceição, da Mãe de Deus.

Depois de longa espera de muitos anos, retira-se com doze companheiras para antiga casa, doada pela nova rainha (Isabel, a católica), adjacente a uma capelinha dedicada à virgem mártir Santa Fé. Ali nasceu a Ordem. Já no mosteiro doado por esta rainha, Beatriz é avisada por S. Rafael da aprovação da Ordem pelo Papa Inocêncio VIII: a Bula está a caminho por mar. Mas o navio portador naufraga. Dias depois, ela encontra num cofre seu, cheirando a maresia, o documento tão esperado: a Bula Papal de Aprovação.

O novo instituto constituiria para sempre o testemunho vivo de fé na verdade divinamente revelada da Imaculada Conceição de Maria em 1854.

A grande glória e mérito de Beatriz é de ter apresentado ao mundo a prova desta fé, 400 anos antes da declaração da mesma pela Igreja, como Dogma do especial privilégio de Nossa Senhora. Demonstrou-o na forma da vida religiosa consagrada, o que os teólogos e sábios procuravam provar por argumentos falados e escritos.

Beatriz da Silva faleceu a 9 de agosto de 1492 com 67 anos de idade. Pouco antes de expirar apareceu sobre sua fronte uma estrela luminosa, sinal de sua santidade e como que uma glorificação manifestada pelo próprio Deus.

Foi canonizada pelo Papa Paulo VI a 3 de Outubro de 1976. Sua festa é no dia 17 de agosto.

A Ordem da Imaculada propagou-se por diversos países da Europa; entrou na América pouco depois da descoberta do Brasil e atualmente conta com mais de 500 anos de fundação.

nossa querida Madre:

– Eu nem sei o que escrevi, mas foi uma carta bem comprida; imaginem o que teria saído, eu que nunca soube escrever...

A carta foi enviada e logo chega o resultado.

Veio um dia Monsenhor Alberto ao Convento falar com nossa Madre Oliva. Estava bem aborrecido e não escondeu sua contrariedade. Disse:

– O Senhor Arcebispo sempre aceitou meu parecer, só desta vez se negou a me ouvir. Imagine que ele me falou: "Monsenhor EU QUERO". O que é que Vossa Reverência escreveu para ele? Devia ter sido uma carta feita de linhas de fogo e letras de brasa!

Nossa querida Madre ouviu com o prazer que se pode imaginar; pouco se impressionava com as repreensões de Monsenhor; para obter aquela graça teria dado até sua própria vida. Na verdade tinha posto naquela carta o fogo de seu coração abrasado de zelo pela glória de Deus e as brasas de sua fortaleza e coragem.

– Aqui está o requerimento para Vossa Reverência assinar. – continua Monsenhor – Não vá ficar com vaidade de ver seu nome ir para Roma.

Nossa Madre sorria. A vaidade estava tão longe dela como a luz das trevas e, como estamos nos referindo ao seu nome, é-nos grato narrar a dificuldade que sempre sentiu em usar de seu título de Abadessa.

Muito raramente o colocava em sua assinatura, e isso à força de insistirmos, e quando havia mesmo necessidade. Tratava-se às vezes de documentos, e lhe dizíamos: – Nossa Madre, precisa pôr "Abadessa" nessa assinatura. Começava ela a fazer dificuldade:

– Será? Acho que não precisa...

– Mas como vão saber que Sóror Oliva Maria de Jesus é a Superiora? Hão de pensar que é qualquer Irmã e nesse caso o documento fica sem valor.

– Então que vá – e começava a escrever. Ab punha um ponto e dizia entregando o papel: – Pronto, isso chega...

Não tínhamos outro remédio senão sorrir e nos edificar com sua profunda humildade. Às vezes, para consolá-la, lhe dizíamos:

– Vossa Reverência não quer fazer amizade com o título de Abadessa; no entanto é muito bonito, porque quer dizer “mãe”; mais bonito do que Superiora que dá ideia de superioridade, mais do que Priora que faz pensar em primazia, mais do que Regente que lembra governo e autoridade.

– É, mas então precisava escrever tudo isso de baixo dele, porque ninguém sabe, e acham que Abadessa é uma grandeza do outro mundo – respondia.

Outras vezes, a Irmã secretária ao datilografar as cartas, achando necessário, já colocava debaixo do traço da assinatura o célebre “Abadessa”.

Ela lia a carta, assinava-a, mas não deixava de dizer apontando para o título pouco querido:

– Isso não precisava...

Assinado o requerimento, de certo com o pomposo “Abadessa” também, nossa Madre quis consolar um pouco Monsenhor e lhe disse:

– Vossa Excelência está cumprindo uma profecia de Frei Galvão.

– Como assim? – pergunta Monsenhor, começando a esquecer sua contrariedade.

– Pois ele profetizou que nosso convento acabaria “solene”. Muitas Irmãs pensavam se tratar do

martírio, mas Vossa Excelência acha que o martírio é solenidade?

– Penso que não... – respondeu Monsenhor, pensativo.

– Pois não sendo martírio, só pode ser a solenidade dos votos; que acha Vossa Excelência?

– Na verdade, deve ser isso – e já todo satisfeito – ora veja, e eu estou tomando parte na profecia!

Sim, dizemos nós, ainda que obrigado, Monsenhor Alberto tomou parte na profecia, mas quem a realizou foi nossa santa Madre, à custa de não pouco trabalho e sofrimento. Só na eternidade poderemos conhecer o que foi a vida desta grande filha de Maria Imaculada; o que entrevemos neste mundo, é apenas uma sombra, que não nos permite sondar, sequer, a décima parte de seu valor e beleza! Que amor não lhe terá dedicado do céu o santo construtor deste Convento, Frei Galvão!

E à sombra feliz do Sacrário
hauriu fontes perenes de luz
desfiando o seu meigo rosário
viveu contente aos pés de Jesus

Num doce palpitar: de fé e amor!
a balbuciar: – Senhor! Senhor!
parece uma alma
que louca de amor
só acha consolo
na mágoa e na dor

Santa Beatriz da Silva
(óleo de Sóror I. López de Lama, Torrijos, Toledo)

7

Madre Oliva Maria reeleita. Os votos solenes 1928-1931

Nas eleições de 1928 é reeleita nossa querida Madre Oliva Maria de Jesus.

Continuou a trabalhar com todo o zelo no aperfeiçoamento da Comunidade, tanto mais agora que está à espera do Breve Pontifício pelo qual será o Mosteiro Incorporado à Ordem das Concepcionistas, devendo as Irmãs emitir os votos solenes.

Monsenhor Alberto Pequeno ordenou à nossa Madre que, visto estarem as Constituições da Ordem em reforma na Santa Sé e demorarem muito ainda para vir, ela que as reformasse por enquanto, adaptando-as aos Cânones vigentes a fim de que, quando chegassem as reformadas, já estivessem mais ou menos de acordo com as observadas. Depois de prontas ele as examinaria para aprová-las.

Obedeceu nossa Madre com aquela submissão

perfeita de que sempre nos deu tão grandes exemplos; sua obediência era tão completa e universal, que ao receber uma ordem dos Superiores, assim como a recebia a cumpria, sem fazer rodeio algum, nem lhe dar interpretações diferentes. Os mesmos desejos de seus Prelados, ainda que manifestados de passagem, tinham para ela força de preceito. Por ocasião da fundação do Mosteiro de Guaratinguetá, do qual falaremos mais adiante, ela se encontrava muito doente, pelo que nós lhe dissemos que não fosse para lá, pois seu estado de saúde seria suficiente para dispensá-la de uma obediência tão penosa. Ela nada mais respondeu do que isto:

– Eu sou filha da obediência!

Falou com um tal acento que jamais esqueceremos.

Costumava, humildemente, acusar-se de haver desobedecido uma vez à Madre Regente que lhe mandara levar, sozinha, a refeição aos empregados, no tempo em que não havia clausura. Cheia de temor ela esquivou-se e não foi. Eis a única desobediência que ela havia cometido em toda a sua vida e que, na verdade, não foi uma desobediência, pelos motivos graves de sua consciência para não fazer o que lhe era mandado.

Pois bem, pôs-se nossa santa Madre a consultar os cânones, que para maior dificuldade, não havia em português: havia um em latim e outro em italiano. Nada a desanimou e depois de pronto o trabalho entregou-o a Monsenhor Pequeno.

Depois de examiná-lo Monsenhor teceu os maiores elogios sobre o trabalho, e lhe disse:

– Madre, se Vossa Reverência não se dedicar a escrever, dará muita conta a Nosso Senhor!

Esta exortação, nossa Madre recebeu-a como uma ordem e até o fim da vida se preocupará com ela. Por causa dela colecionou um resumo biográfico de nossas mais santas Irmãs e publicou, em 1931, um opúsculo com o nome de *"No Vergel Concepcionista"*. Em 1930 para aceder ao desejo dos devotos de Frei Galvão que desejavam publicar os favores que recebiam pela sua intercessão, organizou um pequeno periódico que até hoje se publica, o *"Celeste Orvalho"*. Mais tarde fez um trabalho sobre as Irmãs Conversas, às quais sempre dedicou grande atenção e carinho, desejando que fossem como as coristas, verdadeiras religiosas aspirantes à perfeição e santidade. Não deveriam considerar sua categoria, aparentemente inferior, impedimento para serem perfeitas Esposas de Jesus [21]. Este opúsculo, intitulado *"O Tesouro Escondido ou A Felicidade da Religiosa Conversa"* foi publicado em 1944. Organizou também a crônica do Convento que ainda não havia, fazendo uma narração sucinta e substancial desde a sua fundação. Nela encontramos mais uma belíssima prova da grande humildade de nossa santa Mãe, pois ao narrar os trabalhos que fez no decorrer de sua longa prelazia, nem uma só vez aí pôs seu nome, e em vez dele, diz "a prelada de então" ... "a Madre eleita" ... "nós mandamos fazer tal ou tal serviço" ... "achamos que convinha", etc.

Em 1948, a pedido de um Sacerdote franciscano que se interessava pela causa de Frei Galvão, começou a

---

[21] Até o Concilio Vaticano II, 1962 – 1965, os Mosteiros das antigas Ordens Monásticas eram formados de duas categorias de religiosas: as "coristas" mais encarregadas da observância da oração e liturgia e a das "conversas" dedicadas ao serviço doméstico e de outros trabalhos braçais. O Vaticano II, em sua renovação da vida consagrada em clausura, aboliu a diferença daquelas duas categorias, restando uma só, a das "coristas" para toda a comunidade. (N da A)

escrever um trabalho que se chamaria *"O Espírito de Frei Galvão"*; mas era o penúltimo ano de sua vida aqui na terra; doente e cansada, por muito esforço que fez não conseguiu escrever senão dois capítulos que conservamos com muito carinho entre seus manuscritos.

Nestes trabalhos visava unicamente à glória de Deus e bem das almas, e jamais a si mesma. Dizia em sua simplicidade encantadora:

– Enquanto lerem isto, não lerão outras coisas más e sempre alguma palavra há de fazer bem para as almas.

Melhor ainda prova o seu desinteresse, a satisfação com que ouvia elogiar os trabalhos alheios.

De nossa parte dizemos que aquelas constituições ficaram tão bem organizadas que, ao chegaram as reformadas pela Santa Sé em 1943, quase em nada houve modificação, mesmo em matéria de tanta importância como clausura, pobreza, silêncio, etc. Chamou-nos mesmo a atenção sobre algumas minúcias como a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, às primeiras sextas-feiras, no dia 8 de cada mês, em honra da Imaculada Conceição, tudo ela já havia introduzido.

Finalmente chegou o dia tão desejado por seu coração: o da profissão solene. O Breve Pontifício fora despachado favoravelmente pela Santa Sé. O convento foi erigido canonicamente em Mosteiro da Ordem da Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. Estava realizado o seu grande sonho, estava completa a obra de

Frei Galvão por meio de sua querida filha, Madre Oliva Maria de Jesus.

A 10 de dezembro de 1929, 1º Domingo do Advento, depois de um retiro espiritual, veio o Arcebispo Dom Duarte receber a profissão solene de Nossa Madre, que em seguida recebeu as das demais Irmãs conforme ordena a Santa Regra. À tarde cantou-se o *Te Deum* em ação de graças. Este dia será para sempre um marco glorioso para o nosso convento.

E Monsenhor Alberto Pequeno? Não tardou a ver que seus receios eram infundados e, em 1940, por ocasião de uma visita canônica que fez ao convento acabou de se convencer do grande benefício da ereção canônica e da grande sabedoria de nossa santa Madre; e se já a estimava, daí em diante foi sem medida a confiança que depositou em sua esclarecida prudência. É-nos grato narrar a satisfação que ele encontrou nessa visita canônica. Depois de tê-la terminado chamou nossa Madre ao locutório e recebeu-a dizendo com aquele tom solene de voz que possuía:

– *Te Deum laudamus*[22]*! Te Deum laudamus!* Madre Oliva, estou satisfeitíssimo!

Nossa santa Madre conservou-se naquela sua grave atitude de sempre, sem se deixar levar pelos entusiasmos de Monsenhor, porque verdadeiramente em sua humildade e em seu desejo de grande perfeição, achava que ainda faltava muito para que sua Comunidade fosse um modelo de observância, e o disse sinceramente a Monsenhor. Este então lhe falou:

– Pois eu dou licença para que Vossa Reverência

---

[22] Nós te louvamos, ó Senhor!

vá a todas as Comunidades que quiser e, depois de as percorrer uma por uma, tenho certeza de que voltará aqui e com a face em terra agradecerá a Nosso Senhor o fervor que nela reina.

E depois contou um diálogo que teve com uma das Irmãs. Perguntou a ela:

– Aqui se observa o silêncio?

– Nem diga, Monsenhor. Olhe, se eu for andando pelo corredor e tiver um ataque, lá morrerei sem que apareça ninguém para me acudir.

– Que gosto para mim!

– Que eu morresse?

– Não! Que se guarde tanto recolhimento e silêncio.

Monsenhor Alberto Pequeno sempre dedicou à nossa querida Madre, grande veneração; ela também o apreciava muito; tinha para com seus Superiores atenção de verdadeira filha. Nos aniversários não se esquecia nunca de enviar uma cartinha com felicitações, e quando era possível acompanhava-a de algum mimo. Certa vez mandou a Monsenhor Pequeno alguns doces, e ele sempre alegre e bem disposto agradeceu, dizendo: “Com tanto doce, Vossa Reverência há de botar a perder o ‘Pequeno’ “.

Foi profundo o sentimento de nossa querida Madre pela trágica morte de Monsenhor e também do sempre saudoso Arcebispo Dom José Gaspar de Affonseca e Silva.

Alguns dias antes veio falar com nossa Madre e, ao abrir a grade, disse Monsenhor:

– É como o sol que aparece!

– Sim, o sol da meia-noite – respondeu ela.

Riu-se ele com a resposta tão pronta. Foi sua última visita na terra. Hoje já estão unidos na eternidade.

8

Algumas de suas virtudes e devoções. A fundação de Guaratinguetá 1932-1945

Depois da graça da incorporação do Convento à Ordem da Imaculada, depois da Profissão Solene, parece que a missão de Madre Oliva estava terminada. Poderia agora descansar e gozar em repouso dos frutos de sua messe, semeada com tantos suores e sacrifícios.

Não quis assim Nosso Senhor que desejava elevá-la aos mais altos cumes da santidade. Deveria, portanto, continuar carregando a pesada cruz do governo da Comunidade, apesar de seu cansaço e saúde sempre

abalada.

Por isso, ao chegar o ano de 1931, fim do triênio que estava exercendo, ao requerer as eleições, Dom Duarte declarou que por motivo da profissão solene, seu triênio deveria ser contado a começar daquela ocasião, ou seja, de 1929 em diante; conformou-se nossa querida Madre e, ao chegar 1932, fez novo requerimento. Desta vez foi Monsenhor Alberto Pequeno que veio decidir a questão. Estudou o caso e veio com esta solução tão pouco esperada de nossa boa Madre Oliva: a elevação do Mosteiro a direito pontifício era considerada como uma fundação e, sendo assim, a Prelada fundadora devia exercer o cargo por 12 anos, findo os quais haveria eleições, podendo ser reeleita ainda por duas vezes.

Deus meu! Doze anos sem esperança de descanso a não ser pela morte! Era bem um purgatório. Rogos e súplicas não tiveram efeito, mais uma vez foi preciso que sua humildade cedesse lugar à obediência.

Continuou dirigindo a Comunidade, fomentando o fervor na observância e cuidando maternalmente de tudo que dizia respeito ao bem-estar de suas filhas, tanto espiritual como materialmente.

Era para elas exemplo vivo de todas as virtudes; sua paciência e mansidão, longe de se esgotarem, elevavam-se com a passagem dos anos; foi-se tornando até um pouco mais terna, pois apesar de sua amabilidade foi sempre muito reservada no trato com as Irmãs. Um sacerdote chegou a lhe dizer que devia ser mais carinhosa com suas filhas, ao que ela respondeu:

– Senhor Padre, se sendo como sou elas já não me deixam, o que seria se fosse acariciá-las?

Na verdade era admirável a nossa querida Mãe;

jamais fez diligência alguma para atrair a estima de quem quer que fosse e, no entanto, todos se sentiam espontaneamente atraídos por sua bondade.

Muitas das Irmãs chamavam-na pelo nome de "Mãezinha", mas ela nunca, nem sequer uma vez, em tão longos anos, nomeou a uma delas pelo nome de "filha". Por que seria? Às vezes lhe perguntávamos o motivo e ela dizia "Porque não sou mãe", querendo dizer com isso que não cumpria com os deveres de uma mãe como era sua obrigação, e por isso não tinha direito de chamar-nos de "filhas". A tal ponto chegava sua humildade, que nos tratava com toda a reverência e respeito como se fôssemos alguém superior a ela.

Qualquer servicinho que lhe prestávamos agradecia com "Deus lhe pague", e qualquer coisa que pedisse era por "faça a esmola". Atendia a qualquer uma que a procurasse por muito ocupada ou doente que se encontrasse; escutava-nos sem jamais se impacientar, durante longo tempo e se fosse preciso mandar-nos embora era com muita bondade e delicadeza que nos dizia:

– Agora é bom Vossa Caridade ir.

Se fosse preciso empregava a energia, mas todo o seu rigor constava no tom mais firme e grave de suas palavras e na firmeza de suas decisões; jamais voltava atrás, mas nunca alterou a sua calma nem elevou a voz. E se, contritas, reconhecíamos nossa falta e nos propúnhamos emendar, imediatamente ela voltava em sua amabilidade costumada e já parecia ter esquecido nossa falta. Coração grande e generoso, soube perdoar até ao heroísmo; certo dia chegou ao Convento a notícia do falecimento de uma pessoa que muito a fizera sofrer.

Comovida, falou à Irmã que estava junto dela:

– Oh! coitado; faça a esmola de ir depressa ao coro e diga para a Madre Vigária oferecer o terço pelo descanso dessa alma.

Às vezes para animar alguma Irmã ao sacrifício, contava algumas de suas passadas provações, mas nunca nomeava os que foram os motivos de seus sofrimentos.

"A bênção, mãezinha!", pede a Irmã. Madre Oliva a abençoa traçando uma cruz em sua cabeça com o polegar direito. Então a Religiosa diz: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo" e Madre Oliva responde "Para sempre seja louvado" acrescentando mentalmente a forma latina "semper laudetur". Esta cena repetia-se duas vezes por dia para cada uma das Religiosas do Convento.

Tinha um escrupuloso cuidado para evitar tudo o que pudesse redundar em prejuízo da boa fama do próximo e jamais a ouvimos menosprezar quem quer que fosse. Vimo-la certo dia repreender energicamente uma noviça que, não concordando com a boa opinião que uma sua companheira fazia de uma pessoa, procurava desfazer esse bom conceito com muitas razões que alegava. Nossa Madre santamente indignada, dizia-nos depois:

– Com que direito se pode desfazer a boa fama do próximo, quando se tem obrigação, ao contrário, de cobrir as suas faltas e exaltar os seus méritos? Oh! Isso é

indício de mau espírito! Queira Deus que jamais ele prevaleça entre nós!

Apaixonara-se pelo ideal de nossa santa Regra: “que sejamos hóstias vivas ofertadas ao Senhor”. Devotíssima do Santíssimo Sacramento, copiou fielmente a hóstia Sagrada e foi, em todo o sentido, uma verdadeira hóstia viva. A caridade, mansidão, pureza, modéstia, humildade, desapego, renúncia, obediência, nada faltou a sua alma hóstia; e os seus contínuos sofrimentos físicos e morais acabaram de assemelhá-la à Vítima Sacrossanta.

Aqui perguntamos: teria Madre Oliva passado pelas penosas purificações do espírito sofridas pelas almas chamadas à grande santidade? Ela nunca revelava o que se passava em seu íntimo. Apenas uma frase me impressionou e pareceu-me, ser sinal e fonte de sua habitual imolação espiritual.

Certa vez, falou com acento grave e profundo: “meu lugar é o horto das oliveiras”.

Se quiséssemos lhe dar um grande prazer era visitar o mais que pudéssemos Jesus Sacramentado. Preocupava-se, sobretudo, com as Irmãs leigas que, pelo trabalho, poderiam negligenciar o espírito da oração e continuamente as exortava a não se deixarem absorver pelo trabalho, mas no decorrer do dia, aproveitar de qualquer momentinho livre para ir visitar a Jesus. Certo dia, estando ela no comungatório, viu a irmãzinha cozinheira que lá fora fazer uma visita. Que alegria isso lhe causou! Ao sair manifestou seu prazer à Irmã que a acompanhava.

A quinta-feira santa era o seu belo “dia de amor”, e o perpetuava, por assim dizer, renovando sua

memória todas as quintas-feiras das semanas. Neste dia, como também em outras grandes festas, principalmente as de Jesus, de Nossa Senhora, de nossa santa Fundadora, queria ter o prazer de arrumar as jarras de flores que iam à Igreja. Fazia isso com o espírito de fé e amor que animava todas suas ações, palavras e pensamentos. Estando na véspera de uma quinta-feira santa a colocar as flores nos vasos, disse-lhe uma Irmã:

– Mãezinha, o que está dizendo para as flores, assim tão quietinha?

– Estou pedindo para todas nós, pureza e amor, pureza e amor – respondeu.

Sua devoção predileta, depois do Santíssimo Sacramento, era a do Sagrado Coração de Jesus; era-lhe como herança de família e desde menina a praticara. Disse-lhe certa vez uma religiosa:

– Eu ainda não recebi a graça de ter uma profunda devoção ao Coração de Jesus; e Vossa Reverência por que a tem de modo tão intenso?

– Porque considero o Coração de Jesus – respondeu – como o centro do amor divino, a fonte donde dimanam todas as misericórdias para conosco.

Escreveu numa estampa as seguintes palavras: "Viver da água viva que brota do Coração de Jesus; imolar-me por seu amor, conquistar-lhe almas, será o lema de toda minha vida religiosa".

Do amor à Virgem Santíssima que diremos? Era todo o seu enlevo, a sua alegria, o seu entusiasmo. Comprazia-se em pintar a imagem de sua Mãe Celeste, esforçando-se por fazê-la o mais bela possível. No quadro da Anunciação, de que já falamos, a fez com

muito capricho, descuidando-se um pouco do Arcanjo São Gabriel, de modo que Dom Duarte, ao ver o quadro, pôs reparo dizendo:

– Nossa Senhora está mais bonita que o Anjo.

– Pois então não é mesmo? – respondeu ela prontamente.

Sorriu-se Dom Duarte:

– Certamente, Ela é a Rainha de todos eles.

À Menina Maria consagrava um amor particular e nossa Mãe Celeste retribuiu-lhe, levando-a para o céu no dia de sua Natividade, 8 de setembro, numa quinta-feira, o seu dia amado entre todos.

Sentia grande prazer nos parágrafos de nossa Santa Regra que ordenam a imitação das virtudes de nossa Mãe Imaculada, fazendo com que as religiosas relembrassem sempre esta magna obrigação de toda a Concepcionista: copiar a Virgem Santíssima em si mesmas.

A Mãezinha do céu, a nossa doce Mãe, era assim que nomeava a Virgem, e nestas palavras parecia derramar toda a doçura que lhe ia n'alma; só nestas ocasiões é que manifestava atitudes de carinho e ternura, expressões amorosas pois, como já dissemos, em não se tratando destes seus celestes amores, Jesus e Maria, era grande sua reserva e modéstia no trato.

Era com grande consolação que lia as aparições milagrosas de Nossa Senhora; e dizia com satisfação:

– Nossa Mãezinha é que sabe ser missionária; ela sozinha num instante converte e salva milhares de almas. Ninguém como nossa Mãe! Ela é a toda poderosa.

Vinde, sim, Mãezinha, vinde salvar o mundo!

Considerava Maria Santíssima sua Mestra e Prelada e a tinha constituído igualmente Prelada da Comunidade. Um dia, reunida a Comunidade na sala de recreio, propôs às Irmãs elegerem a Virgem Imaculada por Mãe Abadessa da Comunidade. Aceita a proposta com entusiasmo, todas colocaram seu voto na urna depositada aos pés da imagem da Virgem e como era de se esperar, foi eleita unanimemente e perpetuamente, não sendo preciso outras eleições. Entre cânticos foi levada a imagem em procissão ao coro e hoje se encontra na cadeira abacial, presidindo na missão de Mãe e Prelada aos atos da Comunidade.

Ao castíssimo São José dedicava também grande devoção e gostava de meditar no grande gozo que experimentou o Santo, no dia em que desposou a mais bela e santa das criaturas, Maria Santíssima.

Ao Príncipe dos Apóstolos, São Pedro, pedia diariamente que a libertasse das cadeias do pecado e lhe abrisse as portas do céu. São João Evangelista, o Apóstolo amado, era-lhe muito querido. Ao Anjo da guarda e demais espíritos celestes devotava grande amor. O Apóstolo São Paulo era seu Mestre e Diretor, como costumava chamá-lo.

Amou filial e ternamente nossa Santa Fundadora, Santa Beatriz da Silva. Anelava que tivesse um altar próprio em nossa Igreja e foi grande a felicidade que sentiu quando pôde ver a sua linda imagem, presente de nosso Padre Capelão, Cônego Francisco Cipullo, num dos altares laterais de nossa capela. Fazia quanto lhe era possível para torná-la mais conhecida e venerada; entusiasmava-se com as notícias do andamento de sua

causa de canonização e andava sempre a pensar como poderia auxiliar aos que nela trabalhavam mais de perto.

A canonização de Santa Beatriz, fundadora de sua Ordem da Imaculada Conceição, e a de Frei Antonio de Sant'Anna Galvão, cofundador do seu Mosteiro da Luz, constituíram para Madre Oliva sonhos que acalentou por toda sua vida.

Não os viu nesse mundo, mas junto de Deus na eternidade, com grandes vantagens como é de se imaginar.

Nossa santa Ordem ocupava em seu coração um lugar considerável; alegrava-se com seus progressos, sofria com suas provações, e saber que este ou aquele convento corria risco de desaparecer era-lhe um desgosto amargo, e tudo fazia para socorrer aquela casa de Maria Imaculada, como chamava os nossos Mosteiros.

– Nossa Ordem é nossa família – dizia. – Se nós, os seus membros, não a ajudarmos, quem irá fazê-lo?

Sua caridade se estendia a quantos recorressem a ela, auxiliando também com entusiasmo as novas fundações.

Por este zelo e amor é que empreendeu a fundação de Guaratinguetá, pelo ano de 1942 e que só se realizou em 1944. Desde há muitos anos acariciava este belo sonho, de fundar novas casas de Maria Imaculada, mas, em seu total abandono à divina Providência, esperava sempre por Nosso Senhor, nunca se antecipando à hora da graça. Finalmente chegou essa hora e os Prelados aconselharam-na a empreender uma fundação. Cheia de alegria pôs mãos à obra e, amante filha de nosso cofundador Frei Antonio de Sant'Anna

Galvão, escolheu Guaratinguetá por ser sua terra natal. Era justo que depois de ter consagrado sua vida inteira aos conventos da Imaculada, o Servo de Deus fosse honrado com um deles na cidade que lhe serviu de berço; era delicada homenagem de gratidão. Só um coração ternamente filial como o de nossa querida Madre disso poderia se lembrar.

Como todas as obras de Deus, essa também não lhe custou pequeno sacrifício; contradições e dificuldades de toda a espécie iam surgindo, mas com sua firmeza inabalável e sua paciência inesgotável, ela deixava que passassem e seguia para frente.

Por esta ocasião vimos claramente que Nosso Senhor fazia prodígios para recompensar sua obediência heroica. Estava ela guardando o leito, com angina e dores reumáticas, quando o padre franciscano Frei Adalberto, que a auxiliava na fundação, mandou chamá-la para ir a Guaratinguetá a fim de ver se o prédio encontrado servia para o convento. Responderam-lhe contando o estado de saúde de nossa Madre, mas certamente, por causa dos compromissos que tomara, ele responde apenas:

– Que venha assim mesmo.

Levanta-se nossa Madre e no dia seguinte faz a viagem por estrada de ferro e, em Guaratinguetá, é recebida com todo o carinho e veneração pelas boas Irmãs Salesianas; nada de grave lhe acontece e, para maior aflição nossa, o tempo se torna chuvoso; ela percorre a cidade e vai encharcando os pés na água. Santa Maria! A Irmã que a acompanhava e conhecia bem os seus achaques sente-se morrer de aflição, mas tudo corre bem e depois de três dias voltam para São Paulo e, maravilha! Nossa Madre está restabelecida.

Na segunda vez, quando já foi com as Irmãs para inaugurar o convento, encontrava-se em convalescença de uma grave enfermidade na qual pensamos mesmo que a perderíamos. Foi quando quisemos dissuadi-la de ir, mas ela disse, com o seu profundo espírito de fé:

– Sou filha da obediência.

Foram de automóvel. Passou tão mal a viagem que pensou morrer. Foi "o caminho do calvário", como nos disse depois. Afinal chegaram, e o novo Mosteiro Concepcionista, fruto de seu amor e sacrifício, foi inaugurado no dia 8 de outubro de 1944. Pessoas piedosas e delicadas haviam preparado uma mesa de doces para as "Irmãzinhas de Frei Galvão", como muitos as chamavam, e nossa querida Madre que já estava sofrendo de diabetes e não podia comer doces, nos escreveu:

– Eu fiz papel de Lázaro, que nem as migalhas podia experimentar, tanta coisa boa e nada para mim.

Pobre Mãezinha, esta mortificação teve que fazê-la por sete anos seguidos e dela nunca se queixou nem se furtou, pelo contrário, quando facilitávamos e até insistíamos para que comesse algum doce, pelo menos nas grandes festas quando todas as Irmãs o comiam, dizia:

– Não, não quero por falta de mortificação ficar mais doente.

Era tão pontual sua obediência que temia faltar com ela se não observasse pontualmente as prescrições do médico e, assim, ainda que lhe apetecesse mais um alimento do que outro, só tomava a quantidade e a qualidade que o médico lhe indicava. O que mais lhe

custava obedecer era não subir escadas, pois isto lhe impedia de assistir aos atos do Coro que em nosso convento fica no segundo andar.

Uma semana antes de falecer, ao voltar um dia de acompanhar o médico que acabava de sair do convento, disse penalizada a uma religiosa:

– Ora, que pena, esqueci-me de perguntar ao doutor se já podia ir ao coro.

– Mas nossa Madre – falou-lhe a religiosa – ainda que ele lhe desse licença, Vossa Reverência seria capaz de rezar o Ofício Divino?

Ela pensou um pouco, e respondeu com sentimento:

– Acho que não posso mesmo, já não presto para nada...

Consolou-a a Irmã:

– Não fique triste nossa Madre, quando ficar mais forte há de subir e rezar.

– Qual, agora é cada vez mais para baixo – falou, referindo-se à morte e à sepultura.

A morte! Nunca se esquecia dela e frequentemente nos dizia que aproveitássemos bem o tempo e pensássemos no que iríamos encontrar na hora da morte. Dizia:

– Tenho assistido à morte de muitas religiosas, e quanta diferença entre umas e outras! A morte de uma religiosa fervorosa é mais um consolo do que um sofrimento, ao passo que a de uma pouco fiel não serve de consolação para ninguém, nem para ela nem para os outros.

– Nem para os outros? Como é isso Mãezinha? – perguntou uma Irmã.

– Sim, porque lembrando das faltas daquela alma, fica-se sempre a pensar penalizada: "O que terá encontrado, onde estará?".

Falava estas frases com acento tão profundo que calava em nossos corações, e íamos compenetradas das verdades da vida e da morte, dispostas a viver bem, para bem morrer.

Oh! Que unção havia em nossa querida Mãe; um olhar seu, uma palavra, um sorriso, caía sobre nossas almas como um orvalho celeste, pois vinha cheio da graça divina da qual sua alma estava repleta!

Nossa querida Madre ficou em Guaratinguetá três meses, no fim dos quais voltou para São Paulo. A separação foi penosa; as nossas queridas Irmãs que lá foram, experimentaram grande pena ao verem-na partir e para ela também não foi pequeno o sacrifício; ao mesmo tempo, – que contraste – tão grande foi o júbilo no Mosteiro da Luz, quanto havia sido a dor no de Guaratinguetá, ao receber de volta a saudosíssima Mãezinha. As Irmãs ficaram tão arrebatadas ao saber que ela se encontrava na portaria, que pegaram em quantos sinos havia no convento e se puseram a tangê-los com toda a alegria que lhes ia na alma; a novidade assustou aos que não conheciam o motivo dela, e os empregados correram em socorro, pensando que fosse alarme de incêndio.

Isso serviu para aumentar o gozo daquele dia e nos divertir bastante. Durante todo esse barulho, nossa querida Mãe esperava que abrissem a porta da clausura, sentadinha em um banquinho, com tal humildade e

calma que suspendeu de admiração o nosso Padre Capelão. Ao vê-la, quem poderia pensar que era a vida desse Mosteiro, por assim dizer, sua senhora e, com verdade, sua Superiora? Parecia antes uma pobrezinha a esperar a esmola de ser recebida na casa do Senhor, esperando tudo dos outros sem dar a mínima ordem nem demonstrar qualquer impaciência ou inquietação.

Dia inesquecível para nossos corações, dia raro entre os muitos, que se passam nesta vida, mas dia que também passou. Oh! Como isto faz-nos pensar e desejar aquele dia de eterno gozo que não passará jamais!

Pela estrada plana, toc, toc, toc.
Guia o jumentinho, a monjinha errante,
como vão ligeiros, ambos a reboque,
antes que anoiteça, toc, toc, toc,
a monjinha atrás, o jumentinho adiante.

Belo é ver essa monjinha, assim ousada
toc, toc, toc, a caminho da fundação,
a trilhar destemida e mui apressada
aquela estrada, veneranda e beata
que pisou primeiro, o santo Pai Galvão.

9 O jubileu de profissão religiosa. A bênção do Santo Padre Pio XII, junho de 1946

De volta de Guaratinguetá, nossa Madre Oliva Maria foi reeleita nas eleições de março de 1945, presididas pelo Monsenhor José Maria Monteiro, que dedicou sempre à nossa querida Madre e à Comunidade, sincera amizade.

Cada vez que chegava o tempo das eleições, ela punha-se a arrumar bem o escritório, os livros de tombo e o mais que estava ao seu cargo para, dizia ela, deixar tudo em ordem para a nova Madre.

Reeleita punha-se a lamentar:

– Desejava tanto ficar livre para me preparar para a morte... e não me deixam... Tão doente, não faço nada direito, só dou mau exemplo... só atrapalho os outros...

Afinal conformava-se a custo de nós a consolarmos, lembrando-lhe a vontade de Nosso Senhor, o grande prêmio que receberia no céu, etc.

Quando assinava os requerimentos para a Cúria e outras cartas, dizia com graça:

– Sempre este nome; hão de dizer que esta Madre se esqueceu de morrer.

Durante estes últimos anos de sua preciosa vida ocupou-se em coligir o Diretório, conforme a prescrição das Constituições Gerais recebidas em maio de 1943, e foi o seu último trabalho de maior vulto em prol da observância regular. Daqui em diante, sua saúde sempre precária irá declinando cada vez mais, já não tem forças para estes trabalhos de grande aplicação mental.

Nesse Diretório ela revela o seu grande amor pelos antigos costumes do Convento, práticas deixadas pelo nosso fundador Frei Galvão, e que fazia grande questão de conservar. Dizia:

– Parecem coisas insignificantes, mas quando observadas constituem o encanto da religião; não foi em vão que as introduziram, e nós não podemos sem culpa deixá-las desaparecer.

Gostava muito dos versinhos das Irmãs antigas, que até hoje cantamos nas festas tradicionais do Natal, Espírito Santo, Santa Cruz. Tinha grande prazer quando via as Irmãs empenhadas em cumprir esses usos antigos e propunha as mais fiéis nisso como modelo para as outras. Fez tirarmos várias cópias dos conselhos de Frei Galvão, e toda a semana são lidos no refeitório. As cartas dos bispos, mandatos, portarias e tudo o que se relacionasse com a observância regular, ela mandava copiar e reler em Comunidade para que as ordens dos

Superiores, ainda que antigas, não fossem esquecidas.

Tinha um respeitoso culto por tudo o que era de nossas primitivas Irmãs; certa vez reformou uma das salas para transformá-la em oratório, que hoje chamamos de "Calvário", pois ali foram colocadas quatro lindas imagens em tamanho natural oferecidas pelo Conde de Prates: Nosso Senhor crucificado, Nossa Senhora das Dores, São João Evangelista e Santa Maria Madalena, representando a cena da morte de Jesus. Ao ir pintar o teto, notou que sob a camada de cal havia umas pequenas pinturas de flores:

– Oh! Isto é das Irmãs antigas – exclamou.

E raspando a cal, descobriu o resto do forro com todas as singelas florinhas, retocou-as e assim deixou sem fazer outra pintura.

Quando notava que púnhamos um cuidado demasiado no arranjo da casa chamava-nos a atenção:

– Limpeza, mas simplicidade e pobreza. Lembremo-nos das Irmãs antigas, como eram pobres! Houve uma Madre que foi para o convento de Sorocaba durante algum tempo e quando voltou encontrou as Irmãs caiando a casa. Qual outro São Francisco de Assis ficou indignada: "Como, esquecem-se de que somos pobres? deixam a Nosso Senhor para pintar a casa". Vejam lá o que ela diria hoje se visse esse afã de Vossas Caridades?

A pobreza era o seu tesouro neste mundo; não a perdia de vista em todas as ocasiões, examinando se guardavam os devidos limites que ela prescreve, e quando lhe ficava alguma dúvida consultava os Superiores.

Em diversas ocasiões teve muito que sofrer pela sua amada pobreza, mas isso não a fazia retroceder no caminho de sua observância.

Queixava-se de que nós lhe dávamos muitas coisas, porque na verdade procurávamos cercá-la de todo o conforto, tendo em vista suas muitas enfermidades e o grande desejo que tínhamos de conservar o mais possível aquela preciosa vida. Então a sua pobreza se manifestava num grande e universal desprendimento. Às vezes, depois de lhe arranjarmos uma peça de roupa, um objeto de que ela necessitava, o víamos logo com outra Irmã a quem ela o tinha dado. Não tinha apego à mínima coisa, fosse grande ou pequena, e era bastante que alguém mostrasse agrado por alguma coisa de seu uso para que ela prontamente lha oferecesse.

Com a filial liberdade que tínhamos com ela, dizíamos:

– Quem é que pode com esse Santo Padre Pio X? Dá tudo o que tem.

E como se apresentou ocasião, diremos aqui a grande devoção que ela consagrava a Pio X [23]. Sempre

---

[23] Um dos grandes papas do século XX, Giuseppe Melchiorre Sarto nasceu em Riese, distante meros 70 km do local de nascimento de Oliva Maria Grespan. Eleito Papa em 1903, exerceu o Pontificado até sua morte em 1914. Sua bondade e sua humildade eram temperadas com forte determinação. Sua extrema caridade levou-o a abrigar os refugiados do terremoto de Messina (1908) no Palácio Apostólico, antes que o Estado Italiano tomasse qualquer providência. Reformou a liturgia e promoveu a codificação da doutrina e do direito canônico. Estimulou a comunhão frequente e determinou que a primeira eucaristia poderia ser dada às crianças que tivessem atingido a "idade

nos falava que sentia uma irresistível atração por ele e nós sabemos por que. A semelhança espiritual entre ambos era admirável, daí a simpatia que naturalmente surge da semelhança.

Uma das últimas fotos de Madre Oliva Maria de Jesus

A humildade, simplicidade, desapego, mansidão, que fazem o traço característico desse santo Papa, eram as mesmas virtudes que mais sobressaíam em nossa querida Madre. Uma ocasião contava a uma Irmã que lera na biografia do Santo Padre que ele havia subido os degraus da hierarquia eclesiástica regando-os com suas lágrimas. Falou isso com tanta emoção, que a Irmã percebeu que ela sentia em sua alma o mesmo que Pio X sentira em tais ocasiões. Lembrava-se ela de suas repetidas eleições, e por elas calculava também o que o Santo Padre havia padecido.

Pio X muitas vezes lhe mostrou que correspondia à sua estima; e o mais carinhoso favor que nos parece lhe ter feito foi que na véspera da morte de nossa Madre o Capelão lhe trouxe uma estampinha do Santo Padre tendo no verso a bênção de São Francisco.

Ofereceu-lha, e nós a conservamos sobre o

---

da razão". Foi canonizado por Pio XII em 1954. Sua festa é celebrada no dia 21 de agosto.

coração de nossa Madre até ela expirar, e assim foi o Santo Padre Pio X seu fiel amigo até a morte.

Afligia-se com os remédios que lhe eram prescritos, dizendo que eram um peso para a Comunidade, que além de não trabalhar ainda dava despesa. Quando algum benfeitor desejava oferecer-lhe qualquer coisa, propondo-lhe a escolha, ela aceitava remédios, para aliviar a Comunidade daquele gasto.

Às vezes precisava de uma tesoura, um lápis, e não encontrava nenhum porque os tinha dado todos. Então era com satisfação que dizia:

– Pelo menos às vezes vejo que ainda pratico um pouco da santa pobreza.

E com toda humildade pedia para a Irmã que estivesse junto dela:

– Vossa Caridade faz a esmola, pelo amor de Deus, de me arranjar uma tesoura?

Quando fazia os rascunhos de seus escritos, escrevia-os no verso em branco de cartas sem importância que logo iriam ao fogo; abria os envelopes e escrevia no seu reverso, ou em retalhos de papel. Guardamos com grande carinho muitos desses manuscritos, que revelam o apaixonado amor de nossa querida Mãe à Santa Pobreza.

No dia 18 de junho de 1946 nossa Madre começou o retiro, em preparação para comemorar o seu 50º aniversário de profissão religiosa. Reuniu a Comunidade em capítulo, despediu-se das Irmãs recomendando muita observância e silêncio, e pedindo as orações de todas. Disse:

– Peço a Vossas Caridades a esmola de me

deixarem fazer este retiro e, portanto, para tudo o que precisarem dirijam-se à Madre Vigária.

Íamos fazendo atos de conformidade interiormente, mas ao menos a bênção queríamos receber dela diariamente. Manifestamos-lhe o nosso desejo.

– Bem, – respondeu – conquanto que não acrescentem nada a ela.

Rimo-nos, porque de fato, ao tomar-lhe a bênção, emendávamos um rosário de perguntas e tantas outras coisas, para ter a satisfação de ouvi-la um pouco.

Prometemos-lhe que a deixaríamos em silêncio e, assim, ela se despediu, dizendo:

– Quero fazer um retiro bem feito, pois além de ser para agradecer a Nosso Senhor o benefício que me concedeu de servi-lo por cinquenta anos, será também em preparação para a minha morte.

Deixou o seu lugar no refeitório, no coro e em todas as Comunidades, e foi para o lugar que lhe competia segundo a antiguidade de entrada. Muito nos edificou a sua humildade, silêncio e recolhimento. Passava quase o dia todo no coro, ajoelhada, apesar de suas enfermidades; com o longo véu negro sobre o rosto, tivemos que fazer o grande sacrifício de não ver o seu doce olhar e amável sorriso por dez dias, pelo que no fim dizíamos que o retiro havia sido mais para nós do que para ela.

Nesses dias não passou bem de saúde. As noites eram agitadas pela sua insuficiência cardíaca e, principalmente a última, que precedeu o belo dia do jubileu, passou-a muito mal.

As Irmãs andaram preparando a festa o melhor que lhes foi possível, e com todo o carinho filial de seus corações. Raiou finalmente o dia 29 de junho e elas foram cantar, no despertar, a antífona "*Veni Sponsa Christe*" [24] com a mesma música que há 50 anos a "Irmãzinha Oliva Maria" ouvira ao fazer a sua profissão religiosa. Para se tornar ainda mais significativa essa recordação, uma das Irmãs cantoras era também uma das que há 50 anos havia cantado naquele mesmo dia aquela mesma antífona; idosa, com os seus 70 anos ou mais de idade, conservava, entretanto, boa voz, e auxiliada pelo amor filial, não podia ter cantado melhor.

Nossa querida Madre levantou-se, depois de ter passado tão mal a noite, o que muito preocupava suas enfermeiras, mas, para surpresa de todos e de nossa própria Madre, sentia-se muito bem, como se nunca estivera doente.

A Missa foi celebrada pelo Monsenhor José Maria Monteiro, adornada com o coro de Congregados Marianos, vários deles

[24] "Veni sponsa Christe, accipe coronam, quam tibi Dominus præparavit in æternum", isto é, "Vem, esposa de Cristo, e aceita a coroa que o Senhor preparou para ti antes de todos os tempos".

sobrinhos de nossa querida Madre. Depois da Missa ela renovou os votos e o Monsenhor fez as demais cerimônias que traz o Ritual de nossa Ordem. Em seguida, o povo desfilou pela gradinha onde se encontrava, para lhe dar as felicitações. Aí ficou de joelhos por mais de uma hora, sem contar a Missa que também a ouvira quase toda ajoelhada. A Irmã enfermeira, preocupada, ficou junto à porta do comungatório onde ela se encontrava, temendo que caísse com um desmaio. Mas qual! Nossa Madre rejuvenescera! Passou o dia todo a receber as inúmeras visitas que os parentes, conhecidos e benfeitores lhe fizeram, foi a todos os atos de Comunidade, ao recreio que fazemos no quintal, andando com toda a desenvoltura, sem mostrar a mínima dificuldade ou cansaço. Nós estávamos admiradas, e ela mesma dizia:

Madre Oliva Maria de Jesus no pátio do Mosteiro da Luz

– Não sei o que me aconteceu, estou como no dia em que professei aos 17 anos.

A alegria de todo aquele dia não é coisa fácil de se descrever. As Irmãs não sabiam mais o que fazer para festejá-la; demos-lhe muitos presentinhos, cantamos-lhe quantos versinhos sabíamos e oferecemos-lhe um ramalhete de orações. Tudo ela recebeu com muito agrado e a nós parece que foi a única festa em que ela se mostrou plenamente satisfeita, sem demonstrar contrariedade.

Agradeceu com simples palavras e no próximo capítulo nos lembrou que tínhamos trabalhado tanto para festejá-la em seu jubileu; no entanto, apesar de ter ficado muito agradecida, ela achava que agradaríamos muito mais a ela e a Nosso Senhor se nos esforçássemos

por observar perfeitamente a Santa Regra.

Assim colocava todas as coisas abaixo de único fim, de servir e agradar a Nosso Senhor.

Não queremos passar em silêncio, o mais belo presente que ela recebeu nesse grande dia, que foi a bênção do Santo Padre Pio XII. Nós a pedimos como uma surpresa para nossa Mãe e ela foi enviada por radiograma nos seguintes termos, que aqui damos traduzidos: *"O Sumo Pontífice envia de coração, por motivo do quinquagésimo aniversário de profissão religiosa, a bênção apostólica pedida, extensiva a toda a Comunidade, com votos de dons e favores celestes. Montini. Substituto"*. [25]

Ao receber em suas mãos o radiograma, ela o beijou com suma veneração e seus olhos se arrasaram de lágrimas; nada pôde dizer pela comoção. Recebeu as palavras e a bênção do Santo Padre com tal espírito de fé como se fossem do próprio Deus. Amava o Santo Padre como verdadeira filha, os seus sofrimentos e os seus triunfos ecoavam em seu coração como se fossem dela.

Passou-se aquele belo dia e, para temperar sua felicidade, bastava-nos pensar que não havia de se repetir neste mundo. Assim, por maiores que sejam as alegrias deste mundo, nunca lhe faltam a sombra da tristeza.

Qual incenso de suave odor
assim foi sua existência no claustro
oferecendo no altar do Senhor
um sublime e perpétuo holocausto.

---

25 O signatário do radiograma, o Cardeal Montini, é o futuro Papa Paulo VI.

10 Últimas consolações e provações. Sua santa morte 1948-1949

Há muitos anos, desde 1940, a Comunidade não recebia a graça de uma visita canônica. Os Prelados descansavam confiados na prudência e sabedoria de nossa querida Madre Oliva e, apesar dela pedir por ocasião de todas as eleições, só em setembro de 1948 é que Nosso Senhor concedeu a ela e à Comunidade essa consolação.

Havia terminado mais um triênio de seu governo e, como sempre, nossa Mãezinha requer as novas eleições; desta vez tinha ela grandes esperanças de se ver aliviada do cargo que agora mais do que nunca lhe era tão pesado por sua idade e contínuas moléstias, pois já havia passado os 12 anos prescritos por Monsenhor Pequeno e mais seis, de dois triênios em que fora reeleita; agora, pelos Cânones, não poderia continuar, a

não ser por uma licença da Santa Sé.

Foi por ocasião destas eleições, às quais pouco tempo iria sobreviver, que Nosso Senhor lhe concedeu a consolação da Visita Canônica; fê-la o Bispo Auxiliar Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, por delegação do Cardeal Arcebispo Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta.

O resultado da mesma foi de sumo agrado para o Bispo; manifestou com palavras cheias de carinho o quanto se edificou com o fervor reinante na Comunidade, com o bom espírito de todas as Religiosas, exortando-as a não só o conservarem como o aumentarem sempre mais. Estes elogios não eram mais do que o elogio de nossa santa Mãe, pois tudo era resultado de seu trabalho e sacrifício. Ainda que na sua humildade não pensasse nisso, nem tampouco considerasse que fosse muito grande a perfeição de sua Comunidade, contudo sentiu grande consolação de que as coisas estivessem a contento dos Superiores.

Não podia também deixar de reconhecer, fazendo uma comparação entre o estado atual e passado do Convento, que na verdade era grande a diferença. Por tudo agradecia a Nosso Senhor que lhe fizera todas as vontades, conforme ela mesma dizia:

– Como Jesus é bom, tudo o que desejei Ele fez, somente o martírio é que não me concedeu ainda.

O martírio! Ela o desejara muito, mas quem poderia dizer que o não alcançou? Porquanto não só o martírio de sangue é um martírio, e nós podemos afirmar que nossa santa Madre foi uma mártir do dever e do zelo pela glória de Deus. Mártir não de um instante, mas de uma longa e trabalhosa existência de setenta

anos.

A par destas consolações enviou-lhe Nosso Senhor, para completar os últimos retoques de sua bela alma, diversas contrariedades que não foram propriamente grandes sofrimentos, mas contribuíram muito para tornar seu coração ainda mais desapegado da terra e sequioso do céu. Mal entendidos, contratempos, indiferenças um pouco rudes, que a prudência nos pede que passemos em silêncio, foram estas as últimas provações morais que terminaram sua bela coroa na eternidade. Sentiu-as nossa querida Madre, porque bem conhecíamos a sensibilidade de seu delicado coração, porém não se queixou, e só disse:

– Só a ofensa a Deus é que me pode afligir, e como minha consciência não me acusa disso, podem pensar o que quiserem.

Apesar das determinações canônicas, as Irmãs tornaram a eleger nossa Mãezinha. Afinal, para toda a regra há exceções e nossa querida Mãe merecia todos os privilégios. Pediu-se a confirmação em Roma e, concedida, continuou a ser a Prelada muito amada da Comunidade.

Queixou-se ainda desta vez de não a deixarem descansar, mas faltava-lhe pouco para receber o eterno descanso junto de Nosso Senhor.

Como já dissemos, ela quase não subia as escadas para ir ao coro, por proibição médica; contudo nas grandes festas, fazia uma exceção e com muito vagar, descansando cada três ou quatro degraus, subia ao coro, para nos dar a consolação de sua presença, pois, sempre lhe dizíamos:

– Mãezinha, festa sem Vossa Reverência perde

toda a graça.

No dia 7 de dezembro de 1948, ela subiu, cantou as Vésperas e à noite as Matinas, só deixando as *Laudes* por estar muito fatigada. Era a festa de nossa Mãe Imaculada; a última que ela cantou no coro e a última vez que subiu aos nossos claustros. Essa noite passou bem, mas ao levantar-se no despertar, depois de ter dado três passos fora do leito, sentiu-se desfalecer de repente. Sentindo-se cair, chamou pela Virgem e disse que se encontrou novamente na cama, sem saber como lá fora.

Como de costume uma Irmã foi à sua cela para ver se não precisava de alguma coisa, e a encontrou naquele estado aflitivo. Sofrera uma crise de *angina pectoris*. Fizemos tudo o que pudemos e ainda desta vez conseguimos salvá-la. Ficou em sua cela muitos dias, mas quis descer mesmo antes de se restabelecer, preocupada com o cansaço das enfermeiras e outras Irmãs que tinham que subir as escadas muitas vezes ao dia. Em uma cadeira de rodas, vagarosamente, deu a volta ao claustro, olhando tudo silenciosamente como para uma derradeira despedida. Comoveu-nos até as lágrimas o seu ar tão triste e pensativo. Parece que tinha a certeza de nunca mais ali voltar.

Foi melhorando muito devagar, mas desde esse dia podia andar muito pouco pelas dores nevrálgicas que sofria nas pernas, pelo que arranjamos-lhe uma cadeira de rodas e a levávamos pela casa e nos recreios.

Estávamos satisfeitas, porque enquanto a tínhamos a nosso lado tudo nos parecia fácil.

Havia pouco que passava assim regularmente de saúde quando contraiu uma forte gripe pelos fins do mês de março na Semana Santa. Complicando-se com os outros males que sofria, seu estado chegou a ser gravíssimo e os médicos não davam esperanças.

Pedimos orações em todos os Mosteiros de nossa Ordem, às Comunidades amigas, e começamos uma novena a nosso Pai Frei Galvão. Na noite de 18 de abril, nosso Padre Capelão expôs o Santíssimo Sacramento no oratório interior para passarmos à noite em adoração pedindo a conservação da preciosa vida de nossa Madre. Nessa noite, quando pensávamos que entrasse em agonia, começou a melhorar, o que consideramos um milagre da intercessão de nosso Pai Frei Galvão.

Ainda mais vagarosamente do que nas outras vezes foi ela melhorando. Passaram-se os meses de abril, maio e junho. Em julho já foi se levantando e andava um pouco, apoiando-se a uma bengala. Chegou a ficar no estado em que estava antes de se agravar e nós estávamos contentes e esperançosas de gozar de sua amabilíssima e edificante companhia por alguns pares de anos, ainda.

Porém Nosso Senhor, a nosso ver, também ansiava poder unir a Si, na perfeita união beatífica, sua amada Esposa; muitas vezes já tentara fazer isso, porém tinha que ceder às nossas súplicas, comprometido pelas suas próprias promessas: “Pedi e recebereis”. Sendo Senhor, obedeceu às suas pobres filhas muitas vezes, renunciando à sua Vontade Santíssima. Chegou

finalmente a nossa vez de renunciar à nossa e obedecer à Sua.

Mas Jesus é tão bom! Parece que não tinha coragem de nos causar uma tão grande mágoa e, por isso, tomou-nos de surpresa e precipitou os acontecimentos para de algum modo abreviar um pouco a grande tribulação.

Lembramo-nos bem do último recreio que fizemos junto de nossa amada Mãezinha, no dia 31 de agosto, quarta-feira. Foi no quintal, à sombra da grande árvore de cambuci, no mesmo lugar onde nosso Pai Frei Galvão descansava de seus labores, reunindo junto de si as boas Irmãzinhas para instruí-las nos caminhos da perfeição religiosa.

As Irmãs estavam alegres como de costume e falavam com nossa Madre a respeito de uma futura fundação. Ela contava que no locutório falara com uma pessoa que viu o prédio do futuro convento. Nós a enchíamos de perguntas:

– Nossa Madre, a casa é boa?

Na sua calma e mansidão respondia ela:

– Diz que é muito boa.

– Mas tem escadas? – pergunta outra.

– Ah! Isso não perguntei.

– E o coro será no primeiro ou no segundo andar?

– Isso também não me disseram – respondia nossa Madre, ao que se saiu uma Irmã com esta:

– Nossa Madre, outra vez que Vossa Reverência for ao locutório, leve algumas Irmãs para ajudar perguntar.

Rimo-nos em coro com a interessante ideia e nossa Mãezinha também achou muita graça. Assim, passou aquele recreio e, ao tocar o silêncio papal, entramos todas; nossa Mãezinha em sua cadeira de rodas foi para a cela descansar. Quem poderia pensar que daí a duas horas estaria passando mal, para não mais se restabelecer? Foi o que aconteceu. Pelas três horas da tarde levantou-se, saiu da cela, mas ao querer voltar para ela, quase não podia mais andar por causa de fortes dores renais; veio se arrastando, apoiada em duas Irmãs; foi para o leito e as dores aumentavam sempre, a ponto de tremer convulsivamente. Era uma verdadeira tortura para ela e não menor para nós vê-la sofrer assim.

Chamamos o médico, providenciamos tudo quanto nos foi possível, e começamos uma luta tremenda contra a morte; não era possível que ela nos arrebatasse nossa santa Mãezinha; estávamos quase acostumadas a vencê-la e alimentávamos uma risonha e presunçosa esperança de derrotá-la também desta vez. Porém, o estado de nossa Madre foi se complicando sempre mais; a insuficiência cardíaca provocou várias ameaças de colapso, as crises de *angina pectoris* também se apresentaram, o estômago não retinha mais alimento algum, seu sofrimento era muito grande. No entanto, não deixou transparecer a menor impaciência, nem a

mais leve queixa. Entregou-se totalmente à vontade de Nosso Senhor, não se furtou a nenhum dos tratamentos que lhe fizemos, não recusou nem uma das dez ou quinze injeções que diariamente lhe aplicávamos, ainda que cada uma delas lhe causasse agudas dores. Foi de uma sublime paciência e docilidade. Apesar de tudo conservava plena lucidez de espírito, fazia-nos recomendações, mandava-nos aos atos de comunidade quando ouvia tocar o sino da obediência, e isso foi até o último toque, nas Matinas, à meia-noite do dia 7 de setembro, quando entrou em agonia.

Na manhã deste dia recebeu o Sagrado Viático[26] e a Extrema-Unção. Com muita dificuldade, falou as seguintes palavras:

– Peço a todas as Irmãs que me perdoem todos os desgostos que lhes causei e os maus exemplos que lhes dei; peço que não os sigam e que me concedam, pelo amor de Deus, um hábito para ser sepultada.

Não é possível descrever a nossa dor e comoção diante de tanta humildade, e na iminência de vê-la partir para sempre de junto de nós. Só Nosso Senhor poderá compreender o nosso sofrimento e só Ele poderia dar-nos forças em tamanha aflição.

Nossa querida Madre sempre pensara muito em sua morte; chegara a temê-la considerando a grande responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros: "dar contas a Deus das almas alheias, como diz nossa Santa Regra". Porém, nossa consciência é um testemunho fiel que não nos engana, principalmente, nessa hora, como

---

26 Designa o Sacramento da comunhão ministrado aos enfermos em sua residência.

sempre ela mesma dizia:

– Na hora da morte, veem-se as coisas como são na realidade, e não há mais enganos.

Por isso ela se encontrava calma, sem dar mostra alguma de perturbações espirituais. Oferecemos-lhe este ou aquele sacerdote, todos os que pensamos que poderiam ajudá-la naquela extremidade, mas ela agradecendo não aceitou, estava em completa paz.

Havia cumprido em tudo a Santa Vontade de Nosso Senhor, fora exatamente fiel em seus deveres, vivera sobre a cruz do sacrifício, não havia lugar para temores.

E foi assim que, à meia-noite do dia 7, quando a Comunidade começou a salmodiar as Matinas da Natividade da Virgem no coro, ela disse com grande esforço para a Irmã que se encontrava junto dela:

– É hoje... reze... e peça para as Irmãs rezarem o terço no coro.

Uma hora depois pouco mais ou menos, tornou a dizer – "rezem" – e esta foi sua última palavra neste mundo.

Sua respiração era ofegante e o coração, que há dias pulsava a galope começou a fraquejar; a sede era ardente e insaciável. Oh! Esta sede abrasadora que ela sofria há 25 anos, foi um de seus maiores martírios e talvez era a manifestação daquela outra espiritual que a consumiu no amor de Deus e das almas. Escreveu entre suas notas: "A sede que me abrasa e muito me atormenta, especialmente pela manhã, uno-a à que Vós suportastes durante a vossa Paixão e vo-la ofereço pela mesma intenção, para ganhar almas ao vosso Sagrado

Coração".

Às quatro e meia chamamos nosso dedicado Padre Capelão que, vendo-a ainda engolir bem a água, foi depressa à Igreja e lhe trouxe Jesus Sacramentado; ela O recebeu e, como não podia falar, dava com o olhar mostras de agradecimento. Ela não pôde manifestar a consolação que teve ao receber este último carinho de Jesus; mas nós bem podemos conjecturar como a sua vinda lhe terá trazido conforto e esperança. Ela O tinha amado com todo o seu coração e o mais que lhe foi possível, fizera-lhe companhia em sua solitária prisão do Tabernáculo; Ele agora retribuía-lhe o amor sendo seu Companheiro nos derradeiros instantes de sua vida. Mais ainda, quando tivesse que deixá-la sacramentalmente tendo-se consumido as Espécies, Ele continuaria ali presente no Sacrário do coração de suas filhas. Foi o que aconteceu: às seis horas, nosso Padre Capelão saiu para rezar a Missa Conventual às sete; mas antes dela deu a Sagrada Comunhão a algumas Irmãs; estas vieram fazer a ação de graças junto de nossa querida Mãe; depois, as que comungaram na santa Missa, também vieram: foi justamente nos seus últimos instantes.

O sino da torre tocou os seis sinais da Consagração; uma Irmã ofereceu a alma de nossa Mãe querida ao Pai do céu, em união ao Corpo e Sangue de Jesus que se oferecia naquele momento sobre o altar.

Instantes depois fomos surpreendidas por uma coisa inesperada. Nossa Madre que estava com os olhos fechados e inteiramente prostrada, sem nenhum movimento, começou a descerrá-los e a fazer um movimento para erguer a cabeça, voltando-a para o lado. Meio assustadas, ficamos como que suspensas de

admiração, quando vimos seus olhos se abrirem inteiramente; e luminosos, como nunca os tínhamos visto, cheios de uma expressão radiante onde se uniam a admiração e o júbilo, movia-os do alto para baixo como seguindo qualquer coisa que descia para junto dela; todo seu corpo fez um esforço como para se elevar, quando movidas por uma inspiração súbita começamos a lhe perguntar com a voz entrecortada pela dor e pela alegria:

– Nossa Madre, é a Mãezinha do céu que veio buscar Vossa Reverência, é? É a Mãezinha do céu, é?

Ela não podia responder pela falta de voz, mas com um leve movimento de cabeça e com a expressão de seus olhos extasiados nos respondia afirmativamente, até que por si mesma fechou novamente os olhos e suavemente exalou os últimos suspiros, exatamente no fim da Missa que o Padre Capelão acabava de celebrar por ela.

"Ite Missa est" [27], terminou a sua Missa, o sacrifício de sua santa vida; o *"Deo gratias"* [28] começou a cantá-lo no céu e por toda a eternidade o repetirá inundada de superabundante gozo.

Oh! instantes curtos em sua duração mas bastantes longos para que jamais os esqueçamos ainda que vivêssemos centenas de anos!

Não queremos afirmar que tivesse na verdade sido um fato extraordinário, porque isso deixamos ao juízo sábio e infalível de nossa Santa Madre Igreja, mas não podemos negar também que sentimos algo que não é deste mundo.

---

[27] Ide, a Missa terminou.

[28] Graças a Deus.

Oh! Maria, Mãe amabilíssima; se sois cheia de ternura para com os pecadores, que carinhos reservareis para os que toda a vida vos amaram e serviram de todo o seu coração?

Não há dúvida que, visível ou invisivelmente, esta Mãe amorosíssima veio receber a bela alma de sua filha muito amada e em seus braços maternos a conduziu até o Coração de Deus, onde repousará eternamente.

Ide Mãe querida, gozai do justo prêmio que tão bem soubestes conquistar neste mundo, reinai como esposa do Imaculado Cordeiro, como rainha de seu Coração Divino! Cantai sem cessar os louvores de nossa Mãe Imaculada, imergi no oceano do amor infinito e da felicidade sempiterna... mas não vos esqueçais de nós! destas vossas filhinhas que estão com o coração a estalar de dor, imersas numa profunda saudade. Continuai a nos amar no céu como nos amastes na terra, alcançai-nos pelo menos a graça do conforto em nossa amarga solidão e da força para imitar vossos santos exemplos. Aceitai nossas lágrimas como última prova de nosso amor filial, enxugai-as vós mesma, porque tão cedo não cessarão de cair de nossos olhos!

Dia 8 de setembro, dia em que toda a terra rejubilou com o nascimento de sua excelsa Rainha Maria Santíssima, dia tão belo, que nossa Madre querida amava com particular afeto, nele quis nossa Mãe Imaculada que nossa Mãezinha Oliva nascesse para o céu. Tinha nossa Madre 70 anos de idade, dos quais passara 55 na casa do Nosso Senhor, sendo por 33 exemplaríssima Prelada.

"... cobrimo-la de flores e de lágrimas e, à tarde, foi levada à Igreja de nosso convento, onde seus parentes e muitos conhecidos vieram visitá-la pela última vez".

Depois da morte, ficou tão natural como se fosse viva; sua expressão de bondade e um sorriso de paz permaneceram em sua fisionomia; cobrimo-la de flores e de lágrimas e, à tarde, foi levada à Igreja de nosso convento, onde seus parentes e muitos conhecidos vieram visitá-la pela última vez.

Seu falecimento causou nos meios religiosos de São Paulo e entre quantos a conheceram, o mais profundo sentimento. Nossos digníssimos prelados, sacerdotes e fiéis expressaram do modo mais carinhoso seu sentimento pela partida daquela a quem tanto estimavam. Que diremos dos Mosteiros de nossa Ordem? Choraram-na como se fosse a Mãe comum de todos e não sentiram menos sua morte do que as suas próprias filhas que com ela conviveram.

Às cinco e meia da tarde, foi o santo corpo sepultado no cemitério do Mosteiro, na presença do Bispo Auxiliar Dom Paulo Rolim Loureiro e a pedra sepulcral escondeu dos nossos olhos aquela que nossos corações jamais esquecerão.

Elevamos nossas almas a Nosso Senhor,

fortificamos nossa fé e dilatamos nossa esperança.

Sim, meu Deus, por longo que seja nosso desterro, chegará o dia que por nossa vez iremos nos reunir a Vós e a ela na eternidade. Então não haverá mais separações, nem temores, nem saudades; tudo será alegria e gozo eternos. Tornai-nos dignas, Senhor, de como nossa Mãe querida, merecer as vossas eternas recompensas.

Madre Oliva Maria de Jesus

Hóstia viva do divino amor, mansa e humilde de coração. O vosso nome permanecerá para sempre gravado nos corações de quantas religiosas viverem, no presente e no futuro, neste abençoado Mosteiro da Luz.

Por gratidão e dever, elas se esforçarão por conservar o fruto de vossos trabalhos e sacrifícios.

Por amor vos imitarão em vossa vida de perfeita concepcionista.

De vossa parte continuai a assisti-las e guiá-las com vossa maternal proteção, até o dia em que cantem como vós o eterno "*Deo Gratias*" no reino dos céus!

O amor foi a chama ardente
que em sua alma a virtude implantou
E das almas a sede ardente
pelas quais mui sofreu e orou.

E sua vida foi toda crivada
de um grande infinito amor,
Sua alma por Deus foi criada
para repouso de seu Redentor.

Apêndice

Cronologia dos principais eventos relacionados a Madre Oliva Maria de Jesus

MARIA HELENA CERVENKA BUENO DE ASSIS
Sobrinha-neta de Madre Oliva

6 de abril de 1879

Nasce num Domingo de Ramos em San Martino, Treviso, na Itália, filha de Giovanni Grespan e Fiorenza Visentin Grespan (João e

Florinda)
.... *p. 1, 2*

7 de abril de 1879

Com um dia de vida, recebe o Sacramento do Batismo. Recebe na pia batismal o nome de Oliva Maria: com o nome OLIVA sua mãe faz referência à celebração do dia de seu nascimento (na Itália usam-se ramos de oliveira na festividade do Domingo de Ramos) e com o nome MARIA homenageia sua principal devoção.
.... p. 2 - 4

Outubro de 1887

Aos 8 anos de idade, chega ao Brasil com seus pais e irmãos, passando a residir no interior do Estado de São Paulo, inicialmente em Mogi Mirim e, depois, em Piracicaba. .... p. 9

Em 1889

Aos dez anos de idade, em Piracicaba, recebe o Sacramento da Eucaristia. [29] .... p. 10

8 de abril de 1894

Em sua homilia durante a Missa Dominical, Frei Felix comunica com grande alegria que no dia seguinte levaria uma jovem a São Paulo, para se consagrar a Jesus Cristo, no Recolhimento Nossa Senhora da Luz. .... p. 12, 13

9 de abril de 1894

---

[29] Oliva Maria residiu por sete anos em Piracicaba, com seus pais e sete irmãos, em uma casa localizada na Rua da Boa Morte.

Com 15 anos de idade, deixa a casa dos pais em Piracicaba e ingressa no Convento da Luz. .... p. 13 - 15

5 de junho de 1895

Toma o hábito da Imaculada. .... p. 18

29 de junho de 1896

Aos 17 anos, faz sua profissão religiosa, com o compromisso de observar os estatutos do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz. .... p. 18

Em 1908

Eleita, pela primeira vez, com apenas 29 anos de idade, para ocupar o cargo de Madre Regente para o triênio 1908 – 1911. .... p. 27

Em 1911

Deixa o cargo de regência, para ser ocupada por outra Irmã eleita. .... p. 31

2 de abril de 1916

Eleita Regente para o triênio 1916-1919, recebe do Arcebispo a autoridade "para destruir e edificar, plantar e extirpar o que julgasse necessário" .... p. 33 - 35

11 de maio de 1916

No mês subsequente à sua eleição, recebe a notícia do falecimento de seu pai, João Grespan,

que já residia em São Paulo com a família. .... p. 35

Em 1917

Inicia grandes transformações no Noviciado; adapta os estatutos escritos por Frei Galvão às Constituições da Ordem do Recolhimento da Luz, incluindo a clausura papal. Em vista dessas alterações, a autoridade eclesiástica muda o título de Regente para Abadessa. .... p. 35, 36

15 de abril de 1917

Abre o Noviciado que estivera fechado por vários anos, recebendo então 15 noviças e duas postulantes. .... p. 36

Em 1917

Escreve uma biografia de Monsenhor Francisco de Paula Rodrigues, o "Padre Chico", e inicia conversações com os superiores eclesiásticos sobre a necessidade de cuidar-se da causa de beatificação de Frei Galvão, mediante requerimento inicial. .... p. 39, 40

Abril de 1919

Por eleição das Religiosas, reconduzida ao cargo de Abadessa, para o triênio 1919-1922.[30] ...... *p. 43*

De 1917 a 1922

Observando a necessidade de ampliação do Mosteiro da Luz e também com o objetivo de melhorar as condições da área da clausura e a saúde das Irmãs, realiza obras de reparo e modificações no prédio, com base no projeto original de Frei Galvão, semi-acabado, de acordo com desenho feito por ele na parede de sua cela.[31] .... *p. 40*

Em 1922

Inicia os estudos sobre a vida de Frei Galvão, para depois escrever a sua biografia. .... *p. 43, 44*

12 de julho de 1924

Juntamente com as demais 36 religiosas do Convento da Luz e por ordem do Arcebispo, transfere-se para o Convento das Carmelitas a fim de evitar ferimentos e perdas de vidas em decorrência das bombas e projéteis das forças federais que, errando seu alvo – o vizinho quartel

---

30 Em 1919 o País é assolado pela gripe espanhola. De sua casa, na Alameda Glete, a família Grespan assiste à frequente passagem de caminhões carregados de corpos empilhados, vítimas da epidemia. Um dos irmãos de Madre Oliva, Rafael Grespan, vicentino da Igreja Sagrado Coração de Jesus, ao visitar doentes pobres contrai a doença e vem a falecer, deixando esposa grávida e 4 filhas.

31 O prolongamento do edifício, aumentando consideravelmente a fachada para o lado esquerdo até a casa do Capelão, é administrado pelo Conde de Prates, síndico do Convento, que arca pessoalmente com os custos. (SANTOS, Armando Alexandre, Frei Galvão – O primeiro Santo Brasileiro, Petrus Editora, 2007, S. Paulo, p. 49; ver também MARISTELA, Frei Galvão - Bandeirante de Cristo, Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz, 2ª Edição, 1978, p. 111).

da Força Pública, principal reduto dos revoltosos de 1924 –, atingiam o Convento da Luz.[32] .... *p. 61*

26 de julho de 1924

Falece Florinda Grespan, a mãe de Madre Oliva.[33] .... *p. 62*

Abril de 1925

Eleita Abadessa para o triênio 1925-1928. *p. 65*

7 de abril de 1926

A pedido de Madre Oliva, a Santa Sé concede autorização e ela emite votos perpétuos nas mãos do Arcebispo Dom Duarte. .... *p. 66*

11 de junho de 1926

Da mesma forma, a Santa Sé autoriza e – pela primeira vez na Comunidade da Luz – as Irmãs emitem seus votos perpétuos nas mãos de Madre Oliva. Até essa época, as Religiosas faziam

---

32 Durante a Revolução de 1924, as famílias residentes nas proximidades do quartel da Força Pública, na Avenida Tiradentes, ou do Palácio dos Campos Elíseos, tiveram que abandonar suas casas. Helena Labriola de Campos Negreiros conta que a família de Maria Grespan, irmã de Madre Oliva, ficou confinada em casa sem gêneros alimentícios e, diante do estado de necessidade, Carmelo, marido de Maria, arriscou-se a sair para procurar alimento, voltando com o chapéu perfurado por uma bala.

33 Helena Labriola de Campos Negreiros conta também que nos últimos dias da Revolução de 1924, com Dona Florinda ainda em seu leito de morte, a residência dos Grespan, na Alameda Glete, foi ocupada pelos rebeldes, que instalaram metralhadoras nas janelas voltadas para o Palácio do Governo nos Campos Elíseos, tornando-se, por isso, alvo direto do fogo das tropas do governo. Diante do perigo, os membros da família foram para a casa de parentes na zona norte da cidade, permanecendo ali, para cuidar da mãe em estado terminal, apenas os seus filhos Luiz, Eduardo e Gelindo, irmãos de Madre Oliva. Dona Florinda morreu no dia 26 de julho e, durante o velório, os três irmãos tiveram que proteger-se das balas debaixo da mesa onde estava o caixão com o corpo de sua mãe.

apenas votos temporários ou condicionais, para o tempo que permanecessem no Recolhimento. A partir de então, passou-se à estrita observância da Regra da Ordem das Concepcionistas. .... *p. 66*

26 de julho de 1926

A Fundadora da Ordem da Imaculada Conceição, Madre Beatriz da Silva, é beatificada pelo Papa Pio XI, podendo então ser venerada. Assim, Madre Oliva encomenda a artistas sacros portugueses uma imagem da Beata Beatriz. .... *p. 70*

11 de novembro de 1926

A pedido do Bispo Dom José Carlos de Aguirre da Diocese de Sorocaba, Madre Oliva viaja para aquela cidade a fim de reformar (inclusive com melhorias prediais) o Recolhimento de Santa Clara, também fundado por Frei Galvão, visando a sua elevação em Mosteiro. .... *p. 67- 68*

8 de dezembro de 1926

Festa da Imaculada Conceição, completa-se a reforma e 20 Irmãs do Mosteiro de Santa Clara tomam hábito da Imaculada, acompanhadas por Madre Oliva. ....*p. 68*

23 de dezembro de 1926

Madre Oliva retorna a São Paulo, sendo considerada pelas Irmãs de Sorocaba sua primeira Abadessa e reformadora. .... *p. 68*

1926

Madre Oliva transmite a Monsenhor Alberto Teixeira Pequeno seu desejo de que se obtenha a incorporação do Mosteiro à Ordem da Imaculada Conceição, cuja regra já está sendo observada. Monsenhor Pequeno considera impossível essa aspiração e não a leva ao conhecimento do Arcebispo. .... *p. 69 – 70*

1927

Chega de Portugal a bela imagem da Beata Beatriz, encomendada por Madre Oliva, ocupando um altar lateral da Igreja do Mosteiro da Luz. [34]

.... *p. 70*

Abril de 1928

Reeleita Abadessa para o triênio 1928 a 1931

.... *p. 77*

1928

Madre Oliva recorre diretamente ao Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva escrevendo longa carta com o objetivo de realizar-se a incorporação à Ordem das Concepcionistas. Aceito o pedido pelo Arcebispo, Madre Oliva assina requerimento à Santa Sé. .... *p. 70 - 74*

1928

Recebe ordens do Monsenhor Pequeno para, enquanto se aguardava que Roma enviasse as Constituições da Ordem das Concepcionistas,

[34] Mais tarde, em 3 de outubro de 1976, com a canonização de Santa Beatriz pelo Papa Paulo VI, essa imagem foi entronizada no altar mor.

que reformasse as existentes no Mosteiro da Luz e as adaptasse aos cânones vigentes. *p. 77*

1928

Publicada a biografia de Frei Galvão escrita por Madre Oliva Maria de Jesus (sob o pseudônimo de *Sór Myrian*).[35] .... *p. 43 - 44*

1929

A fachada da nova ala do Mosteiro passa por reformas, em trabalho conjunto do Arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva com Madre Oliva, no cargo de Abadessa. [36]

10 de dezembro de 1929

O Recolhimento de Nossa Senhora da Luz é elevado, canonicamente, à condição de Mosteiro e incorporado à Ordem da Imaculada Conceição (Concepcionistas). A aprovação da Santa Sé, após tramitação iniciada com o pedido da Abadessa Madre Oliva Maria de Jesus completa, mais de um século depois, o Projeto de Frei Galvão e cumpre sua profecia segundo a qual o Convento acabaria solene.[37] .... *p. 80, 81*

---

[35] Aqui ela se refere a Frei Galvão como "herói e grande filho de nossa Pátria", vaticinando no capítulo I que ele seria "como o esperamos e pedimos a Deus, o primeiro Brasileiro, que veremos receber as honras dos altares". Essa é a primeira biografia a ser publicada do "Fundador e Primeiro Capelão do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição da Luz da Divina Providência".

[36] O objetivo é o de padronizar as janelas, beiral e telhado com o estilo da Igreja e da fachada da ala antiga.
(Monumenta http://compras.prefeitura.sp.gov.br/licitações/textos/Histórico.pdf).

[37] O Breve Pontifício expedido pelo Papa Pio XI favorável ao Mosteiro da Luz, coincide com a criação do Estado do Vaticano, ocorrida em 11 de fevereiro de 1929, mediante o Tratado de Latrão. A respeito da elevação do Convento da Luz a mosteiro de direito pontifício ver também MARISTELA, Frei Galvão - Bandeirante de Cristo, Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz, 2ª Edição, 1978, p. 111, 112.

Agosto de 1930

Iniciada a publicação do periódico ***Celeste Orvalho***, idealizado por Madre Oliva, a pedido dos devotos, para divulgar os favores obtidos pela intercessão de Frei Galvão. .... *p. 79*

1931

Publicada a obra ***No Vergel Concepcionista***, escrita por Madre Oliva, contendo resumo biográfico das Santas Irmãs do Convento da Luz. .... *p. 79*

1931

O Arcebispo de São Paulo prorroga o mandato de Abadessa de Madre Oliva por mais um ano, passando a contar o triênio a partir dos seus votos solenes, professados em dezembro de 1929. .... *p. 83*

Dezembro de 1932

Por considerar que o Mosteiro da Luz foi efetivamente fundado na data de sua elevação a Mosteiro de direito pontifício, isto é, em 10 de setembro de 1929, Monsenhor Alberto Pequeno determina que, na condição de Prelada Fundadora, Madre Oliva, deva exercer o cargo de Abadessa por 12 anos, podendo ainda ser reeleita por duas vezes. .... *p. 83 - 84*

5 de junho de 1938

Aberto o processo de beatificação de Frei Galvão. Com base em subscrição encabeçada pelo Monsenhor João Batista Martins Ladeira e contendo mais de 50.000 assinaturas, Madre Oliva Maria de Jesus, Abadessa do Mosteiro, suplica ao então Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, a introdução da Causa de Beatificação de Frei Galvão. O início do processo é deferido nesse mesmo dia. Por isso Madre Oliva é considerada a impulsionadora da Causa de beatificação de Frei Galvão, além de ser sua primeira biógrafa.[38]

1942

Empreende a fundação do Mosteiro de Guaratinguetá, cidade por ela escolhida por ser a terra natal de Frei Galvão, justa homenagem de gratidão por ter ele fundado o Mosteiro da Luz. .... *p. 91, 92*

Maio de 1943

Chegam da Santa Sé as Constituições da Ordem das Concepcionistas com teor praticamente idêntico ao das Regras provisórias escritas por Madre Oliva em 1928.[39] .... *p. 80*

---

[38] SANTOS, Armando Alexandre, **Frei Galvão – O primeiro Santo Brasileiro**, Petrus Editora, São Paulo, 2007, p. 106, 107

[39] Tal fato histórico deu-se no mesmo ano em que o Mosteiro da Luz foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – 16/08/1943; ver também MARISTELA, **Frei Galvão - Bandeirante de Cristo**, Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz, 2ª Edição, 1978, p. 112.

8 de outubro de 1944

Inaugura o novo Mosteiro Concepcionista de Guaratinguetá e permanece 3 meses naquela cidade para consolidar o nova Comunidade Religiosa.

1944

Publicado o opúsculo de sua autoria, ***O Tesouro Escondido*** ou ***A Felicidade da Religiosa Conversa.*** Organiza também a crônica do Convento fazendo narração sucinta desde a sua fundação.

Março de 1945

Reeleita para o cargo de Abadessa para o triênio 1945-1948, mesmo apresentando grave estado de saúde. [40]

1945

Dedica seus últimos anos à elaboração do Diretório, reunindo todas as normas editadas pelo Mosteiro da Luz, para seu particular funcionamento (como, por exemplo, as condições para a admissão no Convento; o tempo de formação e para o compromisso das religiosas; a frequência aos Sacramentos e as orações que as irmãs devem elevar a Deus todos os dias; o ritmo das reuniões da Comunidade, a forma de sua celebração e a frequência dos retiros espirituais; estrutura organizacional e eleições etc.) conforme estabelecido nas

[40] De acordo com Helena Labriola de Campos Negreiros, verificou-se aqui um vaticínio de Monsenhor Pequeno: "Madre Regente doente, Madre Regente para sempre".

Constituições Gerais enviadas pela Santa Sé em 1943. .... *p. 98*

18 de junho de 1946

Inicia retiro espiritual de 10 dias em preparação à comemoração do seu 50º aniversário de profissão religiosa, considerando os votos emitidos em 29 de junho de 1896, aos 17 anos de idade. .... *p. 102*

29 de junho de 1946

Jubileu de ouro da profissão religiosa de Madre Oliva. Recebe da comunidade religiosa ramalhete espiritual de orações. Missa celebrada pelo Monsenhor José Maria Monteiro com a participação do coro dos Congregados Marianos, vários deles sobrinhos da querida Madre Oliva. Após a missa renova os votos. Recebe de presente mensagem com a benção do Santo Padre Pio XII com o seguinte texto: "O *sumo Pontífice envia de coração, por motivo do quinquagésimo aniversário de profissão religiosa, a benção apostólica pedida, extensiva a toda a comunidade, com votos de dons e favores celestes. Montini, Substituto.*" O Cardeal Montini tornou-se o Papa Paulo VI. .... *p. 103 - 106*

1948

A pedido de um Sacerdote franciscano começa a escrever um livro a que daria o título de **O Espírito de Frei Galvão**. Porém, seu precário estado de saúde e o pouco tempo que lhe resta de vida na terra impedem a realização do projeto. .... *p. 79, 80*

Setembro de 1948

Termina o mandato de Madre Oliva e ocorre visita canônica. A Comunidade solicita e obtém de Roma a autorização para que ela possa ser reeleita para o triênio 1948-1951, apesar de seus insistentes pedidos para se retirar do cargo a fim de preparar-se para a morte, devido às doenças crônicas que a afligiam e se agravavam. .... *p. 107 - 109*

7 de dezembro de 1948

Pela última vez sobe ao coro para cantar as Vésperas e as Matinas pela Festa da Imaculada Conceição, celebrada em 8 de dezembro. *p. 110*

18 de abril de 1949

Desenganada pelos médicos diante do seu gravíssimo estado de saúde, todos os mosteiros da Ordem da Imaculada e as comunidades amigas unem-se em oração, fazendo novena a Frei Galvão. A comunidade do Mosteiro da Luz passa em vigília, em adoração ao Santíssimo, exposto no oratório, pedindo pela vida da religiosa. Nessa mesma noite, Madre Oliva começa a se recuperar. .... *p. 111*

31 de agosto de 1949

Último recreio de Madre Oliva com a comunidade à sombra da grande árvore de cambuci, mesmo lugar escolhido por Frei Galvão para descansar de seus labores. .... *p. 112*

7 de setembro de 1949

Pela manhã, em estado terminal, mas lúcida, Madre Oliva recebe o sagrado Viático e a Extrema-Unção. Pede perdão a todas as Irmãs por desgostos causados bem como um hábito para ser sepultada. À meia-noite, quando a comunidade começa a salmodiar as Matinas da natividade de Nossa Senhora, ela diz: "É hoje... Reze e peça para as Irmãs rezarem um terço no coro". .... *p. 114, 115*

8 de setembro de 1949

Festa da Natividade de Nossa Senhora. "Rezem" é a última palavra pronunciada por Madre Oliva. Recebe a comunhão às quatro e trinta da manhã. Ao final da missa Conventual, falece rodeada pelas monjas que testemunharam seu momento de Júbilo, divisando a aparição de Nossa Senhora "esta Mãe amorosíssima veio receber a bela alma de sua filha muito amada, e em seus braços maternos a conduziu até o Coração de Deus, onde repousará eternamente". .... *p. 115 - 118*

Pós-morte

13 de setembro de 1949

Em sua coluna *"Movimento Religioso"* o jornal **O Estado de São Paulo** publica a nota que aqui está fielmente reproduzida:

RVDMA. MADRE ABADESSA DO MOSTEIRO DA LUZ

Missa de 7º dia de seu passamento

Será celebrada amanhã (14), na Capela do Mosteiro da Luz, na Avenida Tiradentes, 676, às 8 horas, a missa de 7.o dia por alma da veneranda Madre Oliva Maria de Jesus, cujo falecimento ocorreu no dia 8, festa da Natividade de Nossa Senhora.

Será celebrante s. exa. rvdma. sr. Bispo auxiliar, d. Paulo Rolim Loureiro. O falecimento desta venerável religiosa sensibilizou vivamente os meios religiosos de São Paulo. Durante 33 anos, até sua piedosa morte, madre Oliva vinha exercendo com grande sabedoria e zelo o cargo de superiora, ou seja abadessa, do velho convento das enclausuradas Irmãs Concepcionistas, tão integradas nas mais venerandas tradições religiosas de São Paulo. A madre Oliva nasceu em São Martinho, Treviso, na Itália, aos 6 de abril de 1879. Chamada por Deus para a vida religiosa entrou para o antigo Recolhimento da Luz aos 9 de abril de 1894, onde tomou o santo hábito de Nossa Senhora da Conceição aos 5 de julho de 1896. Foi eleita regente no dia 15 de dezembro de 1908, cargo que exerceu até 1911. Reeleita em 1916 serviu até 1922. Em 15 de dezembro de 1925, no governo do saudoso primeiro arcebispo de São Paulo, dom Duarte Leopoldo e Silva, foi por eleição designada para Abadessa do Mosteiro. No desempenho desse alto múnus prestou relevantes serviços ao seu Convento e às suas religiosas, às quais se dedicou com desvelo de verdadeira mãe. Durante sua gestão, madre Oliva tomou parte na reforma do Convento de Santa Clara em Sorocaba e da fundação do novo Mosteiro de Irmãs Concepcionistas em Guaratinguetá, terra do grande fundador e benfeitor do Convento da Luz, o servo de Deus frei Antonio de Santana Galvão. Apoiou e auxiliou com santo entusiasmo a recente fundação do novo Mosteiro de Concepcionistas, em Uberaba. Ultimamente vinha sentindo grandes achaques que a levaram até a morte, indo

receber na eternidade a recompensa dos muitos trabalhos e virtudes que praticou neste mundo. Adormeceu santamente no Senhor, deixando às suas religiosas, parentes e conhecidos a mais viva saudade.

1949

Publicada a primeira edição da biografia de Madre Oliva Maria de Jesus, tendo a autora permanecido anônima. Sabemos tratar-se da Irmã Maria Beatriz do Espírito Santo (Irmã Edwiges Caleffi, que em trabalhos posteriores passaria a usar o pseudônimo de MARISTELA), monja do Mosteiro da Luz que com ela conviveu.

19 de julho de 1956

Sendo necessário trasladar o corpo de Madre Oliva para o novo cemitério das irmãs, foi ele exumado e encontrado absolutamente intacto, conforme atestado e documentado por médico que prestava assistência médica às religiosas do Mosteiro da Luz. .... *p. xxiii - xxvi*

1993

Na 3ª edição de seu livro sobre Santa Beatriz da Silva, Madre Maria Beatriz do Espírito Santo (Irmã Edwiges Caleffi, "Maristela") apresenta uma alegoria das "Glórias da Ordem Concepcionista" [41] (reproduzida na página 139),

---

[41] MARISTELA (Madre Maria Beatriz do Espírito Santo), **Da Corte ao Claustro**, Mosteiro Portaceli (Ponta Grossa, PR), 3ª Edição corrigida, 1993, p.

onde Madre Oliva Maria de Jesus e mais oito (dentre as inúmeras) concepcionistas que se destacaram na Ordem são representadas ao lado da fundadora, Santa Beatriz da Silva, para, em seguida, resumir suas respectivas biografias.

21 de outubro de 2008

No *blog* "**Santa Beatriz da Silva**" mantido pela Ordem da Imaculada Conceição em Campo Maior, Portugal (local de nascimento de Santa Beatriz), Madre Oliva Maria de Jesus figura num elenco de "Concepcionistas Veneráveis". [42]

junho de 2009

---

177 e seguintes.

[42] A lista, sem dúvida incompleta, é a seguinte: Madre Maria de San Pablo, Sor Ines de San Pablo, Madre Ágreda, Sor Ines de San Pablo Franco, Sœur Marie-Rose-Joseph de Saint Antoine, Madre Gertrudis de la Ssma. Encarnación, Sor Maria Filomena Bustamante, Madre Ángeles Sorazu, Sor Dalia Guadalupe Gil Solar, **Madre Oliva Maria de Jesus**, Madre Maria de los Ángeles de Fanlo y Sanz, Sor Maria Francisca del Niño Jesús, Sor Maria de Jesús Laco Iriarte, Madre Cecília da Imaculada, Sor Maria Paz de la Sagrada Família, Sœur Marie-Celèste, Sor Maria Celeste del Divino Amor (La Cieguita del Niño Jesús), **Madre Maria de Lourdes de Santa Rosa**, Madre Maria Ana Alberdi, Sor Maria Sagrario del Niño Jesús Quesada, Sor Angélica Bueno, **Madre Joana Angélica de Jesus** (Mártir da Independência do Brasil), Sor Maria Beatriz de Santa Tereza (Mártir de Madrid), Madre Ángeles del Sagrado Corazón Rodrigues Molinero (Mártir), Nove Mártires de Madrid, Mártires Incruentas de Toledo, Madre Maria de la Concepción e Sor Carmen (Mártires del Pardo), Madre Maria de Lurdes Ipola Gonzales (Mártir). Reproduzimos em **negrito** os nomes de Concepcionistas "brasileiras" ainda que duas delas não tenham nascido no Brasil: **Madre Oliva Maria de Jesus** (nascida em San Martino, Treviso, Itália), **Madre Maria de Lourdes de Santa Rosa** (nascida em Polignano a Mare, Puglia, Itália) e **Madre Joana Angélica de Jesus**, esta brasileira nata, de Salvador, Bahia. (Ver http://santabeatrizdasilva.blogspot.com/2008/10/concepcionistas-venerveis_21.html)

A Câmara Municipal de Piracicaba aprova o projeto de lei 108/09 apresentado pelo vereador José Aparecido Longatto, conferindo o nome de MADRE OLIVA MARIA DE JESUS a uma praça do Jardim Wittier, em Vila Rezende, na cidade de Piracicaba que por sete anos acolheu a menina Oliva Maria. A propositura é decorrente de pedido dos moradores do bairro (através de abaixo-assinado) e das Irmãs do Mosteiro Imaculada Conceição de Piracicaba.

Por essa ocasião, a Irmã Maria Antonia, do Convento de Piracicaba, - que estava presente à exumação do corpo de Madre Oliva em 1956 "*e pôde tocar o corpo intacto*" – e o Sr. Claudinei Pollesel, do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, elaboraram um belo apanhado biográfico de Madre Oliva com o título ***Madre Oliva Maria de Jesus, a italianinha que saiu de Piracicaba para reformar e aperfeiçoar a obra do Santo Frei Galvão***, o qual termina afirmando que "*apesar de todas as limitações físicas e intelectuais tornou-se grande aos olhos de Deus. Suas filhas espirituais aspiram pelo dia em que Madre Oliva Maria de Jesus receberá as honras dos altares*".

1950 a 2011

Têm chegado ao conhecimento do Mosteiro da Luz relatos de graças obtidas por pessoas que, conhecendo sua santa vida, recorreram à intercessão de Madre Oliva Maria de Jesus.

Obediente – como toda concepcionista – à intenção da fundadora Santa Beatriz, Madre Oliva certamente integrou-se ao extenso rol de "santas ocultas" que, naquele Convento Concepcionista, ao formularem seus votos

perpétuos e de clausura, optaram desaparecer das vistas humanas em seu serviço a Deus.

A evocação da intercessão de Madre Oliva tem sido feita através da fórmula transcrita a seguir:

ORAÇÃO

> Ó meu Jesus, eu vos peço que glorifiqueis na terra vossa dedicada serva, **Madre Oliva Maria de Jesus**, que, imitando vossa Mãe Imaculada e seguindo os passos de Santo Antonio de Sant'Anna Galvão, viveu em louvor perene a vós no Santíssimo Sacramento. E vos rogo que, por sua intercessão, me concedais a graça que tanto almejo, vós que sois Deus com o Pai e o Espírito Santo. Amém.

Pai Nosso, Ave Maria, Glória ao Pai

Essa fórmula sintetiza sua trajetória de vida, em perfeita continuidade à obra iniciada por Frei Galvão, reverenciando profundamente Nossa Senhora da Imaculada Conceição (que apareceu à Santa Beatriz solicitando-lhe que fundasse a Ordem...) e a Santíssima Trindade.

Glórias da Ordem Concepcionista

Santa Beatriz da Silva (com a estrela), Madre Maria Teresa de Jesus Romero (com o ramo de lírios), Sóror Rosa Dewes (com a maquete do convento), Madre Maria Ángeles Sorazu (com o livro fechado), Madre Maria Dolores do Patrocínio (com a coroa de espinhos), Madre Maria de Jesus Ágreda (com a pena e o livro aberto), Madre Oliva Maria de Jesus (sustentando o coração), Madre Maria Filomena do Patrocínio (com a cruz), Madre Joana Angélica de Jesus (com a palma do martírio) e Sóror Maria de Jesus (com o cálice e a hóstia). O desenho original, assinado "R.G." (Roque Giudice), é aqui reproduzido (com ligeiras adaptações) com a autorização da autora de "Da Corte ao Claustro" (Op. Cit.).

Família (e amigos) de Madre Oliva Maria de Jesus após Missa de Ação de
Graças, por ocasião do 50º aniversário de sua morte, celebrada no Mosteiro da Luz.
Setembro de 1999.

Família (e amigos) de Madre Oliva Maria de Jesus após Missa de Ação de
Graças, por ocasião do 60º aniversário de sua morte, celebrada no Mosteiro da Luz.
Setembro de 2009.

Família de Madre Oliva Maria de Jesus após Missa de Ação de Graças, em memória dos seus 133 anos de nascimento, celebrada no Mosteiro da Luz.
Abril de 2012.

Sobre a Autora

Irmã Maria Beatriz do Espírito Santo, cujo nome civil é Edwiges Caleffi, nasceu em 1922, numa fazenda de propriedade de seu avô materno, no Município de Jundiaí, no Estado de São Paulo.

Seus pais, Maria Tonoli e Mário Caleffi eram filhos de imigrantes italianos. Além de Edwiges, tiveram o filho José (1919-2009).

Portanto, neta de italianos, cristãos de Batismo e vida honesta, mas quase sem prática religiosa.

Aos dois anos de idade, Edwiges ficou órfã do pai (faleceu aos 36 anos) e aos quatro anos, perdeu a mãe (com 24 anos).

Cresceu e foi educada aos cuidados de seus familiares e tendo chegado aos 20 anos de idade, Edwiges sentiu-se chamada para a vida religiosa. Escolheu a vida contemplativa no Mosteiro da Luz de São Paulo, onde ingressou em março de 1942. Ali residiu até 1966, quando se transferiu para a cidade de Ponta Grossa, no Paraná,

a fim de iniciar um novo Mosteiro da Ordem da Imaculada Conceição, onde reside até os dias atuais (maio de 2012), o **MOSTEIRO PORTACELI**.

Como fundadora, foi também a primeira Abadessa desse Mosteiro, e por muitas vezes permaneceu no cargo, por eleição daquela Comunidade. Exerceu o cargo por 32 anos.

Irmã Maria Beatriz do Espírito Santo em fotografia feita no Mosteiro Portaceli em setembro de 2011 por ocasião da comemoração dos 500 anos da Regra Concepcionista.

Obras da Autora (uma delas publicada sem indicação de autoria, as outras sob o pseudônimo de **MARISTELA**):

1948 **DA CORTE AO CLAUSTRO**, reeditada sob o título de **A BELEZA QUE NUNCA MORRE** - trata da vida de Santa Beatriz, fundadora da Ordem da Imaculada Conceição.

1949 **MADRE OLIVA MARIA DE JESUS** - narra a vida e obra de Madre Oliva, Abadessa do Mosteiro da Luz, com quem conviveu por 7 anos.

1954 **FREI GALVÃO – O BANDEIRANTE DE CRISTO**, obra que deu origem a uma outra, também de sua autoria, **FREI GALVÃO – FIEL SERVO DE DEUS**, esta última uma forma mais resumida sobre a vida de Frei Galvão, cofundador do Mosteiro da Luz e canonizado em 11 de maio de 2007 como Santo Antonio de Sant'Anna Galvão, o Primeiro Santo Brasileiro.

Outros trabalhos literários de cunho religioso:

- Elaboração de **NOVENAS** e **VIAS-SACRAS** (aproximadamente 10), sob a forma de

Devocionário, baseadas nas Doutrinas da obra **MÍSTICA CIDADE DE DEUS** [43].

- Tradução da obra da Irmã Maria de Jesus de Ágreda, **MÍSTICA CIDADE DE DEUS**, em quatro volumes, com a autorização do Mosteiro da Imaculada Conceição de Ágreda, Espanha. Essa tradução ocupou Madre Beatriz por 25 anos, trabalho esse oferecido a Nossa Senhora, por ter tido êxito a fundação do Mosteiro Portaceli.

IMPRESSO NA
GRÁFICA AVE MARIA
SÃO PAULO

[43] MÍSTICA CIDADE DE DEUS foi escrita entre 1660 e 1665 conforme longas revelações recebidas diretamente da Virgem Maria pela Irmã Maria de Jesus de Ágreda, uma das "Glórias da Ordem Concepcionista" retratadas por Irmã Maria Beatriz em seu livro DA CORTE AO CLAUSTRO (v. página 139 deste). Em MÍSTICA CIDADE DE DEUS, Maria Santíssima conta sua vida terrena e celestial. Traz detalhes tanto terrenos – por exemplo, da forma da Terra (no século XVII muitos ainda não admitiam que fosse redonda) e, sobretudo, acerca de profundas questões espirituais: a Imaculada Conceição da Virgem Maria, a sua Assunção, as funções dos arcanjos Miguel e Gabriel, meticulosos detalhes sobre a Infância de Jesus e a Paixão, Ressurreição e Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo. Nossa Senhora revela também os mistérios do relacionamento com o Deus Uno e Trino e apresenta doutrinas para adquirir a verdadeira santidade. O original deste livro está manuscrito em bico de pena e ocupa oito tomos. O corpo incorrupto de Maria de Jesus de Ágreda, falecida em 24 de maio de 1665, pode ser visitado na Igreja do Convento Concepcionista de Ágreda, Espanha.